

**YARA KAROLINA SANTANA DE MATTOS MESSIAS**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL - UFMS CAMPUS DE  
AQUIDAUANA  
PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM ESTUDOS CULTURAIS CURSO DE  
MESTRADO**

**YARA KAROLINA SANTANA DE MATTOS MESSIAS**

**A GUERRA DO PARAGUAI / GUERRA GUASU A PARTIR DE HISTÓRIAS EM  
QUADRINHOS, AULAS OFICINA E DE UMA MIRADA COMPARADA (BRASIL E  
PARAGUAI)**

**AQUIDAUANA – MS  
AGOSTO DE 2022**

**YARA KAROLINA SANTANA DE MATTOS MESSIAS**

**A GUERRA DO PARAGUAI / GUERRA GUASU A PARTIR DE HISTÓRIAS EM  
QUADRINHOS, AULAS OFICINA E DE UMA MIRADA COMPARADA (BRASIL E  
PARAGUAI)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós- Graduação, mestrado em Estudos Culturais, PPGCult/UFMS, como requisito parcial para a obtenção do título de mestra em Estudos Culturais. Área de concentração: Sujeitos e Linguagens. Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Ana Paula Squinelo.

**AQUIDAUANA – MS  
AGOSTO DE 2022**

## **BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr<sup>a</sup>. Ana Paula Squinelo.

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS/PPGCult/CPAq, Aquidauana/MS)  
(Orientadora)

---

Prof. Dr. Aníbal Herib Caballero Campos (Universidad Nacional de Canindeyu,  
Paraguay/PY)(Examinador Externo)

---

Prof. Dr. Fábio da Silva Sousa

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS/PPGCult/CPAq, Aquidauana/MS)  
(Examinador Interno)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Marcela Cristina Quinteros

Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD, Dourados/MS)(Examinadora Externa)

---

Prof. Dr. Leandro Mendonça Barbosa

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS/PPGCult/CPAq, Aquidauana/MS)

(Suplente de Examinador Externo)

---

Prof. Dr. Antonio Firmino de Oliveira Neto

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS/PPGCult/CPAq, Aquidauana/MS)

(Suplente de Examinador Interno)

## Resumo

A presente dissertação, intitulada A Guerra do Paraguai/Guasu a partir de Histórias em Quadrinhos, Aulas Oficina e de uma mirada comparada (Brasil e Paraguai), tem como objetivo apresentar a partir de uma abordagem comparativa, os grupos/protagonistas que foram representados nas HQs. Nesse sentido, esse trabalho caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa de natureza historiográfica com aporte teórico dos Estudos Culturais e metodológico da História Comparada. A escolha desse tipo de estudo coaduna com uma epistemologia interdisciplinar apontando para os Sujeitos e Linguagens; por meio de análises teóricas das dinâmicas relações construídas e representadas nas HQs, Adeus, chamigo brasileiro: Uma história da guerra do Paraguai de André Toral (2008) e Guerra contra la Triple Alianza: vencer o morir de Pertile Enzo (2011). Dessa forma, rompemos com a perspectiva positivista e cartesiana de se problematizar a História. Não buscamos, necessariamente, destacar as semelhanças entre as obras mencionadas, mas sim as diferenças em relação ao outro brasileiro (a) /paraguaio (a), apoiados, sobretudo, na perspectiva sobre a diferença/outro trazida pelo autor Homi Babha. A hipótese sustentada é a de que as HQs, enquanto fenômeno social e histórico, estão sujeitas à incorporação de aspectos da sociedade e de referências forjadas culturalmente. Os resultados da pesquisa, até o momento, reforçam a necessidade de se lançar um novo olhar em relação às histórias em quadrinhos no contexto sociocultural e esmaecimento das fronteiras identitárias, assim como, os estereótipos em relação a história em quadrinhos enquanto objeto de estudos e pesquisas.

**Palavras-chave:** Quadrinhos. Representação. Guerra do Paraguai.

## Abstract

The present dissertation, entitled *A Guerra do Paraguai/Guasu from Comics, Aulas Oficina* and from a comparative perspective (Brazil and Paraguay), aims to present, from a comparative approach, the groups/protagonists that were represented in the comics. In this sense, this work is characterized as a qualitative research of a historiographical nature with a theoretical contribution from Cultural Studies and a methodological contribution from Comparative History. The choice of this type of study is consistent with an interdisciplinary epistemology pointing to Subjects and Languages; through theoretical analyzes of the dynamic relationships constructed and represented in the comics, *Adeus, chamigo brasileiro: A history of the Paraguayan War* by André Toral (2008) and *Guerra contra la Triple Alianza: viver o morir* by Pertile Enzo (2011). In this way, we break with the positivist and Cartesian perspective of problematizing History. We do not necessarily seek to highlight the similarities between the works mentioned, but the differences in relation to the other Brazilian (a) / Paraguayan (a), supported, above all, in the perspective on the difference / other brought by the author Homi Babha. The sustained hypothesis is that comics, as a social and historical phenomenon, are subject to the incorporation of aspects of society and culturally forged references. The research results, so far, reinforce the need to take a new look at comics in the sociocultural context and blurring identity boundaries, as well as the stereotypes in relation to comics as an object of studies and research.

**Keywords:** Comics. Representation. Paraguay War

## **Agradecimentos**

Sou avessa a noção de certeza, e no caminhar desse processo de formação deparei-me com uma, de que sozinha não se faz uma dissertação. Ao longo desses dois anos e meio de mestrado eu pude contar com uma rede de apoio incrível, a qual tenho muito a agradecer.

Começo agradecendo à minha orientadora, a Profa. Ana Paula Squinelo, a quem eu tive a sorte de conhecer, quando fazia a graduação em 2012, e desde então sua presença, sua história de vida, as formas de ensinar, marcaram de forma decisiva a minha formação. Muito do que estudei são rastros de suas pesquisas. Ana, você inspira com sua postura incansável de luta por uma educação pública de qualidade e equidade. Encanta pela generosidade, sensibilidade, dedicação e o acolhimento durante a vivência acadêmica no período de orientação. Não há palavras para agradecer todo aprendizado, trocas e amizade até aqui construída. Como tenho muito a aprender, seguirei próxima a ti.

Ao professor Fabio da Silva Sousa (UFMS, Nova Andradina/MS), pelas aulas na disciplina Seminários Interdisciplinares de Pesquisa, em conjunto com as professoras Helen Paola Vieira Bueno e Ana Paula Squinelo. Pela participação na banca de qualificação com apontamentos e observações que me ajudaram a organizar e melhorar a escrita da dissertação.

Ao professor Aníbal Herib Caballero Campos (Unican – Paraguai/PY), pelas aulas na disciplina de Tópicos especiais em Estudos Culturais: múltiplos olhares e narrativas sobre o Paraguai, em conjunto com a professora Marcela Cristina Quinteros e a professora Ana Paula Squinelo, que me fizeram repensar toda minha formação escolar e o ensino sobre a história da guerra do Paraguai/Guasu que eu havia aprendido desde então. Essa disciplina foi potente ao ponto de me descortinar outros olhares sobre o conflito e os sujeitos que viveram nos campos de batalha. Pela participação na banca de qualificação com apontamentos que me ajudaram a compreender a relação entre a historiografia paraguaia e a brasileira.

Ao professor Nataniel dos Santos Gomes (UEMS, Campo Grande/MS), por me incentivar a realizar a seleção do mestrado, por ter me apresentado a HQ Maus. A partir daquele momento eu acreditei na possibilidade de tentar a seleção. Pela generosidade em compartilhar materiais, por mostrar através de pesquisas em quadrinhos, o quanto essa fonte é rica, potente e complexa. Por me incentivar a publicar e pelos apontamentos e sugestões feitos na banca de qualificação, sobretudo em teoria dos quadrinhos.

Agradeço aos professores Aguinaldo Rodrigues Gomes, Miguel Rodrigues de Sousa Neto e os demais professores e professoras do Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais do Campus de Aquidauana, pelo engajamento e luta pela abertura desse curso de mestrado, apesar dos ataques e golpes que as universidades públicas vêm sofrendo nos últimos tempos.

Aos amigos (as) que o mestrado me deu, Israel Aparecido da Silva Junior, Mateus Calvis Soares, Rafael Mascarenhas Matos, Laila Cristina Domingos Ferreira e Ekarolaine Silva de Amarilha Garcia. Não foi possível estarmos juntos presencialmente em sala de aula, durante as disciplinas por conta da pandemia, mas construímos memórias, dialogamos, trocamos bibliografias, participamos de eventos, vocês tornaram minha caminhada menos solitária.

À equipe de trabalho pela colaboração, incentivo e apoio nos momentos em que precisei estar ausente, sobretudo ao Paulo Cezar Rodrigues dos Santos e a Nadia Rivero Rodrigues da Silva, pela oportunidade preciosa que vocês me proporcionaram quando comecei a trabalhar diretamente nessa equipe. As minhas amigas que o trabalho me trouxe, onde eu pude trocar ideias sobre as leituras do mestrado, experiências de vida, acadêmicas, as ajudas com as caronas para chegar no horário das apresentações do seminário, Denize Coelho de Almeida, Lilian Oliveira Daniel e Claudete Soares Santos.

As amigas de longa data, que durante minha trajetória me apoiaram, incentivaram e torceram pela realização desse trabalho, Vanderlis Legramante Barbosa e Dilza Porto Gonçalves.

Ao professor Rossine Benício Rodrigues pela correção gratuita da primeira versão desse trabalho para banca de qualificação e ao Renan Ramires de Azevedo pelas correções e formações necessárias, vocês dois contribuíram de forma decisiva para construção desse trabalho.

Ao meu esposo Rafael José da Silva Neto, pelo companheirismo em me ouvir, pela torcida, incentivo e compreensão nos momentos de nervosismo e tensões que passamos até chegar ao final dessa escrita. Por ter me dado dois bichinhos incrivelmente bagunceiros, mas que nos momentos mais solitários da escrita estavam sempre comigo Diana e Banguelinha.

A toda minha família, que com todos os problemas, percalços e desencontros, foram minha base de inspiração, referências e amor. Ao meu pai Célio Ricardo de Mattos Messias in memoriam, a minha mãezinha Luzanira Souza Santana, que com sua dedicação, trabalho e fé, ao seu modo e como pode, criou seus cinco filhos.

## Sumário

1	Capítulo .....	21
1.1	História e historiografia sobre a Guerra do Paraguai/Guasú.....	21
1.1.1	Os conflitos antecedentes à guerra.....	21
1.1.2	As versões historiográficas sobre a guerra (1870-1960): os heróis e o sentimento exacerbado do nacionalismo 32	
1.1.3	A versão imperialista sobre o conflito (1960 – 1980). Inglaterra a causadora do conflito platino? .	35
1.1.4	A consolidação dos Estados Nacionais e o protagonismo dos países envolvidos na Guerra do Paraguai/Guasú (1982 – 2021). Reviravolta historiográfica .....	41
2	Capítulo .....	44
2.1	As representações sobre o (os) outro (os) entre (Paraguai/Brasil) nas HQs .....	44
2.1.1	A nona arte brasileira e a paraguaia em destaque .....	44
2.1.2	Sobre Adeus Chamigo brasileiro de André Toral .....	47
2.1.3	Voluntários da Pátria.....	48
2.1.4	Ladislau Iturbe .....	57
2.1.5	Sobre a Guerra contra la Triple Alianza: vencer o morir de Pertile Enzo.....	60
2.1.6	La batalha de Piribebuy.....	62
2.1.7	O cerco a Acosta Ñu/Campo Grande e Cerro Cora .....	66
2.1.8	Quadro comparativo das HQs .....	69
2.1.9	Sobre histórias em quadrinhos, enquadrando conceitos.....	76
3	Capítulo .....	82
3.1	Aulas-oficina e a utilização de HQs no ensino de história .....	82
3.1.1	Leitura de HQ em sala de aula, outros olhares sobre a guerra? .....	82
3.1.2	Oficina 1: As Crianças/Ninõs na Guerra do Paraguai/Guasú. ....	85
3.1.3	Oficina 2: As mulheres no front da Guerra do Paraguai/Guasú. ....	102
3.1.4	Oficina 3: Fragmentos do Cotidiano na Guerra do Paraguai/Guasú. ....	113
4	Conclusões Finais.....	124
5	Referências bibliográficas .....	127

## Lista de Figuras

Figura 1 Mapa da ocupação paraguaia .....	28
Figura 2 - Mapa das operações aliadas .....	42
Figura 3 - Capa da HQ: TORAL, André. Adeus, chamigo brasileiro: Uma história da Guerra do Paraguai. Companhia das Letras, 2008. Capa comum: 128 páginas. 2º Edição colorida. Dimensões: .....	47
Figura 4 - Capa dos subcapítulos da HQ Adeus, Chamigo Brasileiro .....	48
Figura 5 - Em destaque um dos personagens principais; Ladislau Iturbe .....	49
Figura 6 - Em destaque um dos personagens principais; Silvino e seu amigo .....	49
Figura 7 - Em destaque a primeira personagem feminina na HQ – esposa de Silvino, que acabou ficando sem o esposo, grávida .....	50
Figura 8 - Em destaque o personagem Jorge em diálogo com sua mãe e com a mulher idealizada e amada por ele, Helena.....	51
Figura 9 - Capa da HQ: PERTILE, Enzo. Guerra contra la Triple Alianza: vencer o morir. Asunción (PY): Editora: ServiLibro. 2011. Capa comum: 200 páginas. Edição compilada em preto e branco. ....	60
Figura 10 - Capas dos subcapítulos da HQ Guerra contra la Triple Alianza: vencer ou morir .....	61

## Introdução

Pesquisar sobre a Guerra *Guasu* (da Tríplice aliança contra o Paraguai, Grande guerra, Guerra Paraguai)<sup>1</sup> entre outras denominações que o conflito ganhou, tornou-se um desafio na minha caminhada acadêmica, sobretudo no processo de amadurecimento e compreensão sobre o outro (os). O esforço vai além do entendimento sobre a diferença cultural, do idioma, das leis, das histórias, dos marcos jurídicos e regulatórios de cada país envolvido no conflito. As mudanças se tornam reais, quando tenho que desconstruir o que me fora ensinado no Ensino Fundamental e Médio e em toda minha vida escolar, principalmente, no que se refere sobre o Paraguai ser o país perdedor da guerra, o Paraguai como uma nação pobre, e como lugar dos produtos falsificados ou subalternizado.

Nesse sentido, o processo de desconstrução me conduz a pensar no caminho de (re) construção a partir de outros olhares sobre o conflito. É preciso entender como a Guerra do Paraguai/Guerra Guasu, que envolveu quatro países do Sul global, na aliança entre Brasil, Argentina e Uruguai contra o Paraguai, entre os anos de 1864 e 1870, evidenciou algumas peculiaridades das dinâmicas características daquele momento, as cizânias nas políticas internas dos países envolvidos caminharam para a consolidação dos Estados Nacionais.

Nesse sentido, meu interesse pelas Histórias em Quadrinhos<sup>2</sup> com a temática sobre guerras se revelou para além de um passatempo ou das minhas memórias de quando lia HQs na biblioteca da escola. O interesse tem a ver com meu *locus* de enunciação<sup>3</sup>, minha posição como aluna de escola pública durante todas as etapas de formação até o ingresso no programa de mestrado, como filha de pais que estudaram até o ensino fundamental, como mulher e professora que, por meio de uma educação pública e emancipadora, caminhou em busca do

---

<sup>1</sup> Na presente pesquisa, opto pela denominação Guerra do Paraguai/Guasu, mesmo elas não sendo comuns nas HQs, trato-as como sinônimos do conflito, destacando que no Brasil utiliza-se com mais ênfase Guerra do Paraguai e no Paraguai, Guerra Guasu. No entanto, os usos de diferentes denominações (Guerra da Tríplice Aliança, Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai, Grande Guerra...), como salientou os autores Squinelo e Marin, a própria denominação do conflito “é alvo de inúmeras manipulações e divergências” e por si só já poderia ser objeto de pesquisa. SQUINELO, Ana Paula; MARIN, Jérri Roberto. 150 anos da Guerra do Paraguai: projetos, comemorações e apropriações em torno da retirada da Laguna. **Revista História: Debates e Tendências**, v. 15, n. 2, 2015. p.25

<sup>2</sup> Histórias em quadrinhos, bem como a sigla HQ, são tratadas como sinônimos nesta pesquisa. Há outros nomes como narrativa gráfica, arte sequencial, graphic novel, mas história em quadrinhos é suficiente para todos os sentidos desejados nesta pesquisa. Vale ressaltar que o (a) artista/escritor de histórias em quadrinhos é chamado de quadrinista.

<sup>3</sup> Faz-se necessário entender que todo conhecimento é situado e que, em níveis de relações de poder, nosso corpo encontra-se inscrito por estas. Assim, nada escapa do gênero, do sexual, da classe, do espiritual, do linguístico, do geográfico e das hierarquias raciais do sistema mundo moderno/colonial capitalista/patriarcal. GROSFOGUEL, Ramón. La descolonización de la economía política y los estudios postcoloniales: transmodernidad, pensamiento fronterizo y colonialidad global. **Tabula rasa**, n. 4, 2006. p.21.

sonho de ingressar num programa de Pós-Graduação. Vivenciei a dificuldade de eleger um tema de pesquisa que atendesse a todos os critérios que julgamos necessários: fosse instigante, inédito, atraente e, sobretudo, significativo para o ensino de história. Nesse processo, o Núcleo de Pesquisa em Quadrinhos da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (Nupeq/UEMS), ajudou-me a organizar e selecionar uma obra, chamada *Maus*, do autor Art Spiegelman, que trata das memórias de um sobrevivente do Holocausto.

Elaborei um projeto de pesquisa e realizei duas seleções, a primeira na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) e a segunda na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), em ambas fui aprovada. Diante das anuências, me deparei com a difícil tarefa de optar em qual dos Programas iria efetuar minha matrícula. Ir para UFRRJ significava uma opção bem desafiadora para mim, pois naquele momento eu teria que mudar de Estado e buscar apoio financeiro por meio de uma bolsa de estudos. Realizar minha matrícula na UFMS não seria diferente, o desafio seria ter que viajar para a cidade de Aquidauana duas vezes por semana. Eu tinha pouco tempo para refletir e me organizar diante das duas possibilidades, quando fui interpelada por um sentimento devastador de medo, angústia e desamparo, um caos em meio à pandemia da Covid-19<sup>4</sup> começava a dar sinais. Diante da situação de insegurança e impossibilidade de me mudar para o Rio de Janeiro, optei por ficar em Campo Grande e me matricular no curso em Aquidauana. As aulas foram todas remotas no sistema via Google Meet, não pude conhecer meus colegas de turma pessoalmente, nem os outros (as) professores (as) do curso, além da minha orientadora. Mas depus minhas esperanças naqueles encontros virtuais, na tela do computador, outros pelo celular, fora os problemas técnicos como quando o computador atualizava e desligava, ou quando a apresentação em *Power Point* não abria, o microfone mudo, tentávamos várias plataformas, mesmo com os percalços e problemas do ensino remoto, aquele grupo de pessoas significavam para mim o meu refúgio, além de amigos (as), eram meus ouvidos, parte da minha rede de apoio em meio ao caos da pandemia. Nesse contexto, o meu encanto e entusiasmo pelo início da caminhada rumo ao sonho de tornar-se uma professora mestra tinha começado.

Antes de iniciarmos a pesquisa, minha orientadora, a professora Dr<sup>a</sup>. Ana Paula Squinelo refletiu comigo sobre a importância de pesquisarmos uma temática que fosse instigante, inédita,

---

<sup>4</sup> Os vírus da SARS-CoV, MERS-CoV e 2019-nCoV são da família Beta Coronavírus que infectam somente mamíferos; são altamente patogênicos e responsáveis por causar síndrome respiratória e gastrointestinal. Além desses três, há outros quatro tipos de coronavírus que podem induzir doença no trato respiratório superior e, eventualmente inferior, em pacientes imunodeprimidos, bem como afetar especialmente crianças, pacientes com comorbidades, jovens e idosos. BAËTA, Karla Freire et al. **Protocolo de Tratamento do Novo Coronavírus (2019-nCoV)**. 2020.

que apresentasse uma abordagem original, que tivesse a possibilidade efetiva de contribuir com o ensino de história coadunando com o Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais (PPGcult/UFMS). Nesse sentido, realizamos pesquisas sobre a produção científica acerca da obra *Maus*, observamos que o objeto em questão foi tema de pesquisa nas mais variadas áreas das ciências humanas e sociais como, por exemplo, no trabalho de Victor Correa,<sup>5</sup> cuja dissertação de mestrado analisou a representação da memória centrada no estudo de caso de *Maus: a história de um sobrevivente, de Art Spiegelman*, história em quadrinhos baseada em uma biografia do pai do autor, um judeu sobrevivente do Holocausto. A obra é um objeto exemplar para refletir a relação dos afetos entre história e memória.

Já a autora Carolina Bertin,<sup>6</sup> em sua tese de doutorado intitulada *Pós-memória em Maus*, traz a análise de *Maus – a survivor’s tale* (publicação completa em 1991), observando fragmentos do discurso do pai, Vladek Spiegelman, como sobrevivente da Shoá<sup>7</sup>.

Dessa forma, refletimos sobre a necessidade e a carência de estudos que as HQs *Adeus, chamigo brasileiro: Uma história da guerra do Paraguai* de André Toral (2008) e *Guerra contra la Triple Alianza: vencer o morir* de Pertille Enzo (2011) tinham em relação ao *Maus*. Além dessas observações, para avançarmos na mudança no objeto de estudos, a referida orientadora discutiu com alguns/algumas pesquisadores/as especialistas em quadrinhos sobre a temática e relevância que o trabalho ganharia se houvesse uma mudança nos objetos de estudos. A opção pela troca de objeto tendo em vista as razões apontadas acima foi unânime entre tais pesquisadores/as, mas, sobretudo, acolhida por mim como uma oportunidade especial, visto que eu poderia pesquisar obras latino-americanas, contribuir nas produções acerca da História de Estado de Mato Grosso do Sul e em sala de aula como professora de história na educação básica.

Naquele momento, realizamos a mudança de objeto de análise, conscientes do desafio que significava a reconstrução do projeto de pesquisa, cuja temática versaria sobre a Guerra do Paraguai/Guerra *Guasu* e a representação do outro em duas HQs, uma nacional e a outra paraguaia.

---

<sup>5</sup> CORREIA, Victor Vitório de Barros. **História em quadrinhos, memória em quadrinhos**: a representação do trauma em *Maus*—a história de um sobrevivente. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco, 2017.

<sup>6</sup> BERTIN, Carolina. **A posmemória em Maus, de Art Spiegelman**. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 2019.

<sup>7</sup> Shoah quer dizer calamidade. Holocausto possui um significado que se atém a prática da reparação de pecados por meio de incineração. Portanto usar o termo Holocausto diminuiria o peso da catástrofe e abriria espaço para a perpetuação do antissemitismo. A prática nazista foi um genocídio e não uma manifestação de sacrifício a Deus. De Oliveira Maciel, L. T. Rodrigues, L. A. A composição de *Maus* e as Representações da Shoah: Entre Literatura, História e Quadrinhos.

No percurso da minha formação no âmbito do PPGCULT, cito a importância da disciplina *Seminários Interdisciplinares de Pesquisa*, por meio da qual tivemos espaço para dialogarmos sobre a construção da estrutura do trabalho. Realizamos discussões sobre a problematização, a produção do conhecimento, epistemologia e metodologias em pesquisa interdisciplinar. Os projetos de pesquisa foram apresentados de forma coletiva e com os/as orientadores/as, assim como o rigor metodológico nas pesquisas e quais conceitos seriam adequados na produção do trabalho acadêmico. Já a disciplina *Tópicos Especiais em Estudos Culturais: múltiplos olhares e narrativas sobre o Paraguai* teve como objetivo apresentar as diversas fontes de estudos em análise por pesquisadores (as), sobre o contexto da Guerra do Paraguai/Guerra Guasu (1864-1870). Dessa forma, as múltiplas linguagens foram contempladas, mediante análises e discussões, a respeito das linguagens escritas (historiográfica, didática, literária, da imprensa, intelectual, íntimo-privada); visuais (fotográfica, pictórica, monumental/arquitetônica) e audiovisuais (fílmica), fazendo-nos refletir sobre as várias temáticas que necessitam de estudos sobre a Guerra do Paraguai/Guerra Guasu e os sujeitos da que vivenciaram o conflito.

Elencamos os preceitos da História Comparada para observar as duas obras em questão. Essa abordagem faz parte de um campo complexo, uma vez que comparamos um objeto em relação ao outro. Por meio das analogias, identificamos as diferenças e semelhanças<sup>8</sup> nas histórias em quadrinhos. A história comparada como método de pesquisa proporciona ferramentas para realizarmos os seguintes questionamentos ao objeto de pesquisa: O que observar? Como observar? Como estabelecer o recorte temporal? Como tratar os dados colhidos na pesquisa?<sup>9</sup> Vale pontuar que a história comparada como método de pesquisa também oferece seus limites e algumas observações que o (a) pesquisador (a) deve tomar ao iniciar o trabalho como, por exemplo, evitar os anacronismos e as generalizações.

Nesse sentido, é importante destacar a ligação entre a metodologia escolhida e o campo dos Estudos Culturais (E.C.) que, como disciplina em um Programa de Pós-Graduação, tem seu marco inicial a partir dos anos de 1950 na Universidade de Birmingham na Inglaterra. Em meio a um campo polêmico e divergente, os E.C. nascem de forma “marginalizada”, para atender sobretudo a estudantes trabalhadores/as no período noturno. Os eixos temáticos discutidos na disciplina tinham de atender questões relacionadas ao cotidiano dos/as discentes; assim, os

---

<sup>8</sup> BARROS, José D ‘Assunção. História comparada: um novo modo de ver e fazer a história. **Revista de História comparada**, v. 1, n. 1, 2007, p. 02

<sup>9</sup> BLOCH, Marc. **Comparação**. História e historiadores, Lisboa, Teorema, 1998. marco inicial a partir dos anos de 1950 na Universidade de Birmingham na Inglaterra. Em meio a um campo polêmico e divergente, os E.C. nascem de forma “marginalizada”, para atender sobretudo a estudantes trabalhadores/as no período noturno. Os eixos temáticos discutidos na disciplina tinham de atender questões relacionadas ao cotidiano dos/as discentes; assim, os professores, diante dessa nova disciplina, tinham um desafio interdisciplinar ao contextualizar os temas em aula.

professores, diante dessa nova disciplina, tinham um desafio interdisciplinar ao contextualizar os temas em aula<sup>10</sup>

Na Inglaterra, os teóricos Raymond Henri Williams (1921-1988), Richard Hoggart (1918-2014) e Edward Palmer Thompson (1924-1993) são considerados os pioneiros da disciplina Estudos Culturais. O crítico literário marxista Williams contribuiu significativamente no campo dos Estudos Culturais com a publicação da obra *Culture and Society* (Cultura e sociedade) em 1958, em que o autor examinou a ideia dicotômica de cultura da “minoría” (massa) x cultura da “maioría”. O autor realizou a análise observando a mudança semântica e a utilização do termo *Cultura*, entre os séculos XVI ao XVIII. A visão dicotômica de cultura de “massa” da maioria ou minoría foi veemente rejeitada pelos autores da escola de Birmingham, uma vez que essa polarização promove uma suposta ideia de neutralização das contradições culturais, uma ideia de cultura restrita, além de ocultar um aspecto elitista entre o que seria alto ou baixo culturalmente<sup>11</sup>.

Os Estudos Culturais podem ser amplamente trabalhados no campo da comunicação. A comunicação é vista como uma forma de produção e reflexão dos aspectos culturais. Entender os processos comunicativos faz parte dessa disciplina e de seus métodos de pesquisa.<sup>12</sup>

Em relação à contribuição de Richard Hoggart aos Estudos Culturais, a publicação de sua obra *The uses of literacy* (As utilizações da cultura) em 1957 é considerada seminal no campo de pesquisa sobre cultura, baseado na metodologia da crítica literária, abordando a temática sobre as culturas de massa no pós-guerra, difundidas nos meios de comunicação para as classes populares. Hoggart, sem dúvida, deixou traços indelévels na constituição da disciplina. Ele é considerado o responsável pela *cultural turn* ou virada cultural, por meio da criação, em 1964, do Centre for Contemporary Cultural Studies (CCCS). O Centro passou por fases de aprovação e suspeitas teóricas no início dos trabalhos acadêmicos, mas, ao longo dos anos, tornou-se uma referência no campo dos Estudos Culturais.<sup>13</sup>

Naquele contexto, o historiador Edward Palmer Thompson marcou sua história nos Estudos Culturais (E.C) ao publicar a obra *The Making of the English Working Class*, (A Formação da Classe Operária Inglesa) em 1963, uma obra marcada no campo da história, com

<sup>10</sup> CEVASCO, Maria Elisa. **Dez lições sobre estudos culturais**. Boitempo editorial, 2003. p.62.

<sup>11</sup> ROCHA, Paula; SANTOS, Goiamérica. A gênese dos estudos culturais: a contribuição e o legado de Raymond Williams. In: **Congresso internacional de história da Universidade Federal de Goiás**. 2012. p.03

<sup>12</sup> Idem, ibidem, p.09

<sup>13</sup> CUNHA, Diogo Silva da. Usos e Abusos da Cultura. Richard Hoggart e a Cultura Viva da Classe Trabalhadora. **Comunicação Pública**, v. 9, n.16, 2014.

a temática voltada à pesquisa sobre as práticas de resistência das classes populares inglesas<sup>14</sup>. Thompson rompe com a tradição historiográfica inglesa ao pesquisar as culturas de “baixo”.

Dessa forma, este esboço apresentado tem como objetivo demonstrar, ainda que de forma sintética, que os Estudos Culturais se caracterizam como um novo campo de estudos, como projeto político pautado na construção de teorias que propõem a interdisciplinaridade como ponto de partida. Atualmente, os E.C. romperam com as peculiaridades do seu contexto de criação inglesa. Observamos que as metodologias e questionamentos propostos pelos E.C., ao se propagarem para os Estados Unidos, Austrália, Canadá, África e América Latina, transcenderam os aspectos abordados pelos estudiosos ingleses, revelando pautas contextualizadas de acordo com a realidade e problemáticas de cada território, fronteira ou região.<sup>15</sup>

Analizamos, de forma sumária, algumas questões iniciais propostas pelos autores considerados pioneiros no campo dos E.C. Dessa forma, o conceito de cultura adquiriu uma ampliação de interpretações e significados desde o século XX. Nas ciências humanas e sociais, as discussões sobre a cultura apontam a necessidade de refletirmos sobre os aspectos substantivos e epistemológicos dos complexos sistemas culturais.

Nesse sentido, o aspecto substantivo da cultura pode ser entendido em um contexto empírico e institucional. Assim, a chamada revolução cultural, que vem ocorrendo desde o século XX, tem levantado questões sobre a estrutura e a organização das sociedades modernas, recursos econômicos e materiais. A tecnologia e a revolução no processo de comunicação exercem um papel significativo nesse contexto, mediados pelas indústrias culturais. A mídia é uma importante ferramenta utilizada pelas indústrias culturais e realiza críticas à infraestrutura material da sociedade, assim como sustenta a veiculação de imagens e ideologias na sociedade moderna.<sup>16</sup>

Um problema levantado por Stuart Hall chama atenção sobre o relativismo e a homogeneização da cultura global. Nesse aspecto, as gigantes transnacionais de comunicação (emissoras de TV, as redes sociais, os jornais) tendem a oferecer a transmissão de tecnologias ocidentais padronizadas, minimizando as diferenças culturais.

Nesse contexto, questiona-se o que seriam as “nossas identidades” e nesse processo de tentativa de massificar a cultura, o texto nos traz à tona a reflexão sobre as identidades sociais

---

<sup>14</sup> ESCOSTEGUY, A. C. D. Uma introdução aos estudos culturais. **Revista Famecos**, v. 1, n. 9, 1998. p.89

<sup>15</sup> Idem, *ibidem*, p.91

<sup>16</sup> HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & realidade**, v. 22, n. 2, 1997. p.17

forjadas no interior da representação por meio da cultura, como exemplifica o trecho abaixo:

O que denominamos “nossas identidades” poderia provavelmente ser melhor conceituado como as sedimentações através do tempo daquelas diferentes identificações ou posições que adotamos e procuramos “viver”, como se viessem de dentro, mas que, sem dúvida, são ocasionadas por um conjunto especial de circunstâncias, sentimentos, histórias e experiências única e peculiarmente nossas, como sujeitos individuais. Nossas identidades são, em resumo, formadas culturalmente<sup>17</sup>.

Dessa forma, podemos compreender que as identidades estão num processo cultural dinâmico, elas são fluidas, negociáveis e transitórias. Nesse jogo de relações, nós – sujeitos e sujeitas - utilizamos nossas identidades sociais e individuais, articulando-as dependendo da forma como somos interpelados. Essa perspectiva sobre a construção das identidades no seio da cultura contrapõe o aspecto de massificação cultural e identitário observado no âmbito substantivo da cultura, no interior das intuições e indústrias culturais que trabalham nesse viés. No decorrer da obra, o autor aponta a importância de entendermos a virada cultural ocorrida nas sociedades desde o século XX, que traz à tona a questão da linguagem, pois as formas discursivas e, linguagem ambas de formas dinâmicas, mudam quando são aplicadas no processo de significação e sentido do mundo contemporâneo.<sup>18</sup>

Esses chamados “Entre-lugares” fornecem elementos para a construção e transição das identidades subjetivas e/ou coletivas. A noção de tempo também sofre uma mudança nesse aspecto, pois nossa imagem pública, autorrepresentação e identidades são reveladas da descontinuidade, sem a ortodoxa e complexa ligação do presente ao passado e ao futuro<sup>19</sup>.

Essas concepções sobre o tempo confrontam a história positivista de um tempo sequencial, monódico e homogêneo. Insistir que vivemos no pós-modernismo, ou no pós-culturalismo, não quer dizer que as relações abusivas de países tidos como potências mundiais contra países emergentes tenham sido de fato sanadas.

Segundo os autores Bhabha e Hall, as diásporas culturais, os refugiados, imigrantes, entre outras situações de choque cultural entre grupos, fazem circular ideias etnocêntricas, criando as fronteiras simbólicas e narrativas. Mas é nesse entrelaçamento de diferenças que o presente se faz, é também nesse ínterim que as identidades são questionadas, postas em evidência.

Nesse contexto, a noção de *Representação*<sup>20</sup> a partir de Roger Chartier, nos faz

<sup>17</sup> Idem, ibidem. p.26

<sup>18</sup> Idem, ibidem. p.29

<sup>19</sup> BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis & Gláucia Rente Gonçalves. Belo Horizonte: Ed UFMG, 2007. p. 20 – 23

<sup>20</sup> CHARTIER, Roger. **À beira da falésia**: a história entre certezas e inquietude. Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2002.

compreender que os autores André Toral e Enzo Pertile representaram a partir de seus personagens e enredos, presentes na HQs, suas visões de mundo, seus interesses, experiências históricas, referências bibliográficas e acadêmicas em discussão, cada qual em seu país, essas experiências históricas, não se dão de forma isolada, o entrecruzamento das experiências, ocorrem de forma dinâmica e complexa. Dessa forma, busco evidenciar como essas obras podem contribuir para discussão sobre os/as sujeitos/as que vivenciaram os horrores da guerra, observando quem foram os/as personagens colocados como protagonistas e os/as personagens/grupos silenciados nas narrativas. Nas palavras do autor representação se difere de representar:

Representar é, pois, fazer conhecer as coisas mediante ‘pela pintura de um objeto’, ‘pelas palavras e gestos’, ‘por algumas figuras, por marcas’ – como os enigmas, os emblemas, as fábulas, as alegorias. Representar no sentido jurídico e político é também manter o lugar de alguém, ter em mãos sua autoridade [...]<sup>21</sup>

A noção de *Representação* em diálogo com os Estudos Culturais, contribui de forma significativa para a compreensão de uma luta de e por *Representações* desses/as sujeitos/as ou grupos, nas HQs.

Os Estudos Culturais, nesse aspecto, nos auxiliam a interrogar a dita cultura popular e os fenômenos que a cercam. O presente deixa de ser um elo entre passado e futuro, o presente é o momento onde acontecem os rompimentos, os diálogos, conflitos, as negociações, as desigualdades e as minorias resistem. O presente é um movimento descontínuo e complexo. Existem vários grupos com diferenças marcantes na sociedade, como os portadores de sexualidade policiada, as mulheres negras, entre outros. Quando esses grupos apresentam suas narrativas de diáspora, é nesse momento que a fronteira se torna o lugar a partir do qual começa a se fazer o presente.

A cultura contemporânea não se dá de uma passagem suave de transcendência. A cultura popular contemporânea se dá através de um deslocamento, de disjunções e dessa forma são produzidas nas minorias, o que vai depois compor a cultura nacional. A partir desse aporte teórico, busco identificar como as mulheres, crianças, os negros livres e escravizados, no cotidiano, enquanto personagens foram representados nas HQs em foco nesta pesquisa.

Para tal, a dissertação está estruturada em três capítulos. O primeiro intitula-se: *Histórias historiografia sobre a Guerra do Paraguai*, no qual realizei um levantamento historiográfico sobre a Guerra do Paraguai/Guerra *Guasu*. Algumas das minhas principais referências foram os/as autores/as: Moniz Bandeira, Francisco Doratioto, Luc Capdevila, Nidia Areces e Ana

---

<sup>21</sup> Idem, *ibidem*. p.165

Paula Squinelo. Fundamentada nos trabalhos destes pesquisadores (as), procurei estruturar o texto, destacando os conflitos antecedentes da guerra, como a guerra cisplatina e a guerra do Prata. Destaquei os três momentos da historiografia sobre a Guerra do Paraguai/Guerra Guasu, considerada pelos (as) pesquisadores (as) brasileiros (as) como primeira fase: Memorialística-Militar-Patriótico (1870-1960). A segunda fase, conhecida como o período Revisionista ou Imperialista da guerra (1960-1980), e o terceiro momento, identificado como Neorrevisionista e que se estende até os dias atuais (1980-2022).

No segundo capítulo denominado, *A nona arte brasileira e a paraguaia em destaque*, apresentei como os autores André Toral e Enzo Pertile compuseram suas obras, seguindo o enredo produzido em cada HQ. Neste capítulo, também trato das noções teóricas acerca das HQs, como produtos culturais, fruto de um trabalho coletivo. Algumas das principais referências para dialogar no texto foram Waldomiro Vergueiro, Antônio Luiz Cagnin e Paulo Ramos. A partir do panorama e noções sobre produção de quadrinhos, analisei como os quadrinistas representaram seus diversos personagens na trama. Nos quadrinhos brasileiros, o autor se utiliza de pinturas, gravuras, fotografias, produzidos no período em que ocorreu a guerra, como temas de discussão entre os personagens, o que contribui para que o leitor(a) reflita, sobre o contexto histórico, o cotidiano e as pessoas que produziram determinadas imagens, revelando assim, a sociedade que as produziu. Nos quadrinhos paraguaios, o autor dialoga com a literatura do seu país, para compor os enredos e seus personagens. Com a ênfase nas batalhas finais do conflito, com um discurso nacionalista de cunho patriótico, diante da hecatombe nacional e, da materializada vitória dos exércitos aliados, o autor manifesta através de sua obra, olhares sobre o conflito, contrários ao do autor brasileiro.

Esse capítulo nos ajuda a compreender como as concepções dos autores em relação ao conflito estão em sintonia com a historiografia pertinente ao tema e vigente em cada país.

No terceiro e último capítulo, intitulado: *Aulas-oficinas e a utilização de HQs no ensinode história*, relacionamos as concepções teóricas discutidas nos capítulos anteriores e propomos aulas-oficina a partir de uma adaptação da proposta da autora Isabel Barca para a utilização das HQs em sala de aula no ensino fundamental. Montamos um plano de aula para cada aula-oficina, todos alinhados às orientações pedagógicas propostas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), assim como, os projetos políticos pedagógicos das escolas Municipais e Estaduais no Estado de Mato Grosso do Sul. A primeira oficina intitulamos *As mulheres no front da Guerra do Paraguai/Guasu*, que está composta de um texto para leitura, que permita ao/ a docente mediar discussões sobre a participação/protagonismo das mulheres durante a guerra do Paraguai/Guasu, junto aos/às estudantes. Após a leitura desse texto, sugerimos a

análise de páginas específicas nas HQs, onde encontramos personagens femininas em destaque, em seguida propomos alguns exercícios para serem realizados pelos/as estudantes. Em consonância com essa estrutura, sugerimos mais três oficinas, as quais denominamos: *Sobre as Crianças/Ninõs na Guerra do Paraguai/Guasú*, *Fragmentos do Cotidiano na Guerra do Paraguai/Guasú* e *A presença dos negros/escraizados na Guerra do Paraguai/Guasú*.

Nesse sentido, apesar da expansão de trabalhos envolvendo quadrinhos nos últimos anos, essa área de investigação ainda pode ser considerada recente e carente de pesquisas, salientando muitos desafios a serem superados. Assim, espera-se que este trabalho inspire outras abordagens, diálogos e que promova questionamentos sobre os diversos sujeitos/as que viveram durante e após o conflito.

# 1 Capítulo

## 1.1 História e historiografia sobre a Guerra do Paraguai/Guasú

*Los traumas implican rupturas, heridas que dejan abierto un espacio imposible de ser colmado simbólicamente; es decir, a través del puro lenguaje. La guerra asesta un golpe traumático: acarrea un peso demasiado grande como para ser sostenido solo por códigos y signos convencionales. La guerra Guasú marcó de tal modo nuestra historia que el agujero que produjo en ella sigue convocando fantasmas y generando reduccionismo e intolerancia.* (TICIO, Escobar. 2021. p.111)

### 1.1.1 Os conflitos antecedentes à guerra

A guerra da Tríplice Aliança Brasil, Argentina e Uruguai contra o Paraguai, foi o maior conflito bélico da região Platina na segunda metade do século XIX. A guerra teve início em 1864 e se estendeu até o ano de 1870. As perdas humanas entre os países envolvidos foram incomensuráveis, a guerra marcou a historiografia dos países envolvidos, o imaginário de gerações, contribuiu diretamente para o estabelecimento das fronteiras, intensificou no Brasil a queda da monarquia e as discussões sobre a libertação dos negros escravizados, assim como colaborou para a consolidação dos Estados Nacionais<sup>23</sup>. Ou como aponta o autor Leslie Bethell, no fragmento a seguir:

A mais longa, mais sanguinolenta e mais destrutiva das guerras que assolaram a América do Sul no século XIX foi a Guerra do Paraguai, ou Guerra da Tríplice Aliança, que começou com a declaração de guerra pelo Paraguai em primeiro lugar ao Brasil e depois à Argentina, seguida por uma invasão aos territórios desses dois países, e acabou por se tornar uma guerra travada entre Brasil, Argentina e Uruguai para a destruição do Paraguai<sup>22</sup>.

Os antecedentes da guerra do Paraguai/Guerra *Guasú* estão ligados aos conflitos existentes entre as províncias sul-americanas. Posteriormente, pela fase de independência das províncias em relação as coroas espanhola e portuguesa e pelo processo de formação dos Estados Nacionais<sup>23</sup>. O cenário do conflito estava localizado sobretudo na região do rio da prata, importante meio de navegação e de ligação na região, por receber a confluência dos rios Paraná e Uruguai, tornando-se, dessa forma, uma área estratégica para o acesso ao interior dos países

<sup>22</sup> TORAL, André Amaral de. **Imagens em desordem**: a iconografia na guerra do Paraguai. São Paulo: Humanitas / FFLHC / USP, 2001. p.150

<sup>23</sup> BETHEL, Leslie. A Guerra do Paraguai. História e historiografia. In: MARQUES, Maria E. C. Magalhães (org). **A Guerra do Paraguai 130 anos depois**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995. p.12.

como a Argentina, Uruguai, Brasil, Paraguai e a Bolívia.<sup>24</sup>

O grande potencial econômico e de ligação ao oceano, tornou a região alvo de disputas pelas coroas Espanhola e Portuguesa desde 1492, quando a Espanha reivindicou o domínio da área perante Portugal. Como proposta de aquiescência entre as coroas, alguns tratados foram feitos durante o período, entre eles o tratado de Tordesilhas<sup>25</sup>, numa tentativa de propor uma delimitação entre as fronteiras. No entanto, como o acordo não foi respeitado, houve uma preocupação dos espanhóis com as incursões dos portugueses na região e, como forma de resposta, a Espanha organizou e criou, em 1776, o vice-reino do rio da Prata<sup>26</sup>, Buenos Aires eleita a capital. O território do vice-reino compreendia o que corresponde atualmente aos mapas do Paraguai, Argentina, Uruguai e Bolívia. No entanto, a coroa espanhola perdeu o domínio sobre a organização do vice-reino, quando o sistema colonial começava a ruir<sup>27</sup>.

Nesse contexto, a burguesia de Buenos Aires tinha intenções hegemônicas de unificar as províncias para concentrar nos portos das cidades o comércio e a troca de mercadorias. Os governantes das províncias faziam pressão a partir de sua posição geográfica na foz do rio Paraná, incentivando os países vizinhos a fazerem comércio marítimo a partir da foz do rio Paraná<sup>28</sup>. Essa proposta não se sustentou, e as consequências foram o desmembramento do vice-reino e o nascimento de cinco nações independentes: Paraguai, Uruguai, Bolívia, Chile e as províncias unidas do Prata (Argentina). O nascimento dos recém Estados Nacionais não foi o suficiente para desfazer as desavenças que outrora existiam na região quando eram explorados pelas coroas europeias.

Por outro lado, o império do Brasil e a coroa portuguesa também tinham interesses em assegurar o controle sobre a bacia do Prata para manterem os rios abertos à navegação e terem acesso ao oeste do Rio Grande do Sul, Paraná, Santa Catarina e ao isolado território do então Mato Grosso.

Para tanto, Portugal se adiantou e contribuiu na região em disputa, marcando o território com a construção da colônia do sacramento, efetivando a presença portuguesa na bacia do rio da Prata, reforçando o acesso às vias fluviais. A construção da Colônia do Sacramento

---

<sup>24</sup> Idem, ibidem, p. 55

<sup>25</sup> De acordo com Tordesilhas, os territórios sob o domínio espanhol e português seriam divididos por um meridiano que passaria a 370 léguas do arquipélago de Cabo Verde (os lusos haviam rejeitado a demarcação de 100 léguas proposta pela Bula Inter coetera). Acesso em 12 de maio de 2021. [http://historiacolonial.arquivonacional.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=5188&Itemid=339](http://historiacolonial.arquivonacional.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=5188&Itemid=339).

<sup>26</sup> DORATIOTO, Francisco. **Maldita guerra**: nova história da Guerra do Paraguai. Editora Companhia das Letras, 2002. p. 24

<sup>27</sup> Idem, ibidem, p. 24.

<sup>28</sup> Idem, ibidem, p. 25

representava um empreendimento amplo, ousado, motivo de disputas entre as coroas e de impacto expressivo na região<sup>29</sup>

Essas disputas mostram as divergências que existiam entre as coroas lutando por interesses incomuns na região. Os registros de possíveis acordos sobre a delimitação das fronteiras vieram com os acordos assinados no tratado de Madri em 1750, baseado no princípio de *uti possidetis*<sup>30</sup>, que considerava as margens semelhantes às contemporâneas. O último tratado foi o de Santo Idelfonso, assinado em 1777<sup>31</sup> como proposta de delimitação fronteiriça na região.

Segundo a historiadora Victoria Baratta, a proliferação de províncias autônomas representava uma forma de resistência em resposta a um poder centralizado nas Províncias Unidas do Prata. Nesse contexto, destacam-se dois grupos políticos: os unitaristas, que defendiam uma postura centralizadora e de apoio à supremacia provincial; e os federalistas<sup>32</sup>, que vão defender a autonomia da província. O processo se complexifica quando ocorrem disputas internas entre os dois grupos e divergências de interesses.

Os antagonismos eram tão intensos que, em 1817, quando o governo imperial - ainda sob a jurisdição de Portugal - invadiu o Uruguai e o anexou como território pertencente ao Brasil, formando, assim, a província cisplatina (1825-1828).

O Uruguai resistiu e recebeu apoio da Inglaterra e da Argentina para garantir sua

---

<sup>29</sup> A Colônia do Sacramento foi fundada em 1680. No mesmo ano foi atacada e tomada por tropas hispânicas; em 1681 voltou para domínio português. Em 1705, a Colônia foi novamente tomada pelos castelhanos, sendo apenas em 1716 reocupada pelos portugueses, que permaneceram até 1777. PRADO, Fabrício Pereira. **A Colônia do Sacramento**: o extremo sul da América portuguesa no século XVIII. Horizontes Antropológicos, v. 9, 2003. p. 89.

<sup>30</sup> El surgimiento de la doctrina *Uti possidetis juris* tiene un marco religioso, político y jurídico que se origina gradualmente y se adapta a los nuevos tiempos, pero que, en últimas, tiene sus inicios desde las propias entrañas de los títulos que sustentaron el dominio y conquista del imperio español. A tal punto que se puede afirmar que existe una perfecta continuidad en el concepto español de la “línea de derecho”, ya que ella misma en su esencia no tendría sentido sin las divisiones administrativas de Virreinos, Capitanías Generales, Audiencias e incluso Obispos, creados unas veces, y suprimidos en otras. ACEVEDO, Jairo Ramos. El “*Uti Possidetis*” un principio americano y no europeo. **Misión. Jurídica**, v. 5, n. 5, 2012. p. 150.

<sup>31</sup> Consequências lógicas disso foram o tratado de Madri (1750), a criação do Vice-Reinado do Prata (1776), graças à importância que Buenos Aires adquiriu na tentativa de conter o avanço luso-brasileiro no rumo do Prata, e o Tratado de Santo Idelfonso (1777), que nortearia todas as negociações de limites entre o império e as ex-colônias castelhanas na América do Sul. O Paraguai, ilhado no interior do continente, passaria a ter problemas de fronteira com seus três vizinhos, Argentina, Bolívia e o Brasil. BETHELL, Leslie; MOTA, Carlos Guilherme. **A Guerra do Paraguai**: 130 anos depois. Relume-Dumará, 1995. p.56

<sup>32</sup> La identidad federal se basaba en la defensa de la Constitución de 1853 y la soberanía provinciales más una marcada hostilidad hacia Buenos Aires. Entre los unitarios distingue a dos grupos: los unitarios puros que luchaban por la disolución de la soberanía provincial y la hegemonía de Buenos Aires en el proceso de formación del Estado y por otro lado, los unitarios que se definían a si mismos como liberales, que si bien pugnaban por un poder fuerte, centralizado, no consideraban pertinente una abolición completa de la soberanía provincial. BARATTA, Victoria. Reseña de " Los hijos de Facundo. Caudillos y montoneras en la provincia de La Rioja durante el proceso de formación del estado nacional argentino (1853-1870)" de DE LA FUENTE, Ariel. **Antíteses**, v. 1, n. 2, 2008. p.525

independência frente ao ataque do Brasil. Este, ao final do conflito, obteve muitas dívidas com a guerra, assim como uma insatisfação e impopularidade do imperador Dom Pedro I, seguida posteriormente de sua abdicação<sup>33</sup>. Com o desmembramento da província cisplatina, a região sofreu desgaste por falta de incentivo econômico, não gerando a continuidade do trabalho com o charque.

Em 1851, o argentino Juan Manuel de Rosas apoiou o uruguaio Manuel Oribe, numa guerra civil em prol do poder no Uruguai. A postura de Rosas era de controle sobre os portos de Buenos Aires e Montevideú e obter um maior domínio sob as províncias rebeldes de Corrientes e Entre-rios, que faziam oposição ao poder de Rosas, pois ambas províncias tinham livre acesso entre os rios Paraná e Uruguai, ou seja, não dependiam do Porto de Buenos Aires para o comércio. O Brasil interveio no conflito, alegando reconhecer a soberania e independência do Uruguai e do Paraguai; tomou lado na guerra, montando uma aliança militar com as províncias de Corrientes, Entre - rios, Uruguai e Paraguai, e juntos conseguiram derrotar Juan Rosas em Buenos Aires<sup>34</sup>. Mas, mesmo com a derrota de Rosas, não houve uma unidade de imediato no governo argentino. A unificação só ocorreu quando Bartolomé Mitre derrotou os exércitos confederados de Justo José Urquiza na guerra civil de 1861 e no ano seguinte, Mitre foi eleito presidente.

Nesse contexto, o Paraguai estava situado numa posição não favorável geograficamente, com características de província fronteiriça e, para ter acesso ao mar, era preciso navegar o rio Paraguai em direção ao rio Paraná, passar pelo território argentino para alcançar o Rio da Prata, depois o oceano.

Em 1811, o Paraguai declarou sua independência em relação à Espanha. Em 1814, o ditador autoproclamado de *El supremo*, José Gaspar Rodrigues de Francia, implantou um governo autoritário e isolou-se dos demais países vizinhos, num governo que durou vinte e seis anos<sup>35</sup>. Esse isolamento provocou um retorno ao trabalho rural, produção para autossustentação e consumo interno, o que promoveu também um aumento da pobreza. Esse governo manteve-se até sua morte em 1840.

Em 1844 o congresso paraguaio elegeu Carlos Antônio Lopez presidente, quando

---

<sup>33</sup> O desastroso desenrolar da guerra para o Império fez com que Pedro I fosse visto pelos brasileiros como incapaz militarmente e responsável por prolongar inutilmente o conflito. DORATIOTO, Francisco. **O Império do Brasil e a Argentina** (1822-1889), 2008. p.223

<sup>34</sup> DORATIOTO, Francisco. **O Império do Brasil e a Argentina** (1822-1889), 2008, p.239

<sup>35</sup> La geopolítica reúne los principales elementos de explicación de los orígenes del conflicto. A mediados del siglo XIX las entidades territoriales de la región se convertían en Estados en construcción, reagrupando naciones inciertas. Situado en la periferia de la periferia, pero en un espacio en expansión, el Paraguay, según la conjuntura, ha vivido retirado del mundo o se ha enfrentado con todos los estados y pueblos circundantes. CAPDEVILA, Luc. **Una guerra total: Paraguay, 1864-1870**. Ensayo de Historia del tiempo presente, Buenos Aires, 2010, p.25

assumiu o governo, adotou uma postura diferente de seu antecessor. Havia um interesse em abrir o Paraguai ao mundo, tentando se re-inserir na dinâmica econômica da região platina daquele momento. Um dos primeiros desacordos se deu quando os paraguaios tentaram comercializar erva-mate e se depararam com o Brasil em processo de expansão nesse negócio. Outro entrave com o Brasil foram as discussões sobre os limites fronteiriços<sup>36</sup>.

O Brasil questionava que a fronteira com o Paraguai se dava a partir do rio Apa e para os paraguaios se dava a partir do rio Branco. Em resposta a questão não resolvida, Carlos Antônio Lopez fechou o rio Paraguai aos brasileiros e isolou o território do Mato Grosso. Apenas em 1856, o Paraguai assinou o tratado de livre navegação. Também havia disputas com a Argentina em relação às regiões de corrientes, entre - rios e a região do Chaco<sup>37</sup>.

Em 1862, quando Antônio Carlos Lopez morreu, o congresso paraguaio alterou a lei constitucional sobre a idade mínima para abrir espaço ao filho, Solano López, tornar-se o presidente na sucessão. Ao tomar posse, Solano Lopez herdou não só o governo, mas a difícil tarefa de construir uma influência política na região e negociar uma abertura visando a uma saída ao mar. O Uruguai naquele momento era visto como um país de possível aliança ao Paraguai, no entanto, as instabilidades políticas, as guerras civis e as disputas entre os Blancos e Colorados, além das interferências de países como Brasil, França e Inglaterra nas organizações administrativas interna do país, intensificaram ainda mais o clima de disputas e tensão entre as nações.

O presidente uruguaio Bernado Berro ofereceu aos paraguaios uma política de apoio para o acesso à saída para o mar. Mas, internamente o país enfrentava uma disputa entre os blancos, que tinham ligações com os partidos da região: os federalistas argentinos e os colorados com os unitários, o Paraguai negociava uma saída para o mar, no entanto, pelo histórico de isolamento e governos ditatoriais, faltava-lhes articulação em meio aos grupos políticos.

Os Blancos uruguaio tinham uma ligação política com os federalistas argentinos. E os colorados uruguaio, com os unitaristas argentinos. Com Rosas e Mitre em Buenos Aires, o Paraguai não teria apoio para o seu projeto. A alternativa seria o porto de Montevideú como uma via de acesso ao mar, mas este, por sua vez, era controlado por colorados, aliados históricos dos unitaristas. Restava aos paraguaios buscar naturalmente apoio junto aos blancos.

Em outra frente, o Uruguai enfrentava rupturas diplomáticas com o Brasil quando os estancieiros gaúchos que possuíam terras no país foram submetidos ao aumento de tributos na região e à proibição do trabalho escravo.

---

<sup>36</sup> Idem, ibidem. p.27

<sup>37</sup> Idem, ibidem. p.28

Diante dessa situação, os produtores gaúchos foram até o imperador cobrar medidas em relação ao Uruguai, sobretudo os produtores vinculados à indústria da carne, quando se viram em confronto direto contra os Uruguaios. O presidente Aguirre manteve-se firme frente ao ultimato brasileiro de intimidação e aviso sobre possíveis represálias, contra isso buscou aliança com o Paraguai para juntar forças, caso houvesse um confronto<sup>38</sup>

A atmosfera de cizânias oscilava de acordo com os interesses dos países em conflito, de um lado o Brasil argumentava agir em prol da proteção aos brasileiros que moravam no Uruguai, os estancieiros gaúchos que trabalhavam na indústria da carne; por outro lado, existia a necessidade do Paraguai de assegurar um acordo que permitiria o acesso ao mar.

Em 1864, os conflitos emergiram com maior entonação, o horizonte de guerra estava cada vez mais próximo dos países protagonistas da Guerra do Paraguai. Ainda nesse ano, a esquadra brasileira zarpuou em direção ao Uruguai para derrubar o governo Blanco de Atanásio Aguirre. As cidades de Paysandu e Salto no Uruguai foram atacadas e destruídas por brasileiros e colorados, liderados por Venâncio Flores. Já em 1865, Venâncio Flores, então aliado do Brasil e da Argentina, tomou posse como presidente do Uruguai.

Em resposta ao ataque no Uruguai, o presidente Solano Lopez decretou o aprisionamento do paquete brasileiro Marquês de Olinda, na sequência ordenou dois ataques ao Brasil. O primeiro se deu com a invasão ao Mato Grosso, no forte de Coimbra<sup>39</sup>, avançando sobre as cidades de Miranda, Coxim, Corumbá e Dourados. E o segundo ataque ocorreu na província do Rio Grande do Sul, em São Borja e Uruguaiana. Para continuar a abastecer os exércitos e planejar os ataques, Solano López precisava passar pelo território argentino, mas Mitre negou o pedido. Solano López, então, atacou a província de Corrientes, acreditando talvez que os federalistas poderiam sublevar contra Mitre. Em 1 de maio de 1865, formou-se o Tratado da Tríplice Aliança.

A primeira fase da guerra ocorreu entre dezembro de 1864 a outubro de 1865, quando o Paraguai iniciou os ataques ao território do Brasil, na região de Mato Grosso, em duas frentes de

---

<sup>38</sup> Com os anos de guerra civil na região, os rebanhos de gado diminuíram drasticamente, a indústria fora arruinada e o comércio prejudicado com o bloqueio ao porto de Montevideú, portanto, o reestabelecimento da ordem é fundamental para o progresso da Província Cisplatina e a fim de estabelecer uma Nação forte e desenvolvida. WINTER, Murillo Dias. **Imprensa periódica e a construção da identidade Oriental** (Província Cisplatina-1821-1828). Porto Alegre, RS-Editora Fi, 2018

<sup>39</sup> As tropas paraguaias obtiveram pleno êxito na invasão de Mato Grosso com a primeira coluna, comandada pelo coronel Vicente Barrios, cunhado de Francisco Solano López, e ocuparam nas margens do Rio Paraguai o forte de Coimbra e as cidades de Albuquerque e Corumbá. A segunda coluna, comandada pelo coronel Isidoro Resquim dominou a região entre o Rio Apa, a Serra de Maracaju e o Taquari, as colônias de Miranda e Dourados e as vilas de Nioaque e Miranda, estendendo-se ainda até Coxim. ESSELIN, Paulo Marcos; VARGAS, Vera Lúcia Ferreira. **A participação dos indígenas da banda meridional da capitania de Mato Grosso na Guerra do Paraguai**. História: debates e tendências, v. 15, n. 2., 2015. p. 373.

ocupação: terrestre e fluvial, ocupando o forte de Coimbra em Corumbá - MT<sup>40</sup> Pressionado, o Império organiza a coluna para “salvar” Mato Grosso. O Paraguai teve sucesso nesse primeiro momento, porém, no Rio Grande do Sul, a investida foi contida pelas forças aliadas. Naquele contexto, os desentendimentos pelo poderio na região do Rio da Prata já demonstravam que os países vizinhos tinham interesses em dominar aquele território, ou seja, Juan Manuel Rosas ameaçava os interesses do então ditador da Argentina. A influência na política do Uruguai e os acordos estabelecidos com Oribe demonstravam o desejo de criação do vice-reinado do Prata<sup>41</sup>. No entanto, o Uruguai ocupava uma posição estratégica em relação ao acesso ao rio da Prata, o que forçava os países vizinhos a tomarem um lado na guerra interna do país, que se dividia entre os adeptos do partido Colorado, sob a liderança do chefe Venâncio Flores, em oposição o partido Blanco, liderado por Atanasio Aguirre. Evitando a política nacionalista de Aguirre, Brasil e Argentina apoiam os colorados liderados por Venâncio Flores<sup>42</sup>.

O Paraguai não conseguiu atacar o Uruguai, e o comandante paraguaio Estigarriba encontrou-se com o comandante argentino Mitre antes de finalizar os dois primeiros anos da guerra. O exército paraguaio recuou diante das perdas para os aliados e se organizou para proteger as fronteiras ao sul do País. Foram nesses primeiros anos da guerra que ocorreu a única batalha naval conhecida como batalha do Riachuelo<sup>43</sup>. Após a derrota dos paraguaios na batalha do Riachuelo, ocorrida no rio Paraná, em 11 de junho de 1865, iniciou-se o bloqueio do rio Paraguai e, em 1866, a única parte do território aliado ainda ocupado era o sul de Mato Grosso. A segunda fase da Guerra foi marcada pelo avanço das forças aliadas no território paraguaio, a partir de 16 de abril de 1866. Nesse contexto, o sul de Mato Grosso continuava ocupado, porém era de interesse estratégico secundário. A terceira e última fase deu-se após a ocupação de Assunção, a instalação do Governo Provisório e a morte de Solano López, que encerrou o conflito<sup>44</sup>. O mapa a seguir mostra as regiões atacadas pela ofensiva paraguaia no norte de Mato Grosso e ao Sul.

---

<sup>40</sup> Nos referimos à região do Pantanal do Estado de Mato Grosso, hoje Mato Grosso do Sul, ou seja, corresponde ao período anterior à divisão do Estado, em 11 de outubro de 1977.

<sup>41</sup> Idem, *ibidem*. p. 298

<sup>42</sup> Idem, *ibidem*. p. 299

<sup>43</sup> BETHELL, Leslie. **A Guerra do Paraguai: história e historiografia**. In: MARQUES, Maria Eduarda Castro Magalhães (org.). *A Guerra do Paraguai: 130 anos depois*. 2ª ed. Rio de Janeiro, Relume- Dumará, 1995. p. 19

<sup>44</sup> MARIN, Jérri Roberto; SQUINELO, Ana Paula. A ocupação paraguaia em Mato Grosso durante a Guerra do Paraguai. **Revista Territórios e Fronteiras**, v. 12, n. 2, 2019. p. 3

**Figura 1** Mapa da ocupação paraguaia



**Fonte:** DORATIOTO, Francisco. *Maldita Guerra: Nova história da Guerra do Paraguai*. 2ª ed. São Paulo, Companhia das Letras, 2002. p. 94.

Todavia, alguns autores conhecidos como revisionistas da guerra, como León Pomer na Argentina e Julio Chiavenatto no Brasil, defendiam que as causas da guerra estariam atreladas a uma articulação da Grã-Bretanha para destruir a possibilidade do Paraguai de torna-se uma potência econômica na região do Prata, o que supostamente colocaria em risco os interesses do Inglaterra na região. Essa visão perdurou por muito tempo nos manuais didáticos de ensino no Brasil<sup>45</sup>.

Essas questões nos possibilitam compreender que não havia um equilíbrio de tensões no território em disputa, mas sim um protagonismo de províncias separatistas que buscavam alianças para se estabelecerem no poder. A Argentina apresentava um cenário de recém-

<sup>45</sup> SQUINELO, Ana Paula. Revisões historiográficas: a Guerra do Paraguai nos Livros Didáticos brasileiros–PNLD 2011. *Diálogos-Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História*, v. 15, n. 1, 2011. p.23.

unificação do governo, liderado por Bartolomeu Mitre (1821-1906). No entanto, a unificação do país era ameaçada pelas insurgências de opositores e principalmente pelos grupos aliados aos Blancos no Uruguai, que ameaçavam romper com Buenos Aires e se aliarem a Solano Lopez no Paraguai. Ou seja, a Argentina precisava manter a hegemonia da unificação no país e conter as províncias separatistas.

O Império do Brasil, naquele contexto, mantinha uma outra configuração política, com um monarca que fora considerado o “voluntário número um da guerra”. Segundo Lilia Schwarcz, o imperador não poderia prever que a guerra não acabaria tão cedo, o que levaria o país a uma grave crise financeira e a morte de vários soldados e civis vítimas da guerra. A imagem do monarca foi construída como um “rei guerreiro”, no imaginário popular<sup>46</sup>. Outro reflexo da guerra foi a perseguição de cunho pessoal do imperador a Solano Lopez. Nos últimos anos da guerra, houve uma verdadeira “caça” ao general paraguaio.

Nesse contexto, o império, segundo José Murilo de Carvalho, era uma ilha de letrados num mar de analfabetos, uma sociedade onde a maioria eram escravos, explorados por uma elite com inclinações liberais voltadas ao modelo europeu<sup>47</sup>, o que evidenciava o perfil do exército brasileiro, carente de instruções básicas, sem preparação física e condições materiais para se manterem na guerra.

Com relação à região do Prata, o império mantinha uma política expansionista junto a presença militar, o que afrontava os interesses dos outros países na região. Ou seja, existia umarivalidade pelo controle geopolítico da região do Prata entre os países latino-americanos. Quando o Brasil assinou o acordo da Tríplice Aliança, o país já havia rompido acordo diplomático com a Inglaterra e mais tarde com os Estados Unidos também.

Segundo Toral, o Brasil conseguiu se unificar com dificuldades, uma vez que a economia era dependente do mercado externo que consumia os produtos primários produzidos no país, assim como necessitava também do capital estrangeiro como empréstimo. No início do século XIX, o Brasil já era responsável por cerca de 18% do café produzido e consumido mundialmente. Antes de iniciar a guerra, essa porcentagem era bem maior e refletia o bom desempenho do país como produtor de café, visto que cerca de 49% das exportações internacionais era do Brasil<sup>48</sup>.

No entanto, o país vivia uma situação crítica em relação aos gastos internos, as revoltas

---

<sup>46</sup> Ibidem, ibidem, p. 295

<sup>47</sup> DE CARVALHO, José Murilo. A construção da ordem e o Teatro de sombras. Rio de Janeiro: Editorial da UFRJ/Relume Dumará, 1996. p. 65

<sup>48</sup> TORAL, André. **Imagens em Desordem**. A iconografia da Guerra do Paraguai (1864-1870). São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2001. p.32

populares e principalmente com a guerra do Paraguai, uma vez que o conflito durou muito mais tempo que o esperado, além de consumir os esforços do governo e dos envolvidos, os resultados da batalha eram as perdas humanas e déficit ao império<sup>49</sup>.

Outro dilema enfrentado pelo império brasileiro era o compromisso com a abolição da escravidão, a mão de obra escrava era a base da cafeicultura, considerada o carro chefe da economia. Diante das violações no acordo da abolição, a Inglaterra impôs sérias retaliações ao Brasil, como apreensão de navios brasileiros e aumento da taxaço sobre os produtos importados. O país, diante da represália, ficava à mercê dos interesses de donos de escravos e traficantes que pressionavam para um rompimento nos acordos políticos com a Inglaterra<sup>50</sup>, contrapondo dessa forma a teoria de que Brasil e os outros aliados eram fantoches da Inglaterra, acionados para conter o Paraguai e garantir os interesses ingleses naquela região.

A conjuntura política interna dos países aliados fora se desgastando ao longo do conflito, uma vez que todos os envolvidos não podiam imaginar o quanto duraria a guerra. Segundo a historiadora Maria Lígia Prado, os anos finais da guerra foram os mais difíceis, os aliados não entravam em acordo para o cessar guerra, o fim do conflito foi reconhecido com a execução do ditador paraguaio, como afirma a autora:

O país que mais enviou tropas ao campo de batalha foi o Brasil, que contou, entre elas, com um enorme contingente de escravos negros. A presença argentina foi menos expressiva, especialmente nos últimos anos, e a participação uruguaia foi pequena. As batalhas terrestres e navais foram sangrentas e seus comandantes trocados algumas vezes. A guerra só terminou com a captura e morte de Solano Lopez em 1870<sup>51</sup>.

Essa historiografia sobre a guerra do Paraguai e a documentação que atualmente tornou-se mais acessível aos pesquisadores, com a utilização dos meios eletrônicos e a *internet*, promovem, sobretudo, o acesso às fontes bibliográficas e os arquivos, favorecendo as pesquisas para produção das HQ que versam sobre a temática da guerra<sup>52</sup>.

Na história da América latina, a guerra contra o Paraguai foi o conflito mais sanguinolento e destrutivo já ocorrido. Mobilizou uma imensa quantidade de soldados e exércitos, por isso, autores como Luc Capdevilla consideraram o evento como uma guerra

---

<sup>49</sup> Ibidem, ibidem, p. 32

<sup>50</sup> Ibidem, ibidem, p. 34 a 36

<sup>51</sup> PRADO, Maria Lígia Coelho; PELLEGRINO, Gabriela. **História da América Latina**. São Paulo, Editora Contexto, 2014. p.68-69.

<sup>52</sup> CARVALHO, Beatriz Sequeira de. **O processo de legitimação cultural das histórias em quadrinhos**. Dissertação de Mestrado. 2017.

total<sup>53</sup>, acentuando as dimensões catastróficas da guerra e irreparáveis, sobretudo para o Paraguai. De acordo com Nidia Areces<sup>54</sup>, a guerra significou um dos momentos mais trágicos vividos pelos paraguaios, um massacre que se estendeu por longos seis anos.

O processo de emancipação das então colônias da Espanha, na metade do século XIX, gerou uma reconfiguração geográfica e governamental nos recém-nascidos Estados/Nações independentes Argentina, Bolívia, Paraguai e Uruguai.

As jovens nações conquistaram suas independências e com elas herdaram as disputas por poder, por expansão das fronteiras, por concessão de terras em litígio, controle sobre os rios de navegação. Os Estados independentes chocaram-se com a corte do Brasil, pois as heranças de disputa por áreas de acesso fluvial vinham desde do domínio colonial entre Espanha e Portugal, evidenciando assim as disputas que existiam na região<sup>55</sup>.

No entanto, o imperialismo português se intensificou quando a corte portuguesa se mudou para o Brasil. Na prática, entendemos que a coroa desejava submeter as nações da Argentina, do Uruguai e da Bolívia aos mandos e interesses da coroa portuguesa, o que não ocorreu, porque Portugal e o império brasileiro não obtiveram apoio dos ingleses.

As cicatrizes deixadas pelo impacto da guerra podem ser sentidas até os dias atuais, quando temos que lidar com as barreiras simbólicas, com os estereótipos criados sobretudo dos paraguaios como perdedores da guerra, como uma nação pobre, como país do governante megalomaniaco, como país dos produtos falsificados. Esses estereótipos foram perpetuados sobretudo nos manuais didáticos<sup>56</sup>.

Como já analisado anteriormente, é importante destacar que as interferências nas relações políticas internas dos países envolvidos no conflito eram realidades mesmo antes da guerra ocorrer. Os países protagonistas do conflito divergiam em relação às delimitações das fronteiras geográficas, em relação à política de navegação pelos rios da bacia platina, além da postura imperialista do Brasil ao interferir na política interna do Uruguai em 1864, gerando um clima de vigilância e intimidação aos países vizinhos.

---

<sup>53</sup> A Guerra é total, também devido ao envolvimento da população, tanto no alistamento voluntário, como na expectativa positiva desse conflito. Esse envolvimento também pode ser entendido, pelos nacionalismos exacerbados desse período que levavam ao ódio entre as nações. HOBBSAWM, Eric. **A Era dos Extremos**. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

<sup>54</sup> ARECES, Nidia R. **Terror y violencia durante la Guerra del Paraguay**: 'Lá masacre de 1869'y las familias de Concepción. Revista. Europe a de Estudios Latino americanos Y Del Caribe/European Review of Latin American and Caribbean Studies, 2006. p. 43-63

<sup>55</sup> TELESKA, Ignacio. **Paraguay en el centenario**: la creación de la nación mestiza. *História mexicana*, 2010. p. 155

<sup>56</sup> SQUINELO, Ana Paula. Revisões historiográficas: a Guerra do Paraguai nos Livros Didáticos brasileiros–PNLD 2011. **Diálogos-Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História**, v. 15, n. 1, 2011. p. 19-39.

Segundo Ricardo Yegros e Liliana Brezzo<sup>5758</sup>, as contradições, os jogos de interesses e a complexidade nos acordos políticos estabelecidos, em grande maioria de forma autoritária e imperialista, encontraram espaço e propiciaram um campo frutífero para a guerra. As instabilidades políticas também foram outro agente que compôs o quadro de fatores para legitimação do conflito.

Nesse contexto, é de suma importância o entendimento sobre os antecedentes da guerra, exposto em discussão que antecede esse tópico. Por mais complexo que seja a interpretação e o entendimento sobre esses aspectos, a compreensão nos leva a compreensão de que houve causas para o conflito platino, ou seja, os países protagonizaram cada um, ao seu modo, a guerra, ou, como diria o historiador Alfredo da Mota Menezes, a guerra é nossa<sup>5859</sup>.

Os antecedentes da guerra do Paraguai, o desenrolar do conflito, o pós- conflito, junto às interpretações que foram escritas sobre essa tragédia, na dimensão que tomou o conflito, invocam uma reescrita da história, um aprofundado de temas que se desdobraram após o conflito como o crescimento do nacionalismo, dos sentimentos de pertencimento e identidade, as retaliações econômicas impostas ao Paraguai por ter perdido a guerra, entre outras questões, que se misturam entre o público e o privado.

### **1.1.2 As versões historiográficas sobre a guerra (1870-1960): os heróis e o sentimento exacerbado do nacionalismo**

Os (as) historiadores (as) brasileiros (as) Squinelo<sup>59</sup>, Salles<sup>60</sup> e Doratioto<sup>61</sup> sugerem que existam pelo menos três versões historiográficas sobre a guerra do Paraguai. Essas versões foram publicadas e discutidas desde o fim do conflito em 1870 até os dias atuais.

No primeiro momento, as obras que marcaram a historiografia da guerra de (1870-1960) contavam com escritores de diversos nichos, alguns protagonistas que viveram no campo de batalha, outros curiosos sobre o tema. Essas obras evidenciavam uma visão patriótica, nacionalista e depreciativa com relação à nação paraguaia. É comumente identificada como a

---

<sup>57</sup> YEGROS, Ricardo Scavone; BREZZO, Liliana M.. **História das relações internacionais do Paraguai**. Fundación Alexandre de Gusmao, 2013

<sup>58</sup> MENEZES, Alfredo Mota. **A Guerra é nossa: a Inglaterra não provocou a Guerra do Paraguai**. Editora, Contexto, 2013.

<sup>59</sup> SQUINELO, Ana Paula. O que as narrativas didáticas de história contam sobre a Guerra Guasu 150 anos depois? Mulheres, crianças, negros e indígenas em uma mirada comparada: Brasil, Paraguai e Uruguai. **Diálogos**, v. 24, n. 3, 2020.

<sup>60</sup> SALLES, André Mendes. A Guerra do Paraguai na historiografia brasileira: algumas considerações. **Cadernos do Aplicação**, v. 28, 2015.

<sup>61</sup> DORATIOTO, Francisco. **História e Ideologia: a produção brasileira sobre a Guerra do Paraguai**. Nuevo Mundo, 2009.

fase (memorialística; militar; patriótico). A segunda fase é conhecida como o período revisionista ou imperialista da guerra, (1960-1980) quando a Inglaterra foi identificada como a causadora do conflito. A terceira fase é conhecida como neorrevisionista e se estende até os dias atuais (1980-2021).

A fase (memorialística; militar; patriótico), onde alguns militares e outros memorialistas se dispuseram a registrar e escrever sobre a guerra deixaram em suas obras suas impressões pessoais e institucionais, sobretudo do exército. Quando descrevem que homens imbuídos de espírito patriótico lutaram contra a guerra que era considerada justa. As fontes históricas produzidas nesse período eram as cartas, diários e alguns documentos oficiais do exército. Como exemplo de fonte desse período, podemos citar a *Retirada da Laguna* (1868) de Alfredo d'Escagnolle Taunay, engenheiro militar que compôs essa obra a partir de relatos biográficos sobre a expedição brasileira na província de Mato Grosso. O viajante relatou episódios da guerra, como as doenças - a cólera, tifo, beribéri, além dos ataques paraguaios

Essa versão dualista nos registros sobre a guerra contribuiu também para um processo de idolatração dos chamados heróis do conflito. De um lado, Solano Lopez como herói para o povo paraguaio; do outro, Duque de Caxias, D. Pedro II e outros para o povo brasileiro. A figura complexa e enigmática do chefe paraguaio, Francisco Solano López, que em seu governo acusou de conspiração contra sua autoridade alguns de seus aliados mais próximos, incluindo familiares como seus irmãos e a própria mãe. Esses atos injustificados de Lopez foram interpretados como uma forma de legitimar a violência em seu governo e sua conduta na guerra. Os sujeitos que apontassem as incoerências e a ditadura imposta por ele eram considerados opositores que deveriam ser calados e punidos, como mostra o texto a seguir:

Desatado el conflicto, el Mariscal reclamaba al pueblo una 'respuesta obediente' a su 'grito nacional de guerra'. El componente con una gran carga emocional de sus arengas y discursos fue el del patriotismo entendido como 'amor a la patria'. Tal sentimiento se enrola con la defensa de su soberanía en circunstancias en que su existencia como Estado independiente estaba en peligro. La imagen del paraguay, hombre y mujer, niños y ancianos, como patriota y soldado cumplía la función de aunar fuerzas para repeler a los invasores<sup>62</sup>.

O plano de governo de Solano Lopez mostrava indícios de um programa baseado em uma regeneração política, à custa de uma resposta obediente do povo ao seu chamado para batalharem na guerra. Com o discurso de que todos deveriam lutar em nome da pátria, pela

---

<sup>62</sup> ARECES, Nidia R. Terror y violencia durante la Guerra del Paraguay: 'La masacre de 1869' y las familias de Concepción. *Revista Europea De Estudios Latino americanos Y Del Caribe/European Review of Latin American and Caribbean Studies*, 2006. p. 43-63

soberania do Paraguai, ele, à frente do exército, agiria como o salvador da pátria. A guerra nesse momento serve como um instrumento político, fazendo-nos refletir sobre como a sociedade paraguaia lutou nessa guerra.

Essa imagem forjada de Solano Lopez, foi confrontada e apontada como sinônimo de um militar antidemocrático pelos críticos desse período, que reconhecem essas memórias como narrativas dos escritores lopiztas.

No entanto, essa perspectiva é confrontada no governo do ditador Stroessner<sup>63</sup>, uma vez que Lopez foi representado como um herói nacional, como um líder anti-imperialismo, defensor de uma pátria livre, que resistia ao status de periferia que os países vizinhos impunham ao Paraguai. Um líder defensor das fronteiras paraguaias que estavam em disputa. Um líder que confrontava com as elites de Buenos Aires e do vice-reinado brasileiro, uma vez que ambos os países tinham interesses escusos na região do Prata no intuito de prejudicar o país.

Nas perspectivas apresentadas por Ignacio Telesca<sup>64</sup> e Liliana Brezzo<sup>65</sup>, a produção historiográfica paraguaia revelou a necessidade de uma superação da visão nacionalista nos trabalhos acadêmicos. Para tanto, algumas pesquisas apresentaram temáticas com viés cultural. Outra questão levantada gira em torno do pouco conhecimento ou divulgação dentro e fora do país desses trabalhos. A comemoração do *Bicentenario de la Independencia, (1811–2011)* no país incentivou alguns pesquisadores (as) a reataram seus trabalhos de investigação, que foram duramente reprimidos pela ditadura do governo de Stroessner quando fora presidente do Paraguai, entre os anos de 1954 até 1989.

Outro importante espaço de diálogo e produção de conteúdo se dá na “*Academia Paraguaya de la Historia*”, que consegue manter suas publicações anuais, assim como a *Revista Paraguaya de Sociología, del Centro Paraguayo de Estudios Sociales*, ambas revistas mantêm seus catálogos no Latindex.

Em outro trabalho, o autor também questiona as análises e discussões que se têm acerca das produções acadêmicas que são utilizadas nas universidades citadas acima. O ofício do historiador paraguaio é prejudicado pela falta de incentivo financeiro e o fomento de carreiras para docentes e pesquisadores (as).

Novas propostas e olhares sobre o conflito desafiaram os pesquisadores paraguaios a

---

<sup>63</sup> Alfredo Stroessner, ditador que presidiu o Paraguai entre (1954-89) tornou a ideologia oficial de Estado, a ponto de prender e exilar aqueles que dela divergissem. A falsificação do passado, com a apologia da ditadura lopizta, contribuiu para construir a opressão do presente, ao dar suposta legitimidade aos regimes consequentes. DORATIOTO, Francisco. *Maldita guerra: Nova história da Guerra do Paraguai*. Editora Companhia das Letras, 2002. p.19

<sup>64</sup> TELESCA, Ignacio. *La historiografía producida en Paraguay durante el último quinquenio*. 2013.

<sup>65</sup> Idem, *ibidem*, p. 65.

superarem as perspectivas de cunho militarista, patriótico. Segundo a autora Liliana Brezzo, existem circunstâncias e características que marcaram as mudanças na historiografia paraguaia. As questões iniciais apontadas foram as críticas aos trabalhos nacionalistas, a abertura dos pesquisadores a novas temáticas, o diálogo entre guerra e cultura e as propostas de análises. Essa abertura houve, principalmente, porque a guerra não é um assunto restrito apenas aos países que protagonizaram a guerra. O tema tem destaque na história da América latina.

No Paraguai, as primeiras gerações de autores que se dispuseram a investigar o assunto, destacando as consequências catastróficas da guerra na história nacional do país, estão ligados ao movimento novecentista do século XIX em Assunção. Cecílio Báez, Blas Manuel Garay, Fulgêncio Moreno, Juan O’Leary e José Cruz Ayala. Esses autores fizeram uma espécie de campanha revisionista que teve reflexo nos periódicos nacionais. Esse período ficou conhecido na historiografia paraguaia como lopizmo e a exaltação da imagem de López como “mariscal” soberano se difundiu nas publicações e periódicos nacionais.

Essa historiografia começou a ser questionada no século XX, sobretudo com os eventos do centenário e bicentenário da independência do Paraguai.

### **1.1.3 A versão imperialista sobre o conflito (1960 – 1980). Inglaterra a causadora do conflito platino?**

No segundo momento historiográfico sobre o conflito, apresentam-se mudanças nas pesquisas a partir da década de 1960 e uma versão imperialista sobre o conflito é posta em discussão. O contexto histórico dessas pesquisas é permeado pelas ditaduras civis-militares na América Latina, o que influencia diretamente as pesquisas apresentadas, uma vez que os governos ditatoriais e os excessos do exército paraguaio e brasileiro tornam-se objetos de estudos nesse período. É nesse ínterim que nasce o pressuposto de que a Inglaterra teria sido a causadora da guerra na região platina gestada sobretudo pelos autores Leon Pomer ao publicar a obra intitulada *La Guerra del Paraguay: gran negocio* (1968) e Julio José Chiavenato com a obra *Genocídio Americano: A Guerra do Paraguai* (1979), ambos tornam-se os expoentes desse período, chamado revisionista no Brasil<sup>66</sup>. Baseados no argumento de que o país tinha interesses explícitos na economia do Prata, a fim de conter os avanços tecnológicos do Paraguai na região, essa vertente historiográfica rompe com a premissa “mocinho” do lado do Brasil, “vilão” do

---

<sup>66</sup> SQUINELO, Ana Paula. Revisões historiográficas: a Guerra do Paraguai nos Livros Didáticos brasileiros–PNLD 2011. *Diálogos-Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História*, 2011. p. 21.

Paraguai, e aponta a Inglaterra como a culpada pelo conflito.

A obra de Leon Pomer, apresentada sob um viés marxista, trata sobre um contexto do século XIX, quando a Grã-Bretanha era entre as nações imperialistas a que detinha mais posses, nas colônias. Nesse sentido, o crescimento da indústria comercial inglesa necessitava de matéria prima, advinda sobretudo por meio de exploração colonial. Ou seja, as fábricas inglesas eram o elo entre as matérias primas sul-americanas, especialmente o algodão, e a Inglaterra. Essa ligação afetava diretamente os quatro países protagonistas da guerra. Como acentua o autor argentino Pomer:

Tierra riquísima en maderas, algodón, tabaco y otros productos requeridos por las potencias centrales, parecía impensable que pudiera guiar su derrotero histórico con arreglo a sus intereses nacionales, a su propia voluntad. Era también un mal ejemplo, inquietante y subversivo. Podía suscitar imitadores; podía tentarlos. Debía ser destruido tal como era y lo fue. Debía ser remodelado y lo fue. Debía ser incluido como una pieza más del mercado mundial, pero pieza funcionando en un mecanismo controlado desde ultramar. La tarea de llevar el Paraguay a la buena senda le fue confiada a sus vecinos más inmediatos<sup>67</sup>.

Segundo o autor, a indústria têxtil inglesa era um dos pilares na economia burguesa do país, no entanto os Estados Unidos, que forneciam a matéria prima aos ingleses, viviam o cenário da guerra civil entre os anos de 1861 e 1865, afetando o estoque de matéria-prima dos ingleses.

Essa conjuntura, segundo o autor, pressionou a Inglaterra, por meio de sua elite capitalista, a ampliar o mercado consumidor e o nicho para exploração de matéria-prima, especialmente o algodão. No entanto, entre as nações sul-americanas, o Paraguai era a pedra no caminho da expansão imperialista. O Paraguai era visto como o país insubordinado, chamando de forma negativa a atenção dos ingleses. Dessa forma, a Inglaterra se utilizou da dependência financeira, adquirida em empréstimos dos países que posteriormente formariam a aliança, para promover cizânia e intrigas entre as nações, dessa forma por meio de manipulações e de seus diplomatas a Inglaterra conseguiu que a Tríplice Aliança executasse seu plano para destruir o Paraguai.

Essa perspectiva sobre o conflito marcou gerações de leitores/as e escritores/as brasileiros/as, causando um efeito contrário ao que pregava a versão memorialística, por meio da qual o Brasil era enaltecido. O revisionismo - ao denunciar os excessos da Tríplice Aliança, sobretudo do exército brasileiro, que provocaram danos irrecuperáveis à nação paraguaia - fez

---

<sup>67</sup> POMER, León. **La guerra del Paraguay**: gran negocio! Ediciones Caldén: Buenos Aires, Argentina, 1968, p. 155.

com que os leitores e escritores e o público em geral repudiasse o papel do Brasil no conflito.

Naquele contexto, talvez num tom mais severo de críticas, Júlio José Chiavenatto iniciou sua obra sob uma ótica marxista, propondo trazer à luz a verdadeira história da guerra, destacando as manipulações dos fatos que favoreciam o patriotismo brasileiro.

O autor foi considerado um fenômeno editorial e popular, essa obra obteve 39 reedições, alcançando aproximadamente 150 mil cópias vendidas, com tradução até em guarani<sup>6869</sup>. O autor pontua nos primeiros capítulos de sua obra que o Paraguai tinha um perfil diferente dos seus vizinhos, pois, o avanço progressista do país com o índice educacional, uma espécie de socialismo nas ações políticas, além do fato de ser uma nação livre e independente fortalecia a economia interna do país. Dessa forma o país necessitava selar os acordos e expandir suas fronteiras. Essa organização do Paraguai não favorecia os interesses do capital inglês na região. Nesse aspecto, observamos uma similitude entre os argumentos apresentados pelos autores Chiavenatto e Pomer, ao apontarem que os interesses do capital Inglês causavam problemas de ordem econômica entre as nações sul-americanas.

Dessa forma, o autor demonstra como o Paraguai se fortaleceu mesmo em meio a governos intransigentes como o de Francia, cujo posicionamento de isolar-se das demais nações fez com que o país conseguisse solidificar uma política de paz, sem a presença de caudilhos. Francia é retratado quase como um Robin Hood, que tirava da oligarquia burguesa espanhola parasita em seu país para dividir entre os pobres.

Francia, El supremo, assume o poder e exerce uma ditadura peculiar: usa o absolutismo como método de governo em benefício do povo. Agride os direitos dos espanhóis e espanholistas, persegue os ricos, confisca propriedades e torna insuportável a vida dos oligarcas que eram privilegiados pela Espanha. Quando morre, em 1840, assume o poder Carlos Antonio López, um advogado que para escapar a possíveis perseguições de El supremo vivia retirado no interior do país. Ele cria praticamente, sobre a estrutura sócio-econômica deixada por Francia, o Paraguai moderno.<sup>69</sup>

A regime político de Francia é visto como uma projeto de contribuição para o projeto de desenvolvimento do Paraguai, enquanto nação justa e igualitária. Chiavenatto não faz referência em sua obra à arbitrariedade do governo ditatorial, ele justificava a ações de Francia num tom apaziguador e de apoio aos menos favorecidos economicamente.

Chiavenatto ressaltou também que o trabalho realizado por Francia deixou as bases para a continuidade política aos seus sucessores, os López. Dessa forma, o caminho para o sucesso paraguaio entre as nações seria a continuidade do trabalho realizado por Francia, pois algumas

---

<sup>68</sup> MENEZES, Alfredo da Mota. **A Guerra é nossa**: a Inglaterra não provocou a Guerra do Paraguai. Editora Contexto, 2013.

<sup>69</sup> CHIAVENATTO, Julio José. **Genocídio americano: a Guerra do Paraguai**. Editora Brasiliense, 1980. p.15

pautas como a reforma agrária e a alfabetização estavam bem encaminhadas já no governo de Francia. A partir desse panorama, os governos seguintes tomariam atitudes semelhantes com questões fundamentais para a política paraguaia.

Entretanto, existia uma questão indelével ao país, sua condição geográfica. Parecia ser um determinante no futuro do país. O fato de não existir uma saída direta para o mar exigia uma postura de alianças com os países vizinhos.

Essa condição confrontava com a postura adotada no país de isolar-se diante asiniferências externas, ou seja, parecia não haver outra medida que não fosse realizar acordos com os países que tinham acesso ao mar.

Diante dessa conjuntura, Francia optou pelo isolamento. A resposta a esse posicionamento foram as retaliações como o bloqueio das embarcações. Em meio ao isolamento, intrigas e polêmicas na região, promovidas em maior parte pela Grã-Bretanha, o Paraguai encontrou o momento de fortalecimento nas suas políticas internas. O alinhamento paraguaio com questões como a industrialização e a alfabetização da população fez o país direcionar seus interesses.

A discrepância em relação aos outros países era maior a cada avanço que o Paraguai conseguia. Na mesma proporção, crescia o incômodo e o atrito com as nações vizinhas. Nesse processo, o autor frisou a tônica que as intrigas ganhavam com a interferência da Inglaterra.

Assim, as fissuras naquela atmosfera de jogos de interesses pareciam não ter chamado a atenção de Carlos Lopez, que não se adiantou em impor-se diante das manipulações da Inglaterra. Como mostra o texto a seguir:

A Guerra do Paraguai já se delineava e Carlos Antonio López não percebia – coisa que Mitre, Sarmiento e seus patrões ingleses viram muito bem. Seria cumprido um destino historicamente delineado: a) destruir o Paraguai porque era mais um país progressista com uma economia autônoma; b) garantir o equilíbrio econômico no Plata, defendido pelos representantes do imperialismo inglês; c) salvar o Império brasileiro e as províncias argentinas da desagregação, para que o domínio britânico não sofresse solução de continuidade; d) satisfazer os desejos expansionistas do Brasil e Buenu Aires; e) estabilizar finalmente a situação na bacia do Plata, sedimentando um estado tampão entre o Brasil e Argentina<sup>70</sup>.

Uma possível interpretação desse texto é a decepção e a insatisfação com a postura do líder paraguaio em relação aos pressupostos explícitos pela Inglaterra naquele momento. Após a morte de Antônio Carlos López, assume o governo seu filho Francisco Solano López. Com formação acadêmica na França, junto com ele veio também sua esposa Elisa Lynch.

---

<sup>70</sup> Idem, ibidem, p.37, 38.

Assim o autor analisa a Era López, com conceito diminuído em relação ao seu antecessor Francia. Segundo o autor, os López desperdiçaram suas atenções com questões secundárias no âmbito regional e não se atentaram para as disputas e relações insidiosas que tomavam os acordos na região platina, o que poderia ser uma forma de desviar a atenção do Paraguai.

A postura dos representantes diplomáticos ingleses também foi alvo de questionamento na obra. Nesse sentido, os encaminhamentos realizados junto aos países que formaram a tríplice aliança evidenciaram uma atmosfera de guerra.

As relações não eram mais orgânicas nessa altura dos conflitos. O início do conflito já era real. Uma observação registrada pelo autor revela que as intenções de guerra não partiram do Paraguai. O governo tentava alcançar seus objetivos por meio da diplomacia, visando ao equilíbrio e a paz no Prata.

A guerra, por mais que não fosse um ato iniciado pelos paraguaios, tornou-se uma necessidade política que promoveria a impugnação das ações soberanas nas decisões e interesses em disputa na região do Prata.

Para a Inglaterra, a guerra significava impor limites no progresso econômico do Paraguai, ação que também serviria de exemplo aos outros países sul-americanos, que confrontar a poderosa Grã-Bretanha não era a opção mais inteligente. O imperialismo inglês buscava a subserviência e a fonte de matérias primas, não um concorrente no Prata.

A guerra significou a maior tragédia americana, como o título da obra sugere, e causou genocídio do país. Na sequência da obra, a perseguição a Solano Lopez é vista como interesse pessoal de alguns integrantes brasileiros, pois, quando o acordo foi assinado, não se esperava que o conflito se estenderia por tanto tempo. A perseguição a López acabou exaurindo as tropas brasileiras e paraguaias, como demonstra o trecho a seguir:

Mas, para morrer, o Paraguai vai dar ao mundo o mais heróico exemplo americano de resistência nacional. E vai provar, numa das mais trágicas lições da história, que quando um povo autodetermina o seu destino é inevitável e incorruptível. É preciso então, como se faz no Paraguai, destruir totalmente um povo livre para estabelecer o seu domínio foi cabalmente expressa pelo Duque de Caxias, em carta ao imperador Pedro II datada de 18 de Novembro de 1867, quando afirmou que para vencer o Paraguai, o império precisava matar o último paraguaio no ventre da sua mãe<sup>71</sup>.

Ao longo da obra, temos acesso a dimensões de cunho pessoal, desde a formação e casamento de Solano López até a formação do exército paraguaio, demonstrando a diferença no império que obrigava os ex-escravos a lutarem e o Paraguai, que tinha uma unidade coerente

---

<sup>71</sup> Idem, ibidem, p. 45.

em suas tropas. Ao falar sobre a morte de Solano López, observamos o tom enfático na carnificina que foi a perseguição e captura do líder paraguaio, apontando a desumanização do exército brasileiro ao lidar naquele momento. A segunda fase ocorreu entre os meses de outubro de 1865 a julho de 1868. Esse período foi caracterizado pela invasão do Paraguai pelos aliados. Embora já tivessem ocorrido muitos combates em Mato Grosso, a maior parte do conflito se concentrou na zona de confluência do Rio Paraguai e o Rio Paraná. A fortificação de Humaitá e as forças de López impediram a passagem dos aliados rio acima. Ao se chocarem com as tropas paraguaias, os aliados ganharam a primeira batalha terrestre<sup>72</sup>.

Esse momento também se caracterizou pela forte resistência de López, frente à invasão aliada no Paraguai, fazendo o conflito se prolongar por mais tempo do que o esperado inicialmente. Além disso, uma das piores derrotas aliadas aconteceu no ano de 1866 na Batalha de Curupaiti e as tentativas de negociação para o fim do conflito entre Mitre e López falharam. Após negarem as propostas apresentadas por López, os aliados amargaram uma dura derrota. Essas circunstâncias fizeram com que os aliados começassem a se desvanecer e o apoio ao Império diminuir esta situação implicou queda nos alistamentos de Voluntários da Pátria, obrigando o governo a intensificar medidas de recrutamento obrigatório<sup>73</sup>.

A impopularidade da Guerra e as disputas políticas internas afetaram a participação da Argentina e do Uruguai no conflito. Devido a estas sublevações provinciais de inspiração federalista, em janeiro de 1868 Mitre decidiu se ausentar da Guerra, juntamente com sua tropa, retornando a Buenos Aires. Em fevereiro, ainda no ano de 1868, outra rebelião, desta vez no Uruguai e liderada pelo ex-presidente Berro, resultou no assassinato de Venâncio Flores. Neste mesmo dia, os aliados de Flores prenderam e assassinaram Berro. Estes eventos comprometeram o apoio argentino e uruguaio ao Império e resultaram na substituição do comando. Com a saída de Mitre, a chefia das operações bélicas foi transmitida para o então marechal Luís Alves de Lima e Silva, depois elevado a Duque Caxias, como ficou conhecido na história oficial brasileira até os dias atuais.

O prolongamento da guerra desgastou todos os países envolvidos, mas o Paraguai enfrentou as piores condições por ser palco de várias batalhas. Além disso, o bloqueio dos aliados prejudicou o acesso não só a materiais bélicos, mas também de toda espécie de provimentos. Por outro lado, o Brasil vinha comprometendo suas finanças com os investimentos na Guerra e recorrendo a empréstimos estrangeiros. A continuidade da Guerra era questionada

---

<sup>72</sup> BETHELL, Leslie; MOTA, Carlos Guilherme. **A Guerra do Paraguai: 130 anos depois**. Relume-Dumará, 1995. p. 19.

<sup>73</sup> Idem, *ibidem*, p. 20.

tendo em vista que o inimigo parecia cada vez mais enfraquecido. Contudo, o Império estava intransigente quanto ao cumprimento do Tratado no que se referia à captura e derrota do presidente Solano López.

#### **1.1.4 A consolidação dos Estados Nacionais e o protagonismo dos países envolvidos na Guerra do Paraguai/Guasu (1864 – 1870). Reviravolta historiográfica**

O terceiro momento historiográfico é marcado por uma ruptura da história dicotômica: vilões, heróis, vencedores, perdedores, inocentes e bandidos. As críticas à historiografia positivista e imperialista possibilitaram, sobretudo aos historiadores, expandirem suas ferramentas metodológicas, assim como partilharem de um campo mais plural e interdisciplinar junto às demais áreas das ciências humanas. Ou seja, novos objetos de estudos vieram à tona e ganharam espaço nas pesquisas historiográficas, como as mulheres envolvidas nas guerras, o cotidiano dos campos de batalha, as imagens da guerra, a imprensa, as fotografias, os filmes produzidos sobre o conflito, as caricaturas, a guerra nos manuais didáticos, entre outros destaques<sup>3</sup>. São exemplos de pesquisadores nesse viés: Moniz Bandeira, Ricardo Salles, Wilma Peres Costa, Alfredo da Mota Menezes, Ana Paula Squinelo, Maria Eduarda Magalhães Marques, André Toral e Francisco Fernando Monteoliva Doratioto.

As concepções epistemológicas discutidas recentemente por pesquisadores sobre a guerra do Paraguai possibilitam a realização de um trabalho mais plural e a invocação de “novos” objetos de estudos. A pesquisa em andamento, com as histórias em quadrinhos, nasce dessa abertura epistêmica, colaborando no ensino de história com abordagens que vão além das propostas no livro didático. As HQs evidenciam fontes imagéticas, literárias, narrativas, semióticas entre outras. Também possibilitam discussões sobre as condições de produção das obras, o debate acerca dos testemunhos históricos, a questão da noção de tempo, o local de falados autores, as memórias, a representação dos sujeitos históricos no texto. Todas essas questões são possíveis de serem interpretadas e discutidas nas HQs.

O Brasil era um império quando se envolveu na guerra do Paraguai. Dom Pedro II liderava o governo naquele momento, sua imagem se popularizou como um monarca engajado na luta, o voluntário número um entre o exército. No entanto, o que o imperador não imaginava era que o conflito iria se prolongar por tantos anos, culminando em um déficit gigantesco nas contas públicas do império, atrasando as reformas solicitadas ao interior país, acarretando

consequentemente em uma crise econômica a nação, que teve como desfecho o declínio e a deposição do monarca<sup>74</sup>. A terceira fase do conflito foi marcada pela tomada do forte de Humaitá e pelas guerras de trincheiras que aconteciam de forma esporádica. Essa fase também foi marcada pela morte do presidente paraguaio Solano López em Cerro Corá. Além da ocupação da capital Assunção por parte das tropas aliadas. O governo imperial não coaduna com o fim da guerra como Duque de Caxias apontava que poderia ocorrer, após a invasão da capital paraguaia. O mapa a seguir mostra as regiões onde os aliados se organizaram contra as primeiras ofensivas paraguaias, atacadas pela ofensiva paraguaia no norte de Mato Grosso e ao Sul.

*Figura 2 - Mapa das operações aliadas*



**Fonte:** DORATIOTO, Francisco. *Maldita Guerra: Nova história da Guerra do Paraguai*. 2ª ed. São Paulo, Companhia das Letras, 2002. p. 397.

<sup>74</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz. *As barbas do imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos*. Companhia das Letras, 1997. p. 295.

As tropas já demonstravam sinais de esgotamento físico e mental. A guerra já durava mais tempo do que se imaginava que poderia durar. Nesse momento o Duque de Caxias abandona a missão, por entender que já havia chegado ao fim e que a caçada a López já não tinha mais sentido, a guerra não poderia ser pessoal. O imperador, sem outra opção, envia seu genro, o Conde d'Eu, como comandante para coordenar o restante das tropas.

O início da ofensiva militar paraguaia se deu em duas operações. A primeira coluna atacou a província de Mato Grosso em 1864, com resultados positivos para o Paraguai. A segunda ocupando Corrientes no território argentino e parte do Rio Grande do Sul em 1865. Algumas alianças com personalidades na província argentina só foram possíveis por causa das relações comerciais preexistentes. Essa batalha terrestre é identificada como estratégica. Mas, a derrota a partir desse conflito teve resultados decisivos para os soldados paraguaios. O jornal *correntino*, desse período que circulava entre alguns líderes militares, era o *El independiente*.

O conflito de Yatay, esfriou o otimismo dos soldados, causando deserções. O grande número de perdas humanas também foi decisivo para o enfraquecimento das tropas paraguaias. A batalha do Riachuelo, foi considerada a maior batalha naval do conflito em 1865.

Mesmo contando com uma marinha organizada, uma artilharia, e conhecimento do local de guerra, a frota imperial tinha mais integrantes e uma superioridade tecnológica, fator que desestabilizou os paraguaios. Os resultados foram calamitosos tanto para o Brasil como para o Paraguai. A batalha foi tema para as telas artísticas do pintor Víctor Meirelles.

Nesse contexto, as forças se concentravam para capturar Solano López e simultaneamente lutavam contra as doenças e a falta de alimentos. López e o seu exército de crianças havia fugido para o interior do país, em local de difícil acesso e desconhecido pelas tropas aliadas, revelando o tom dramático do final do conflito e o resultado das mortes da população adulta paraguaia. Quando as tropas alcançaram López, um governo provisório foi instalado em Assunção.

A partir dessas discussões historiográficas que apresentam múltiplos olhares sobre a guerra do Paraguai/Guasú, analisaremos no próximo capítulo como os autores compuseram suas histórias em quadrinhos, e de que maneira essas referências estão presentes ou ausentes nos enredos em seus personagens.

## 2 Capítulo

### 2.1 As representações sobre o (os) outro (os) entre (Paraguai/Brasil)nas HQs

*As HQs são “[...] obras ricas em simbologia – podem ser vistas como objeto de lazer, estudo e investigação. A maneira como as palavras, imagens e as formas são trabalhadas apresentam um convite à interação autor-leitor. (REZENDE, 2009. p. 126)*

#### 2.1.1 A nona arte brasileira e a paraguaia em destaque

Ao propormos uma análise imagética sobre a guerra Guasu, a partir de uma HQ brasileira e outra paraguaia, anunciamos um deslocamento epistêmico. O fato se realiza quando, oportunamente retomamos a noção de *Representação*<sup>75</sup> analisada através da linguagem dos quadrinhos, para compreendermos que a HQ brasileira elucida perspectivas sobre a guerra e os sujeitos paraguaios. Sob diferentes aspectos, a HQ paraguaia aborda perspectivas sobre a guerra e os sujeitos brasileiros protagonistas no conflito. Ambas, de acordo com seus contextos historiográficos, ampliam o potencial de discussões acerca do conflito. Essas representações permitem que os/as leitores/as possam fazer releituras do evento, observando a pluralidade de sujeitos/as que vivenciaram o conflito.

Nesse contexto, as obras selecionadas para essa pesquisa não se encaixam na categoria de autobiográficas, de super-heróis ou para o público infantil. Os quadrinhos em análise, são obras latino-americanas, que integram o gênero denominado como quadrinhos históricos<sup>76</sup>, publicadas em formato de livro. Apesar do enredo fictício, em ambas HQs os contextos sociais, políticos, econômicos e culturais em que foram produzidas marcaram de forma decisiva as características estéticas e as referências textuais em cada obra.

Na análise sobre os/as personagens podemos destacar inicialmente que os quadrinistas

---

<sup>75</sup> Representar é, pois, fazer conhecer as coisas mediante ‘pela pintura de um objeto’, ‘pelas palavras e gestos’, ‘por algumas figuras, por marcas’ – como os enigmas, os emblemas, as fábulas, as alegorias. Representar no sentido jurídico e político é também manter o lugar de alguém, ter em mãos sua autoridade[...] CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

<sup>76</sup> O autor dos quadrinhos – principalmente aquele que trabalha com os chamados quadrinhos históricos – remete o leitor a documentos que são tidos como verdadeiros, por uma visão subjetiva, que é aquela dada pelo artista; dessa forma, ele constrói a cada momento uma nova história, com um olhar cotidiano, influenciado pelos novos estereótipos ou por novos ícones da cultura de massa. BARBOSA, Alexandre. *História e Quadrinhos: a coexistência da ficção e da realidade*. In: VERGUEIRO, Waldomiro; RAMOS, Paulo (Org.) **Muito além dos quadrinhos: análise e reflexões sobre a 9ª arte**. São Paulo: Devir, 2009. p.103-112..

representam suas imagens de maneira figurativa com tendência estilizada<sup>77</sup>. Por se tratarem de HQs sobre um evento histórico, verificamos a preocupação dos ilustradores em contextualizar os trajes de época, objetos utilizados nos campos de batalha, monumentos, paisagens, nuances sobre o cotidiano referentes ao período retratado, os dialetos falados, a língua Guarani, os jornais que cobriram a guerra, os pintores contratados pelo Estado entre outras. Em relação às referências estéticas entre as ilustrações dos autores e movimentos artísticos, podemos encontrar elementos que lembram a estilística artística<sup>78</sup> de alguns períodos, destacando, dessa forma, um estilo próprio de representação artística<sup>79</sup> de cada autor.

Dessa forma, as histórias em quadrinhos podem ser consideradas produtos culturais que revelam, através de uma linguagem própria, representações sobre a realidade sociocultural do seu contexto de produção. Nesse sentido, coadunamos com o pensamento do autor Paulo Ramos, quando afirma, “Quadrinhos são quadrinhos. E, como tais, gozam de uma linguagem autônoma, que usa mecanismos próprios para representar os elementos narrativos. Há muitos pontos comuns com a literatura, evidentemente. Assim como há também com o cinema, o teatro e tantas outras linguagens”<sup>80</sup>. As histórias em quadrinhos são tratadas nessa pesquisa como fenômeno, artístico e histórico. No entanto, não negamos a importância dos aspectos da linguagem que constituem as chamadas unidades constitutivas dos quadrinhos e que contribuem para compreensão da leitura realizada.

Para entendermos como a estrutura da linguagem dos quadrinhos funcionam, abordamos como alguns parâmetros metodológicos devem ser estabelecidos para a análise dos aspectos formais<sup>81</sup> (texto e imagem), assim como o contexto de produção e as referências teóricas utilizadas para a construção textual nas obras.

---

<sup>77</sup> Toral explica em seu site pessoal que elabora suas HQs, primeiro numa espécie de rascunho, chamado de desenho cru, (contornos sem cor), posteriormente colorindo com lápis de cor e aquarela. Visualizamos, nas ilustrações de Adeus amigo brasileiro, traços com contornos bem delimitados entre as figuras, alternando em contornos mais fortes e mais suaves, com exceção de algumas paisagens em que o ilustrador dispensa a utilização do recurso. As sugestões de volume nos desenhos se dão com o uso das cores. Encontramos, ainda, em menor quantidade, quadrinhos em preto e branco

<sup>78</sup> Ou seja, características estéticas, plásticas, visuais, sonoras, típicas da produção da cultura de um local e período específicos que são consequências diretas do seu contexto, que se desenvolveram de acordo com as suas necessidades e que acabam caracterizando um estilo específico[...] as variações estilísticas são por exemplo, o Impressionismo e o Expressionismo, pelas quais as linguagens de produção são por exemplo, a Pintura e o Cinema que podem variar em diferentes épocas e locais. COSTA, Rafael Machado. **Uma Janela Aberta para Outros Mundos**: relações entre espaço, perspectiva e diegese nos Quadrinhos. p.97

<sup>79</sup> Por arte figurativa, entendo qualquer modo de representação em pintura e em escultura ou outra representação de natureza visual que oferece ao olho a ilusão de uma realidade percebida, por mais que seja simplificada, distorcida, exagerada ou ampliada. GOODING, Mel et al. **Arte Abstrata (Movimentos da Arte Moderna)**. Editora: Cosac Naify. 1º Edição, 2002. p.06.

<sup>80</sup> RAMOS, Paulo Eduardo. **A leitura dos quadrinhos**. Editora Contexto, 2010. p.17

<sup>81</sup> SILVA, Nadilson M. **Elementos para a análise das Histórias em Quadrinhos**. In: Trabalho apresentado núcleo de Histórias em Quadrinhos do XXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Campo Grande. 2001.

A linguagem dos quadrinhos foi ao longo do tempo se consolidando junto aos recursos como os balões, as onomatopeias, elementos estes integradores dos quadrinhos. Não são exclusivos das HQs, pois podem ser utilizados por outras mídias, como os jornais e revistas, por exemplo. O que reforça os aspectos de autonomia e a pluralidade que as linguagens dos quadrinhos possuem, podem ser analisados a partir da hibridação desses recursos as ideias/sujeitos/contextos que desejam ser representadas.

Segundo Moya (1993)<sup>82</sup>, a origem da história em quadrinhos foi um tema controverso e muito debatido entre os pesquisadores, por divergirem principalmente sobre os aspectos que caracterizavam tais quadrinhos como precedentes da nona arte. Outro pesquisador como Matheus Calci, aponta que os quadrinhos surgiram juntamente com o cinema e o jornal impresso no final do século XIX, denominado de cultura de massas. O artista suíço Rudolf Töpffer (1799-1846) é considerado um dos precursores dos quadrinhos modernos<sup>83</sup>. O desenhista utilizava em suas obras uma sequência nos desenhos e linhas com textos narrativos, como na obra *A história de Monsieur Jabot*, publicada em 1831.

No Brasil, o artista ítalo-brasileiro Angelo Agostine (1843-1910) trabalhou em seus quadrinhos, tirinhas e charges com a temática da guerra do Paraguai, a queda do Império e a consolidação da República oligárquica, também trabalhou e desenhou para as revistas da época, como *Diabo Coxo*, *O Cabrião*, *Vida Fluminense*, *O mosquito*, *O Tico-Tico* até o ano de sua morte no Rio de Janeiro em 1910<sup>84</sup>.

Assim, os quadrinhos possuem em sua forma de composição, aspectos narrativos, contexto histórico, traços dos autores, fontes imagéticas, formas de representação de determinados conceitos ou temas, mesmo com todo esse potencial de recursos para pesquisas, as HQs ainda são pouco empregadas como recurso didático, ou como fonte por historiadores. No século XX, esse material era visto como publicação com viés infantil. No entanto, algumas obras- como *Maus*, *Reino do Amanhã*, *Deus Ama o Homem Mata*, são exemplos de obras que trazem em seus enredos conteúdos que podem ser analisados de forma crítica, assim como subsidiarem ou exemplificarem explicações de conceitos importantes como memória<sup>85</sup>. Dessa forma, as edições escolhidas para esse trabalho são as expostas a seguir:

Originalmente a obra: Adeus, chamigo brasileiro: Uma história da guerra do Paraguai fez

<sup>82</sup> MOYA, Álvaro. **História da história em quadrinhos**. São Paulo: Brasiliense, 1993. p.12

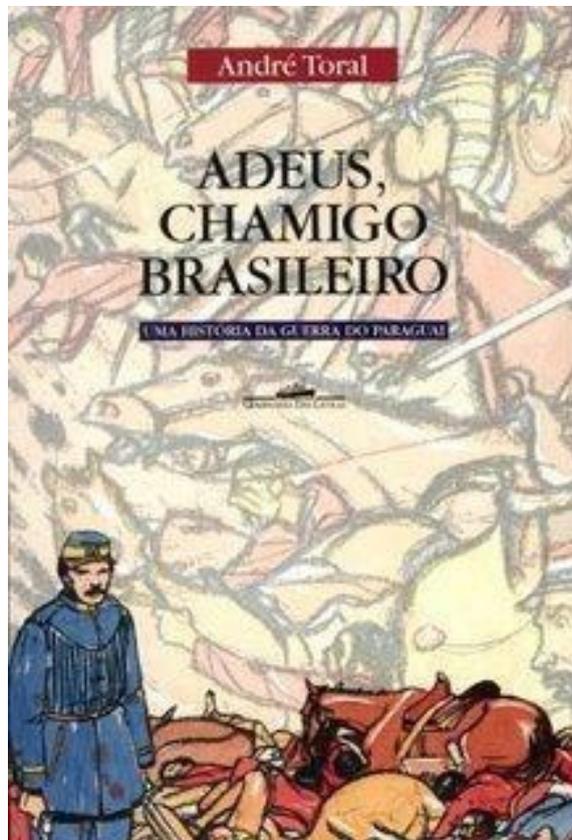
<sup>83</sup> <https://bce.unb.br/wp-content/uploads/2020/05/Panorama-Geral-das-HQs-1>

<sup>84</sup> Ibid. p. 22

<sup>85</sup> CALLARI, Victor; GENTIL, Karoline K. **As pesquisas sobre quadrinhos nas universidades brasileiras**: Uma Análise Estatística do Panorama Geral e entre os Historiadores. *História, Histórias*. Brasília, v. 4, n. 7, p. 9- 23, 2016.

parte da tese de doutorado intitulada *Adiós, xamigo brasileiro*: um estudo sobre a iconografiada guerra da Tríplice Aliança com o Paraguai, aprovada pelo Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. A tese foi dividida em duas partes: a primeira, na forma de arte sequencial ou história em quadrinhos, foi publicada pela editora paulista Companhia das Letras em 1999. Abaixo apresento a capa da edição escolhida como objeto de pesquisa nessa dissertação.

*Figura 3 - Capa da HQ: TORAL, André. Adeus, chamigo brasileiro: Uma história da Guerra do Paraguai. Companhia das Letras, 2008. Capa comum: 128 páginas. 2ª Edição colorida.*

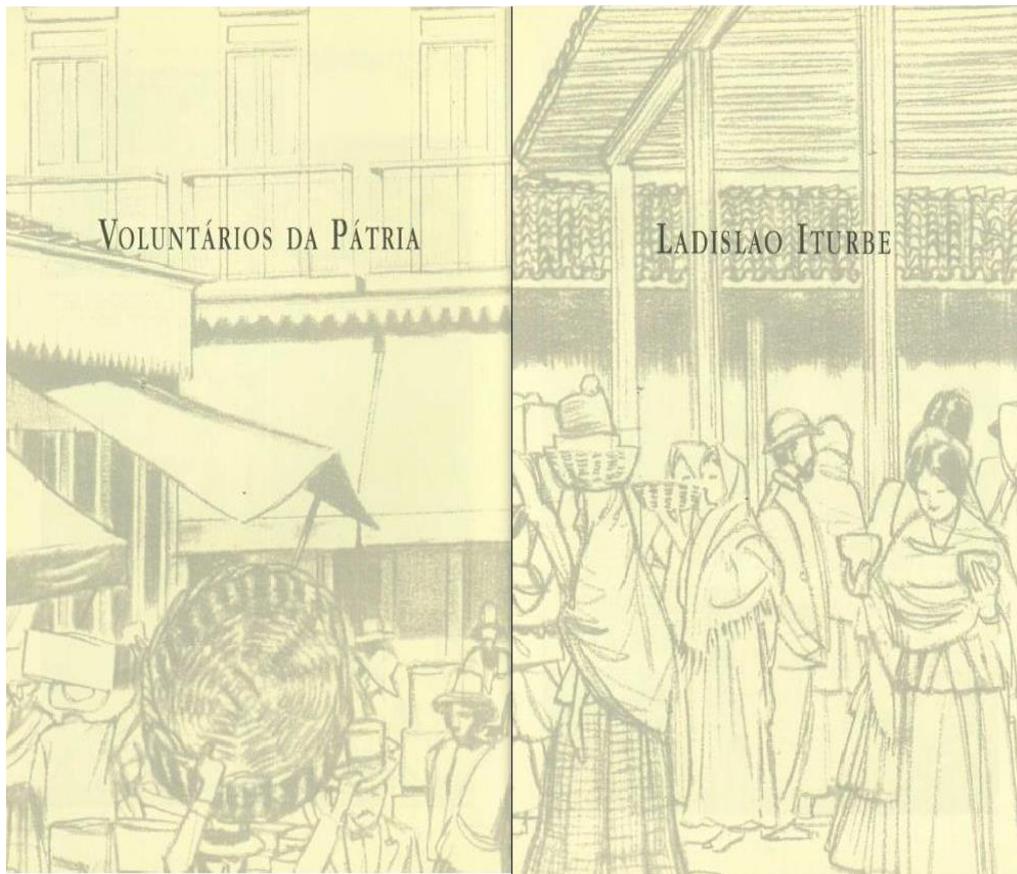


**Fonte:** TORAL, André. *Adeus, chamigo brasileiro: Uma história da Guerra do Paraguai*. Companhia das Letras, 2008

### 2.1.2 Sobre Adeus Chamigo brasileiro de André Toral

A segunda parte, apresenta um levantamento a respeito das imagens do conflito. O que rendeu em 1999 a HQ o prêmio HQ Mix dos quadrinhos, que é considerado o “Oscar” dos quadrinhos brasileiros e tem por objetivo incentivar e apoiar os/as quadrinistas no Brasil. A edição selecionada para essa pesquisa é a 2ª reimpressão de 2008. A obra é colorida, possui 128 páginas e é dividida em dois capítulos: “Voluntários da pátria” e “Ladislao Iturbe”. Abaixo apresento como o autor dividiu os capítulos na HQ.

**Figura 4** - Capa dos subcapítulos da HQ *Adeus, Chamigo Brasileiro*



**Fonte:** TORAL, André. *Adeus, chamigo brasileiro: Uma história da Guerra do Paraguai*. Companhia das Letras, 2008

A estória gira em torno da Guerra do Paraguai. A narrativa é apresentada por três personagens principais: Jorge, um carioca de família abastada, que vai à guerra no intuito de conquistar, por meio do exemplo de um homem guerreiro, o amor de uma dama. Silvino, um baiano pobre que é levado à força na política dos voluntários da pátria. O estudante Ladislao, que tem sua carreira acadêmica interrompida quando é convocado pelo exército paraguaio a se alistar no exército.

A obra apresenta linhas temporais de um cenário anterior à guerra, quando os personagens se preparam para o conflito. Na sequência são apresentados os conflitos, embates e mortes entre as nações, o massacre do exército paraguaio e, por fim, as tentativas fracassadas de findar a guerra, até a morte de Francisco Lopez e a realidade em que o país ficou com o fim do conflito. A seguir apresento, de forma sumária, como o autor narra e apresenta os personagens na obra.

### 2.1.3 Voluntários da Pátria

A história inicia-se em março de 1863, em uma navegação que vem da França para a América Latina. Nessa embarcação acontece um diálogo entre dois estudantes paraguaios. Um deles reflete sobre o governo de Solano Lopez e o considera semelhante ao do pai, ditatorial e com tendências liberais. Gregório Benites recebe-os com a notícia que eles três terão que voltar ao Paraguai para juntar forças ao exército do país que passa por apuros.

**Figura 4** - Em destaque um dos personagens principais; Ladislau Iturbe



**Fonte:** TORAL, André. *Adeus, amigo brasileiro: Uma história da Guerra do Paraguai*. Companhia das Letras, 2008. p. 08

**Figura 5** - Em destaque os personagens negros, capturados a força para compor o grupo de voluntários da pátria



**Fonte:** TORAL, André. *Adeus, amigo brasileiro: Uma história da Guerra do Paraguai*. Companhia das Letras, 2008. p. 13

Mudamos de cenário e vamos para o sertão da Bahia. Dois sertanejos (Silvino e

Sebastião) estão tentando capturar uma paca, enquanto Anastácio Carvalho, em uma delegacia,ouve sobre a lista de voluntários da pátria e indica homens para compor o grupo. Silvino acaba sendo capturado pelo exército para compor os voluntários da pátria. No momento de sua captura, Silvino é informado que vai para o Paraguai, país que ele nem conhecia. Dessa forma, Silvino é levado de Xeréu para o porto, deixando sua esposa grávida. Nesse momento, apareceu a primeira personagem feminina na HQ – esposa de Silvino<sup>86</sup>. No porto da cidade, Silvino e Sebastião se dão conta de que foram capturados quando estão dentro de um porão de um navio com oitenta homens, sua esposa acabou ficando sozinha e grávida. Conforme demonstra o quadrinho abaixo:

**Figura 6** - Em destaque a primeira personagem feminina na HQ – esposa de Silvino



**Fonte:** TORAL, André. Adeus, chamigo brasileiro: *Uma história da Guerra do Paraguai*. Companhia das Letras, 2008. p. 12.

Vamos para outro cenário, na capital do império, RJ. Homens negros são conduzidos ao porto, acorrentados como bichos. Um aristocrata atravessa o comboio para ir a um baile que acontece no cassino fluminense na capital. Nessa festa os personagens representam a elite, as celebridades, políticos entre outros da elite. Os amigos de Jorge dialogam durante o baile e estranham sua saída antecipada do baile. Jorge entra em uma carruagem e segue para sua casa. Ao entrar na casa, depara-se com sua amada Helena, que trabalha como “empregada para sua mãe” que estava enferma.

<sup>86</sup> TORAL, André. Adeus, chamigo brasileiro: *Uma história da Guerra do Paraguai*. Companhia das Letras, 2008. p. 12

**Figura 7** - Em destaque o personagem Jorge em diálogo com sua mãe e com a mulher idealizada e amada por ele, Helena



Fonte: TORAL, André. *Adeus, chamigo brasileiro: Uma história da Guerra do Paraguai*. Companhia das Letras, 2008. p. 16.

Quando dona Augusta, mãe de Jorge, se restabelece ela vai até a Baía de Botafogo, realizar uma vistoria para alugar um dos imóveis da família. Jorge acompanha e Helena também. Enquanto o mestre de obras guiava dona Augusta para ver as infiltrações, Helena e Jorge trocavam olhares na varanda da casa observando um casal de pombos. Jorge questionou os sentimentos dela por ele. Mas Helena se esquivava e tenta voltar à companhia das outras pessoas. Jorge, sentindo-se ignorado ao ver Helena beijar os pombos, segura-lhe sua cabeça e a beija forçadamente. Helena se afasta e dona Augusta aparece com o mestre de obras reclamando do estado em que a casa ficou. Quando voltavam para casa, dentro da carruagem, a mãe de Jorge percebeu que os dois estavam quietos e pensativos. Dona Augusta presume que Helena pudesse estar apaixonada por Jorge. Augusta julgava que se houvesse um relacionamento entre os dois seria um péssimo casamento para Jorge. Nesse momento, ela articula um plano com Luís Garcia, que foi sócio de seu falecido esposo, para afastar Jorge do Rio de Janeiro e outro para casar Helena. Ela sugere que ele vá como voluntário da pátria e depois consiga uma patente de coronel. Enquanto isso, os navios ancoram no porto *pharoux*, entre eles o velho brigue português, com Silvino e Sebastião no porão da embarcação. Eles tentavam observar o que havia fora através de uma fresta.

Em outro momento, Jorge estava com uma amiga do sarau em um quarto reservado. Depois passou ligeiramente por um espetáculo de que não havia gostado, avistou alguns amigos, entre eles Chiquinha, que se sentiu rejeitada por ele, por não terem prolongado o diálogo.

Ao retornar para sua casa, encontra seu Luiz Garcia, que lhe oferece um cigarro e

conversam sobre o desejo de Jorge de ir para a Guerra. Jorge revela que sua ida para a guerra tinha o intuito de ganhar a estima de sua amada Helena. Movido por um sentimento patriótico e de emoção por amor à Helena, Jorge se apresenta como voluntário da pátria.

Ao se alistar, surpreende-se um pouco com a rudeza do tratamento que lhe é reservado e acaba recorrendo às influências que sua mãe tinha e consegue um posto de tenente de um batalhão que chegara da Bahia com destino a Montevideu. Antes de partir, Jorge revela à Helena que um dos motivos de ida para guerra seria o apreço e sua consideração pelo amor que ele sentia por ela<sup>87</sup>. O autor fala um pouco sobre a guerra civil no Uruguai. Ao chegarem a Montevideu, receberam um treinamento insuficiente e armamentos enferrujados. O outro faz uma crítica à falta de estrutura e armamentos dos soldados brasileiros<sup>88</sup>. Na sequência, o autor utiliza o desenho do jornal *Cabrião* para mostrar como os soldados eram representados e satirizados nos jornais na corte imperial. Para alguns homens, a guerra significava a continuação de uma vida de privilégios; para outros não era muito distante da realidade de desafios para sobreviverem.

Das margens do Paraná, o comboio onde estava Silvino e Sebastião marcham até Tuiuti, já no ano de 1866. São surpreendidos ao observarem o comandante Jorge interrogar um soldado com postura suspeita porque estava desenhando, era o artista e soldado Candido López<sup>89</sup>. Ao observarem um gavião e a vegetação no território paraguaio, o autor questiona o fator do ambiente remeter ao Brasil e o quanto as fronteiras são frágeis e simbólicas, visto que a imagem do outro (estranho) pode ser forjada, manipulada, reconstruída e ressignificada.

O dia a dia do acampamento dos aliados é representado como um ambiente cosmopolita, com um comércio sortido de produtos<sup>90</sup>. Jorge posa para uma fotografia que enviara para sua mãe em forma de cartão, enquanto Silvino e Sebastião quase se metem em uma encrenca no bar.

Nesse contexto são mostrados os estereótipos e preconceitos entre os brasileiros por serem de Estados diferentes no Brasil<sup>92</sup>. Em outro cenário, Solano Lopez aparece pela primeira vez na HQ, fazendo um discurso a um grupo de recrutas, orientado em uma estratégia e no fato de que os brasileiros não conheciam a região do território paraguaio. Solano confiava que poderia vencer.

Começa a batalha de Tuiti, 24 de maio de 1866<sup>91</sup>, e o batalhão dos aliados é destruído

---

<sup>87</sup> Idem, ibidem, p.27.

<sup>88</sup> Idem, ibidem, p.28.

<sup>89</sup> Idem, ibidem, p.30.

<sup>90</sup> Idem, ibidem, p.33.

<sup>91</sup> Idem, ibidem, p.35

pelo exército paraguaio. O confronto se intensifica entre os aliados e os paraguaios. O morticínio é voraz, o exército paraguaio foi exterminado. A atmosfera de pólvora, corpos mutilado e sangue era traumatizante. General Osório é representado como um animador das tropas por lutar junto com os combatentes<sup>92</sup>

Jorge se prostra diante daquela realidade de corpos. A guerra o deixa transtornado. Esse quadro tornou-se a capa da HQ. Silvino e Sebastião faziam parte do grupo que recolhia os corpos e os empilhava para colocarem fogo. Mais de 6 mil corpos foram empilhados e outros 7 mil enterrados em valas<sup>93</sup>, parte do exército de López virará fumaça. Depois da vitória em Tuiuti, os aliados permanecem um tanto parados, mas por outro lado os paraguaios intensificam os ataques de forma diária. Começa a batalha do Boqueirão em 1866, que na verdade é a tentativa dos aliados de forçarem uma entrada no forte de Humaitá. Nesse momento, a companhia *Bate & Cia* envia seu fotógrafo, Esteban Garcia, que fica em um acampamento e registra os destroços da guerra<sup>94</sup>. Um capitão paraguaio entra em território dos aliados para trazer uma mensagem de Solando Lopez. Um possível encontro entre Lopez, Mitre e Flores aqueceu os ânimos dos sujeitos em batalha. Entretanto o encontro nunca existiu de forma amigável<sup>95</sup>

As tropas aliadas seguem o plano de atravessarem o forte de Humaitá, no entanto a região apresentava dificuldades para as tropas que não conheciam o território. Começa a batalha de Curupaiti<sup>96</sup>. Encouraçados da guarda imperial se aproximavam dos canhões que guardavam à beira do rio. As trincheiras paraguaias estavam sendo destruídas, e os aliados, cercando a fortificação, atacaram de frente Curupaiti. Mas nesse ponto os paraguaios resistiram bravamente e os aliados sofreram um revés<sup>97</sup>. Até esse momento da HQ, não aparece nenhuma personagem feminina lutando na guerra, mas o autor faz referência à Helena enfrentando um casamento sem amor. Por outro lado, em Curupaiti ocorreu a maior derrota dos aliados. Depois do confronto de Curupaiti, a guerra teve uma pausa. Os combatentes e a população dos países em guerra esperavam um acordo político que cessasse o conflito, o que era noticiado pela imprensa que cobria a guerra naquele momento. No entanto, mesmo com a breve pausa na guerra, os combatentes acabavam morrendo vítima de cólera. O jornal argentino “O mosquito” mostrava a impopularidade da guerra, mas apenas os oficiais tinham acesso ao material. Num

---

<sup>92</sup> Idem, *ibidem*, p.39.

<sup>93</sup> Idem, *ibidem*, p.46.

<sup>94</sup> Idem, *ibidem*, p.49.

<sup>95</sup> Idem, *ibidem*, p.54

<sup>96</sup> Idem, *ibidem*, p.55

<sup>97</sup> Idem, *ibidem*, p.56.

lugar ermo chamado de terra de ninguém, Sebastião revela que criou uma amizade com um paraguaio chamado Salustiano. Nos momentos de inatividade da guerra, o companheirismo entre os combatentes mesmo inimigos era inevitável. Eles trocavam alimentos, fumavam entre outros. Eles dividiam até as sátiras que o jornal Cabichui fazia sobre o tempo que a guerra tomava<sup>98</sup>.

A impopularidade da guerra, os altos custos que o conflito gerava e as divergências sobre como finalizarem a guerra evidenciaram o desgaste nas políticas dos países aliados, fazendo com que Flores retornasse com suas tropas para o Uruguai. Mitre tinha autorização do gabinete argentino para tratar em separado de um acordo para findar a guerra, mas ele decide se posicionar fiel ao tratado da tríplice aliança e retira suas tropas de campo, sobretudo por conta de rebeliões internas, enquanto o Brasil luta a guerra praticamente sozinho<sup>99</sup>.

Enquanto isso, nosso personagem Jorge recebeu a visita inesperada de Luís Garcia, que se alistou para a guerra como coronel da guarda nacional, e o encontro entre os dois foi caloroso pelo menos no início, até descobrir que Luís Garcia havia se casado com Helena, a mulher que Jorge amava. Quem havia arranjado o casamento foi sua mãe, Augusta, antes de falecer. Como se não bastasse essa informação, um oportunista, na corte do Rio, Procópio Falcão pedia informações para negociar produtos durante a guerra. Jorge questionou a postura do conhecido em querer lucrar diante daquele caos, sugerindo uma imoralidade. Procópio respondeu apontando que não era apenas ele que pensava daquela forma e que o barão de Mauá também havia aberto uma agência do Banco do Brasil próximo à região em guerra<sup>100</sup>.

Na sequência do enredo, personagens femininas são apresentadas no campo da guerra, uma das personagens tem relação sexual com Silvino apenas para se sentir superior à sua empregada que tinha interesses amorosos por Silvino. Próximo das trincheiras, Jorge entra numa cabana inimiga, os superiores o orientam a não tomar aquela atitude, mas Jorge ignora e segue. Após uma curta conversa com um grupo de paraguaios, Jorge retorna e dialoga por um curto tempo com Luís Garcia, que acaba sendo baleado por um riflero, que era um grupo de homens treinado por López para assassinar militares oficiais<sup>101</sup>.

Na guerra também foram utilizados balões, para observarem a movimentação dos paraguaios. Chegamos no ano de 1869 na HQ, e os aliados já haviam atacado Assunção e forçado a fortaleza de Humaitá. Nesse momento, López foge de Assunção, junto com sua esposa

---

<sup>98</sup> Idem, ibidem, p.58.

<sup>99</sup> Idem, ibidem, p.59.

<sup>100</sup> Idem, ibidem, p.64.

<sup>101</sup> Idem, ibidem, p.69.

Elysa Lich e alguns de seus comandantes<sup>102</sup>. A imprensa questiona onde estaria López, e os sobreviventes dos destroços de Humaitá ficam perplexos ao verem corpos boiando nas margens do rio.

O jovem pintor observa cada detalhe e registra em seus desenhos. Para compor suas obras, ele vai no horário em que o ataque aconteceu, reserva um tempo para observar os detalhes do caos da guerra e faz uma crítica a Pedro Américo, seu companheiro de ofício, que, no entanto, tinha mais privilégios na carreira<sup>103</sup>. O pintor volta ao Rio de Janeiro para entregar suas encomendas, entre elas o retrato que Jorge enviara para a viúva Helena. Jorge imaginava de forma íntima poder reviver com Helena o que aprendera sobre a vida de uma mulher casada com o finado Luiz Garcia<sup>104</sup>.

No primeiro capítulo da HQ, o autor André Toral trouxe nos personagens a representação de alguns sujeitos que viveram a guerra. Silvino, personagem baiano, pobre, nordestino, foi levado à força para compor o grupo dos voluntários da pátria. Jorge, jovem de família abastada do RJ compôs o exército como oficial e Ladislau, um estudante paraguaio, são os principais personagens. Mas, ao longo da obra, temos as personagens femininas representadas nas figuras da esposa, mãe das famílias envolvidas no conflito, como a esposa de Silvino, desconfiada ao saber sobre a captura do esposo. Helena, jovem mulher que trabalhava como empregada de dona Augusta, mãe de Jorge. Chiquinha, uma mulher jovem que vivia no RJ. Outro personagem é o senhor Luís Garcia, senhor apresentado como amigo da família de Jorge. As noções apresentadas no primeiro capítulo trazem uma perspectiva ampliada sobre o conflito. São apresentados nuances do cotidiano da guerra, como as relações de amizade travadas nas trincheiras, a formação do exército, a participação de artistas como Candido López, o papel da imprensa na guerra, com destaque para as charges do jornal *Cabrião* e o jornal *Mosquito*, que produziam notícias sobre guerra. Os registros fotográficos são representados quando alguns personagens como Jorge decidem por fazer um cartão para a família. Os bares que os soldados frequentavam, as imagens da Guerra como os quadros, pinturas, desenhos, litografias, os desertores e prisioneiros de guerra, a participação de mulheres, indígenas crianças.<sup>105</sup> Percebe-se também uma linha temporal de acordo com as batalhas travadas no decorrer do conflito, inicia-se em 1863 quando os estudantes paraguaios descobrem que teriam de abandonar os estudos e partirem para o Paraguai para comporem o exército, nesse momento tecem críticas em

---

<sup>102</sup> Idem, *ibidem*, p.71.

<sup>103</sup> Idem, *ibidem*, p.72.

<sup>104</sup> Idem, *ibidem*, p.77.

<sup>105</sup> AZEVEDO, Renan Ramires de.; BATISTOTE, Maria Luceli Faria. Análise semiótica do texto-escultura 'Cavaleiro Guaicuru'. **Fólio - Revista de Letras**, v. 14, n. 1, 2022

relação ao governo de Solano López. Depois vivemos a batalha de Tuiuti em 1866, quando os aliados ganham e se movem até Curupaiti e amargam a primeira derrota, em 1867. Nesse primeiro capítulo da obra, as representações contidas nas HQs nos remetem a reflexões sobre as formas de pensamento da sociedade e dos personagens envolvidos na guerra. Por meio das HQs, podemos analisar as contradições, semelhanças, negociações e os interstícios que serviram como base para a criação dos enredos.

No enredo das HQs, os sujeitos fictícios vivem nas margens do “presente”, sobrevivem meio à guerra e negociam suas diferenças culturais. O futuro não é necessariamente um novo horizonte ou o fim do conflito. O contexto em que o espaço e o tempo se cruzam são refletidos e fazem parte da construção das identidades e das diferenças representados nos personagens, demonstrando que na guerra não houve heróis ou vitoriosos.

Ao longo das narrativas nos quadrinhos as populações não aparecem como categorias monolíticas ou fixas. A abordagem tem o enfoque para que as diferenças não se deem em lógicas binárias. As identidades resultam em polaridades nas HQs. Se pensarmos em um hibridismo, teremos a possibilidade de acolher a diferença sem uma hierarquia previamente imposta pela polaridade de pensamento<sup>106</sup>.

O contexto de guerra como eixo norteador das discussões nas HQ denota questões temporais, e o presente deixa de ser um elo entre passado e futuro. No presente acontecem os rompimentos, os diálogos, conflitos, as negociações, quando as desigualdades entre as minorias são expostas. O presente torna-se um movimento descontínuo e complexo.

Existem vários grupos étnicos com diferenças marcantes representadas nas HQ, como os negros, os índios, os mestiços e os brancos. Esses grupos são representados a partir das narrativas diaspóricas<sup>107</sup>, ou seja, na oportunidade de romper com os estereótipos e verbalizar a partir do lócus de pertencimento, dessa forma, no momento em que a noção de fronteira torna-se o lugar a partir em que se começa a fazer o presente. A noção de cultura popular é entendida em deslocamentos e disjunções, produzidas nas minorias, compondo assim a cultura nacional<sup>108</sup> dos países beligerantes.

A seguir vamos discutir as noções de sujeitos representadas nas HQs, que podem ser

<sup>106</sup> BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998. p.22.

<sup>107</sup> ...uma fissura histórica e experimental entre lugares de residência e lugares de pertencimento. Isto por sua vez estabelece uma oposição mais profunda. A consciência de afiliação à diáspora encontra-se em oposição às estruturas e formas de poder distintivamente modernas, direcionadas pela complexidade institucional dos Estados Nação. A identificação da diáspora existe por fora e por vezes em oposição às formas e códigos políticos cidadania moderna. GILROY, Paul. **Entre campos**. Nações, culturas e o fascínio da raça. São Paulo: Annablume, 2007. p.157.

<sup>108</sup> Ibidem. p. 22

definidas na articulação das diferenças culturais, singulares ou coletivas entre os paraguaios, argentinos, brasileiros e uruguaios. O autor demonstra que as negociações nem sempre foram dialógicas, algumas vezes foram profundamente antagônicas, conflituosas e contraditórias, essas passagens são ilustradas nos quadros que mostram os corpos vitimados no conflito.

#### **2.1.4 Ladislau Iturbe**

A segunda parte da obra começa com Jorge se expondo aos perigos de ser capturado por paraguaios em meio a floresta. Como se fosse uma miragem, eles avistam Silvino fugindo, pois Silvino estava sem rumo e com medo de ser pego como desertor. Nesse momento ele encontra um paraguaio e pede comida. Era Ladislau, lopizta que teve de deixar os estudos em Paris para lutar na guerra. Os dois sem forças não entram em confronto, apenas dividem a carne de um cavalo morto<sup>109</sup>, seguem roubando alimentos e sobrevivendo como desertores.

Ladislau conta a Silvino sobre sua vida e como chegou ao Paraguai para lutar na guerra. Ele havia interrompido o curso de direito internacional na Inglaterra para se alistar. Quando chegou a sua terra natal, desembarcou em Humaitá em maio de 1864 e com o restante da tropa recebeu treinamento militar. Antes das experiências horrores de Jataí, Ladislau só havia escutado sobre a guerra em livros. Um dos momentos que mais traumatizou Ladislau foi quando ele viu seu amigo morrer na sua frente e um dos membros estourados cair sobre seu rosto<sup>110</sup>, mais de 1700 dos seus compatriotas foram mortos naquele mesmo dia. Ele desmaiou e quando acordou foi capturado pelas tropas argentinas e levado para uma casa como prisioneiro, no batalhão militar oriental Libertad. Como prisioneiro, ele recebeu algumas visitas inusitadas, a primeira de um oficial argentino desenhista e depois do imperador brasileiro Dom Pedro II<sup>111</sup>.

Até que ele conseguiu se juntar a mais dois compatriotas, Andrés e Pancho, e conseguiram fugir. Quando chegaram às margens do rio Paraná, eles se separaram. Ladislau foi à procura dos exércitos paraguaios e foi recebido junto com outros combatentes de Uruguai pelo próprio López. Recebeu a ordem para participar da artilharia. Lá conheceu o general Dias, um forte aliado de López e vencedor da batalha de Curupaiti. Ele se lembra de que em 1867 Diaz saiu para fazer um reconhecimento das tropas aliadas que poderiam estar próximas ao rio Paraguai, nesse momento é apresentado na obra o primeiro personagem indígena<sup>112</sup>, e mais uma vez os soldados brasileiros são mencionados como macacos pelos personagens paraguaios. Num ataque

---

<sup>109</sup> Idem, *ibidem*, p.82

<sup>110</sup> Idem, *ibidem*, p.86.

<sup>111</sup> Idem, *ibidem*, p.89.

<sup>112</sup> Idem, *ibidem*, p.93.

dos aliados ao pequeno barco que fazia ronda, o general Diaz morre e uma comoção toma conta do restante das tropas paraguaias.

Ladislau, com medo daquela situação de viver em trincheiras, recebe a notícia de que será enviado para Paso Pucu, onde começa a trabalhar no jornalzinho Cabichuí (nome de uma espécie de vespa). O local onde ele e outros doze homens produziam o material do jornal era um barracão improvisado<sup>113</sup>.

Ladislau teve que voltar a Assunção em busca de material para produzir o jornal, sentia-se feliz naquele momento por saber que poderia ver seus familiares. Quando chega à cidade de Assunção, encontra sua mãe e seu irmão, no caminho sua mãe lhe conta que o armazém que era de sua família havia sido ocupado pelo governo sem indenização até aquele momento. Ladislau encontra uma “Assunção” muito diferente de antes da guerra, eram crianças soldados, mulheres negras brasileiras moradoras de rua na cidade. Falta de alimentos, morte de amigos e familiares, um encontro com o caos<sup>114</sup>.

Durante sua estada na capital, Ladislau observou que o lugar mais movimentado era o *cemitério de la Recoleta*. A guerra tinha transformado a vida de todos, pareciam esperar o momento de a morte chegar<sup>115</sup>, o paradoxo era gigante na capital, ao mesmo tempo que várias famílias lutavam para sobreviver, poder enterrar seus entes, ou para poderem ajudar quem havia ficado sozinho. Os López construíram um mausoléu para o enterro e mantinham o monopólio do comércio na capital. Quando chegaram ao mercado, a desigualdade e a injustiça se fizeram reais para Ladislau, assim como sua desesperança em relação a López.

Irado com os preços altíssimos da carne, Ladislau se exalta no mercado e faz duras críticas ao governo de López, num açougue. Sua mãe o alertou sobre o perigo de ser denunciado e não demora muito para um delator relatar a situação aos apoiadores de López. Alguns dias depois, Ladislau soube que até o irmão do presidente Benigno López fora acusado de traidor<sup>116</sup>. O jornal Cabichui, onde Ladislau trabalhava, foi acusado de conspiração contra Solano López e fora fechado. Ladislau já estava com a sentença pronta antes mesmo de ser julgado. Ele foi levado para um campo aberto, onde todos os acusados de traição aguardavam a sentença de morte. Em um momento de aflição, diante de um soldado e um menino, Ladislau matou o soldado e deu uma coronhada na cabeça do menino. No momento da fuga, uma bomba aliada explodiu ao lado do campo onde estavam os prisioneiros, o que acabou facilitando a fuga de Ladislau. Escondido na mata na companhia de Silvino lembra de um chão coberto de corpos, alguns com

---

<sup>113</sup> Idem, *ibidem*, p.96.

<sup>114</sup> Idem, *ibidem*, p.99.

<sup>115</sup> Idem, *ibidem*, p.102.

<sup>116</sup> Idem, *ibidem*, p.104.

umas placas na boca, onde estava escrito traidores da pátria<sup>117</sup>. Num lugar próximo onde ondas estavam escondidos, Jorge, em meio a um tiroteio, tem seu cavalo ferido, acaba fugindo e carregando-o desmaiado.

O narrador interrompe a história para nos lembrar dos cartazes que foram colados em Assunção depois que a tropa imperial passou por Humaitá. Uma declaração afixada num poste orientava a população a evacuar a cidade e falava claramente em denunciar os chamados traidores, ou seja, qualquer um (uma) que levantasse algum questionamento sobre a postura de López. Em meio às opiniões divididas, a mãe de Ladislau - como muitas outras mães, mulheres, esposas, em meio à guerra - buscava notícias sobre Ladislau. Mas se desespera quando soube que o filho caçula estava equipado com uma barba postiça e um fuzil de madeira, para lutar no exército de crianças<sup>118</sup>.

Enquanto Jorge delirava entre a vida e a morte, imaginava estar entre os seios de Helena, estar com sua mãe, declarava versos de Shakespeare, quando se deu conta que estava entre mortos e seu cavalo morto ao lado. Silvino e Ladislau encontram Jorge e o ajudam a sair daquele local. Silvino na verdade queria saber o que Jorge sabia a seu respeito. No caminho eles quase brigam, ao mesmo tempo a infantaria brasileira toma o palácio de Lopez, esse que se encontra em fuga nesse momento na HQ<sup>119</sup>. Quando encontram um grupo de gaúchos, Silvino se desespera e acaba atirando em um deles. No confronto, ele acaba recebendo um golpe que quase separa a cabeça de seu corpo. Jorge e Ladislau conseguem fugir e ocultar o ocorrido.

Quando o 46º grupo de voluntários chega até Assunção, Jorge acaba conhecendo a família de Ladislau<sup>120</sup>, que ao mesmo tempo vivia um contexto em que López fora considerado traidor da pátria, e o Brasil tinha assumido o governo no país. Chega a hora de Jorge partir para o RJ e Ladislau o acompanha até o porto. Eles brindam e lembram de todos que não chegaram vivos até o final da guerra. Despedem-se com *adios amigo brasileiro*.

O segundo capítulo nos traz o desfecho de uma narrativa ampliada, que procurou transcender a versão do vencedor/oprimido, assim como a interpretação imperialista sobre o conflito. De acordo com as discussões historiográficas apresentadas no primeiro capítulo, essa HQ se aproxima da terceira fase historiográfica consensualmente chamada pelos historiadores (as) brasileiros de Neorrevisionista sobre a guerra. Evidencia-se, assim, que os personagens são representações em torno dos distintos sujeitos subalternizados invisibilizados no processo histórico e historiográfico sobre a guerra do Paraguai/Guasu. André Toral utilizou uma

---

<sup>117</sup> Idem, *ibidem*, p.108.

<sup>118</sup> Idem, *ibidem*, p.111.

<sup>119</sup> Idem, *ibidem*, p.114.

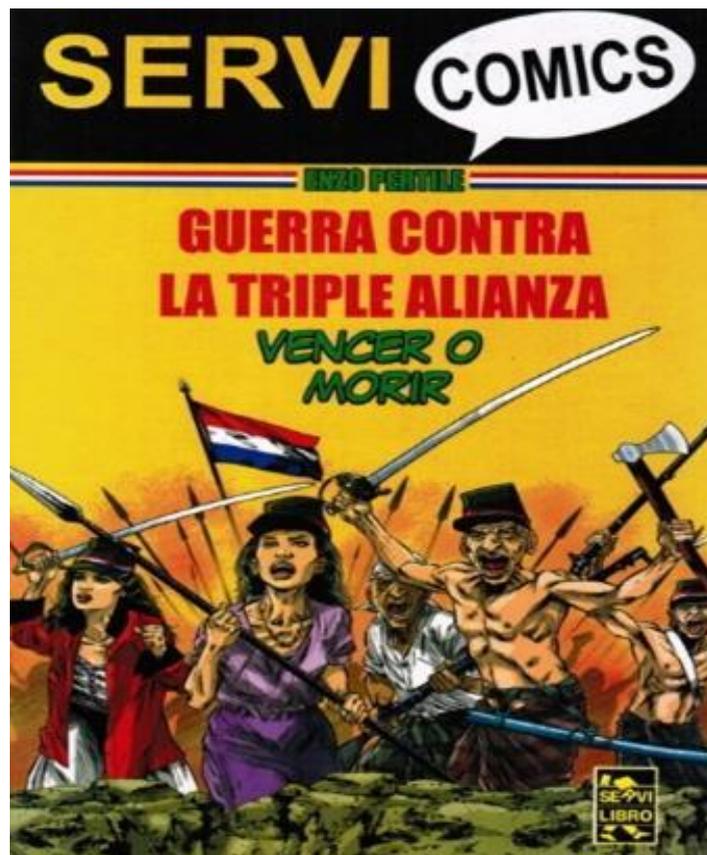
<sup>120</sup> Idem, *ibidem*, p.118.

linguagem mais próxima na norma culta. Algumas palavras precisam ser articuladas com uma pesquisa sobre os significados, no intuito de enriquecer o vocabulário dos alunos (as). Analisou a Guerra Guasu a partir de outras perspectivas e olhares: a formação do exército imperial; a participação de negros libertos e dos negros escravizados no exército; as imagens da Guerra (fotografias, quadros, pinturas, desenhos, litografias, charges, caricaturas etc.); papel da imprensa; cinema; cotidiano; comércio; medicina (doenças, enfermarias, hospitais de sangue); desertores e prisioneiros de guerra, tanto brasileiros como paraguaios; literatura; a participação de mulheres, indígenas, religiosos e crianças.

### 2.1.5 Sobre a Guerra contra la Triple Alianza: vencer o morir de Pertile Enzo

Para procedermos à análise comparativa, apresentamos a segunda obra em pesquisa. Produzida em outro contexto, a obra paraguaia foi publicada pela primeira vez em forma de fascículos semanais, no jornal diário última hora em Assunção (PY) em 2010. Uma obra em preto e branco, com 142 páginas.

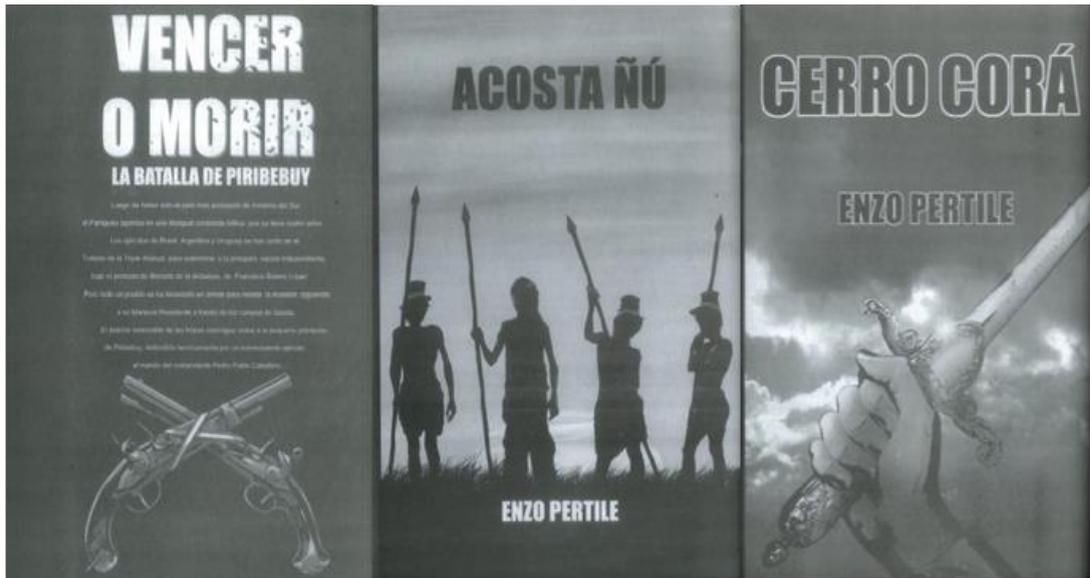
*Figura 8 - Capa da HQ: PERTILE, Enzo. Guerra contra la Triple Alianza: vencer o morir. Asunción (PY): Editora: ServiLibro. 2011. Capa comum: 200 páginas. Edição compilada em preto e branco.*



*Fonte: PERTILE, Enzo. Guerra contra la Triple Alianza: vencer o morir. Asunción (PY): Editora: ServiLibro. 2011.*

A versão escolhida para essa pesquisa é a compilada publicada pela editora Servilibro em 2011. A obra é dividida em três partes, com os seguintes subtítulos: La batalla de Piribebuy, Acosta Ñu e Cerro Cora. Nas imagens a seguir, apresentamos as capas que dividem os capítulos.

**Figura 9** - Capas dos subcapítulos da HQ *Guerra contra la Triple Alianza: vencer ou morir*



**Fonte:** PERTILE, Enzo. Guerra contra la Triple Alianza: vencer o morir. Asunción (PY): Editora: ServiLibro. 2011.

Podemos observar que as imagens de armas e crianças com lanças remetem um tom fúnebre emilitar para a estória. A perspectiva paraguaia apresenta pelo cartunista Enzo Pertile ilustra num tom nacionalista e patriótico as batalhas finais na guerra. O autor enfatiza alguns personagens que lutaram na guerra, como as mulheres, crianças e idosos, além de militares do exército. O cartunista também destaca personagens brasileiros como do Conde D'Eu, como sanguinário, sádico, ao demonstrar os momentos finais da guerra, exhibe o desespero da população paraguaia diante da Tríplice Aliança e o país que se encontrava, em destroços<sup>121</sup>

A obra inicia-se com o prólogo de Andrés Colman Gutiérrez<sup>122</sup>, com uma leitura fundamentada na concepção de um heroísmo paraguaio, vítima da Tríplice Aliança. A guerra Guasu, segundo o autor, marcou a memória de gerações de paraguaios (as), como a maior tragédia vivida pela nação. O tema foi debatido no país no contexto do bicentenário de

<sup>121</sup> MAESTRI, Mário. Piribebuy, a capital mártir: história, historiografia e ideologia na Guerra no Paraguai. *Estudos Ibero-Americanos*, v. 39, n. 1, 2013. p.34.

<sup>122</sup> Jornalista, escritor, roteirista. Atual Presidente da Sociedade de Escritores do Paraguai (SEP). É repórter do jornal Última Hora de Asunción. Obteve diversos reconhecimentos, como o Prêmio Vladimir Herzog de Jornalismo e Direitos Humanos (Brasil, 1985), o Prêmio Narrativa do Leitor (1995); Prêmio Nacional de Jornalismo Santiago Leguizamón (Paraguai, 2000); o Prêmio Peter Benenson de Trabalho Jornalístico Comprometido com os Direitos Humanos (2014), concedido pela Anistia Internacional; o Prêmio Mitâ Rapé de Defesa da História e Cultura do Paraguai (2017).

independência do Paraguai em discussões sobre os protagonistas que lutaram na guerra, alguns

Andrés Colman destaca ainda que Enzo Pertile, teve um grande desafio ao compor a obra, uma vez que é reconhecido como roteirista e quadrinista de destaque entre seus pares na nona arte paraguaia. *Ganhar ou morrer* é a primeira obra de Enzo Pertile como quadrinista e roteirista. Sua trilogia é sobre as emblemáticas batalhas finais da guerra Guasu, A batalha de Piribebuy (12 de Agosto de 1869), quando toda a nação preferiu sucumbir em uma resistência heróica, a se render às tropas; Acosta Ñu (15 de Agosto de 1869), quando um exército de crianças soldados se sacrificaram para conter o ataque inimigo; e Cerro Corá (1º de março de 1870) capítulo final da guerra, além da morte do marechal presidente Francisco Solano López, que depois ganharia a versão compilada, intitulada: “Vencer ou Morrir”. Como personagens principais estão as mulheres, as crianças e homens que serviram como carne de canhão, além dos sobreviventes esqueléticos nos campos. Baseado numa análise documental da historiografia vigente no Paraguai, Enzo Pertile recria com detalhes o uniforme, as armas e os lugares geográficos das batalhas. O autor construiu seu enredo baseado na historiografia nacionalista vigente no Paraguai, representou, entre seus personagens, mulheres, homens e crianças como os heróis guerreiros da guerra. Entre eles o marechal Francisco López, general Bernadino Caballero e um exército de crianças e outros menos conhecidos.

### 2.1.6 La batalha de Piribebuy

A história começa com uma onça que havia atacado um pecuarista. O foco muda quando ocorre um salto de 35 anos na história, e estamos em Piribebuy, em de agosto de 1869, considerada a terceira capital do Paraguai e sede provisória de Solano López. Somos conduzidos para a leitura de um cenário que antecede a guerra naquele local.

Era uma vila de pessoas sobreviventes que levantavam trincheiras de pedras e paus para resistirem contra um inimigo que tinha uma supremacia em número de soldados e poder de fogo. O personagem marquês de Caxias foi representado como um homem que se negava a continuar derramando sangue dos paraguaios, mas o imperador Dom Pedro II queria vivo ou morto López. Com o afastamento do Duque de Caxias, não restando outra opção, ele nomeia seu genro, o Conde Gaston de Orleans, como novo comandante<sup>123</sup> das forças imperiais

---

<sup>123</sup> Mas a crônica de sua vilania tem aspectos mais rudes e selvagens. Ele mandou fechar o velho hospital de Piribebuy, mantendo no seu interior os enfermos – a maioria de velhos e crianças – e incendiá-lo. O hospital em chamas ficou cercado pelas tropas brasileiras que, cumprindo ordens desse louco príncipe louro, empurravam à ponta da baioneta para dentro das chamas os enfermos que milagrosamente tentavam sair da fogueira. CHIAVENATO, Júlio José. **Genocídio americano**: a Guerra do Paraguai. Editora Brasiliense, 1980. p. 141

brasileiras,

mas as características cruéis do novo comandante<sup>125</sup> causaram sérias consequências ao povo paraguaio durante a guerra.

Nesse aspecto, observamos uma aproximação da HQ com a leitura de Chiavenato, quando o autor destaca que as consequências catastróficas da guerra foram “piores” para o Paraguai, como vítima no conflito. As discussões contemporâneas nos permitem entender que cada país viveu a guerra de forma diferente, com intensidades diferentes, não optamos dessa forma em ressaltar ou vitimizar qualquer país no curso da guerra.

O Paraguai foi considerado um dos países mais avançados em relação à economia e desenvolvimento da agricultura pelo autor na HQ. No entanto, estava sendo sacrificado numa guerra que durava um pouco mais de quatro anos. Os aliados compostos pelos países do Brasil, Uruguai e Argentina haviam se juntado para exterminar o país mais próspero da América Latina, a pretexto de libertarem a população da ditadura de Solano López. No entanto, os aliados não contavam que o povo se levantaria contra a invasão, lutando com armas, ao lado de seu Marechal, o presidente Solano López em todos os campos de batalha. Assim, ocorreu o avanço das tropas aliadas sobre a pequena população de Pirebebuy, que lutou bravamente ao comando de Pedro Pablo Caballero. Nessa passagem, também observamos a influência da obra de Chiavenato<sup>124126</sup>.

Era 9 de agosto de 1869, o povo de Piribeby estava aposto esperando o ataque dos inimigos. E mais três grupos: o primeiro liderado por Maestro Fermin López junto aos batalhões 18 e 22, compostos por crianças da escola de Villa Rica, o segundo grupo comandado por Martinez Mandara e um grupo de recrutas crianças de idade entre 12 a 14 anos de idade. E o terceiro sob a orientação do capitão Manuel Solalinde, liderada por uma companhia de policias com 12 pequenos canhões e um obus, uma realidade de 1600 combatentes, mas apenas 200 tiveram uma preparação para lutarem na guerra. Do outro lado, possivelmente existiam uns 20 mil inimigos. O comandante Solalinde expressava sua dor ao dizer que não existiam condições para lutar contra uma tropa tão superior em número de soldados, o que restava era morrer pela pátria. O comandante gostaria de ter mais homens à disposição para lutar uma guerra justa. No diálogo que se segue, o comandante reforça que quem desejasse era livre para fugir do confronto. Por outro lado, os que desejavam ficar argumentam que gostaria de lutar pela pátria

---

<sup>124</sup> O Paraguai está numa ebulição de progresso. A produção aumenta com Carlos Antônio López: fumo, ervamate, algodão, arroz, cana de açúcar e mandioca são abundantemente colhidos. [...] López pai soube como aprimorar o rudimentar esboço sócio-econômico herdado de Francia e, mais que isso, soube como implementar na pequena República um nacionalismo autêntico[...], idem, ibidem, p.31

com um espírito livre, sabendo que seus nomes seriam lembrados na história do país<sup>125</sup>

A leitura sobre o conflito que a HQ oferece até esse momento, diante dos personagens apresentados, ideias de um nacionalismo exacerbado, cheio de emoções e comoções diante dos bustos erguidos aos heróis (chefes homens militares) pela condução do povo na guerra.

Nesse momento, os personagens se lembram que até aquele instante eles já tinham lutado bravamente em Humaitá, Tuyutí, Curupayty e solenes fazem um *salve à* fala do comandante.

Quando as tropas inimigas cercaram a cidade em 10 e 11 de agosto de 1869, uma possível rendição do coronel Pedro Plabo Cabellero foi negociada com um general brasileiro, Menna Barreto, mas o general paraguaio recusou-se e seguiu para o conflito<sup>126</sup>.

Na volta para o posto brasileiro, um comissário e o conde D'eu dialogam sobre a postura do comandante paraguaio Caballero. Num tom de desvalorização e perseguição, o conde brasileiro diz querer a cabeça de Solano Lopez. O personagem de conde D'eu é representado como uma figura de aparência calma, mas por dentro um sanguinário<sup>127</sup>.

General Mallet ainda pede para o conde reconsiderar já que as filas de soldados paraguaios eram curtas e compostas sobretudo por crianças e mulheres. Mas o conde não aceita a proposta de reconsiderar. Na trincheira o soldado paraguaio lê um poema de Wolfgang Von Goethe e se lembra da mulher amada.

No dia seguinte, o conde ordena que a população saia do território, mas o comandante paraguaio responde junto a um exército atrás dele que eles não largariam seu território. O povo paraguaio se junta e enfrenta os inimigos. Nesse momento, aparece o quadro que é a capa da HQ<sup>128</sup>. O exército brasileiro, ao comando do conde D'eu, dispara canhões contra os paraguaios. Os barulhos das explosões são estarrecedores. Numa igreja da cidade, um padre que abrigava algumas crianças reza pelas vidas das pessoas paraguaias. Do outro lado, ao comando do Conde, o general Barreto envia os soldados chamados de bucha de carne de canhão para verem quantos soldados paraguaios ainda estavam vivos. O conde também envia uma carta ao imperador do Brasil, destacando que nos conflitos a postura dos paraguaios intimidava pela bravura<sup>129</sup>.

Nesse contexto, a questão do outro diante das fronteiras entre ocidente e oriente são reescritas para dar conta do “outro” que transcende, muda, resiste, reinventa-se. O ocidente encontra-se com uma imagem peculiarmente deslocada e descentrada, mas ainda temos que lidar com a questão do estereótipo colonial. Personagens com características dogmáticas e

---

<sup>125</sup> Idem, *ibidem*, p.21.

<sup>126</sup> Idem, *ibidem*, p.28

<sup>127</sup> Idem, *ibidem*, p.32.

<sup>128</sup> Idem, *ibidem*, p.42.

<sup>129</sup> Idem, *ibidem*, p.49.

moralistas e nacionalistas, uma ausência de perspectivas sobre a realidade indígena do Paraguai. Se reconhecermos os estereótipos colonialistas e pensarmos para além da leitura de pontos negativos e positivos, para uma compreensão de processos de subjetivação dos discursos colonialistas sobre nós latino-americanos, começamos a repensar as formas de identificação do outro. O discurso preconceituoso e diminutivo ao chamarem os brasileiros (as) de macacos podem estar atreladas à forma de enxergar o outro brasileiro como inferiores e primitivos diante da origem colonizada diferente entre os países<sup>130</sup><sup>132</sup>. No texto é possível identificar a construção das diferenças nacionais/culturais por meio do desdobramento dos capítulos que possuem temas militares.

Ao retornamos à leitura da HQ, a batalha durou um pouco mais de cinco horas no quadrinho, as crianças órfãs ficaram sobre a proteção de um padre em uma igreja. Ao recrutar, o comandante conde D'eu se encaminha para julgá-lo. Quando escuta as últimas palavras do comandante proferidas em guarani, o conde o chama de bárbaro por não entender aquele idioma.<sup>131</sup> O conde é interrompido e recebe a notícia que o general Mena Barreto foi morto em guerra em uma frente de guerra próxima dali a situação se torna dramática, a fúria e a raiva do conde têm desdobramentos nas mortes dos soldados capturados que acabam sendo degolados. Não satisfeito, o conde se encaminha para um hospital de campanha, prende os feridos, enfermeiros e médicos e colocar fogo, matando todos<sup>132</sup>. A carnificina continua quando o comandante Pedro Plablo é amarrado e chicoteado, o conde pressionava-o para que ele se rendesse, mas o comandante paraguaio resistiu e minutos antes de ser assassinado se lembrou de quando era criança e havia enfrentado uma onça. No final do primeiro capítulo, o autor nos apresenta um busto construído em memória aos heróis e mártires que lutaram em Pirebebuy (agosto de 1869)<sup>133</sup>.

Dessa forma, a análise do primeiro capítulo nos permite refletir sobre os personagens negligenciados, marginalizados, assim como os personagens estereotipados, com um cunho patriótico, com símbolos da identidade nacional como a bandeira do país. Como a população apoia incondicionalmente a guerra e como, no caso dos brasileiros mencionados como macacos, seria um tipo de colonizado degenerado? O modo de representação da alteridade e seus desdobramentos ainda serão discutidos no capítulo seguinte. O quadrinho paraguaio oferece uma oportunidade única para entendermos o contexto historiográfico do país, sua política

---

<sup>130</sup> BHABHA, Homi. **A questão do “outro”**: diferença, discriminação e o discurso do colonialismo. in: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. Pós-modernismo e política. Rocco, 1991.

<sup>131</sup> Idem, ibidem, p.69

<sup>132</sup> Idem, ibidem, p.74

<sup>133</sup> Idem, ibidem, p.80.

fraturada, com nuances dos governos intransigentes que marcaram aquela região.

### 2.1.7 O cerco a Acosta Ñu/Campo Grande e Cerro Cora

No segundo e terceiro capítulo da HQ, o autor enfatiza crianças segurando lanças e o desespero frente a hecatombe nacional<sup>134</sup>. Depois da ocupação de Pirebebuy, Solano López refez sua estratégia ordenando a evacuação do acampamento de Azcurra, o restante do exército se encaminha para Caraguatay. O exército foi dividido em duas frentes, uma na retaguarda e outra na dianteira. Uma grande parte do exército era composta por crianças menores de 14 anos, sob a orientação do general Bernardino Caballero. O texto utilizado como referência do segundo capítulo é de autoria de Juan Crisóstomo Centurion, *Memorias o Eminiscencias Historicas sobre la Guerra del Paraguai*.

Juan Crisóstomo Centurión, foi um escritor nascido no distrito de Itauguá no Paraguai em 1840. Fora recrutado para a guerra e sobreviveu ao conflito em Cerro Corá. Seu trabalho como escritor sobre a guerra, é considerado como parte de historiografia revisionista. Uma das obras mais citadas sobre a guerra do Paraguai. Algumas das compreensões trazidas pelo autor como elementos como a língua guarani, os hospitais que precisavam mudar de lugar de acordo com a movimentação da guerra. Entre feridos e em recuperação, os dados do ano de 1869 contavam com cerca de 3000 mil homens. Na sequência, López continua sua retirada com o grupo de exército, em sua maioria de crianças<sup>135</sup>.

A imagem de Cond' Eu é colocada como um sádico, despótico e cruel. Desrespeitando as pessoas que não estavam oferecendo resistência, e saqueando a cidade. As crianças eram a maioria dos soldados, estavam em condições miseráveis, maltrapilhos, sem nenhuma condição de se protegerem diante dos aliados. Segundo o autor a guerra poderia ter terminado em Pirebebuy, no entanto, Solano Lopez decidiu continuar a campanha<sup>136</sup>. Os soldados que permaneceram no combate machucados e sem possibilidades de fugir morreram carbonizados ao final do conflito. A seguir alguns quadros que trazem as crianças diante do ataque iminente dos aliados.

---

<sup>134</sup> Idem, ibidem, p.81.

<sup>135</sup> Idem, ibidem, p.87.

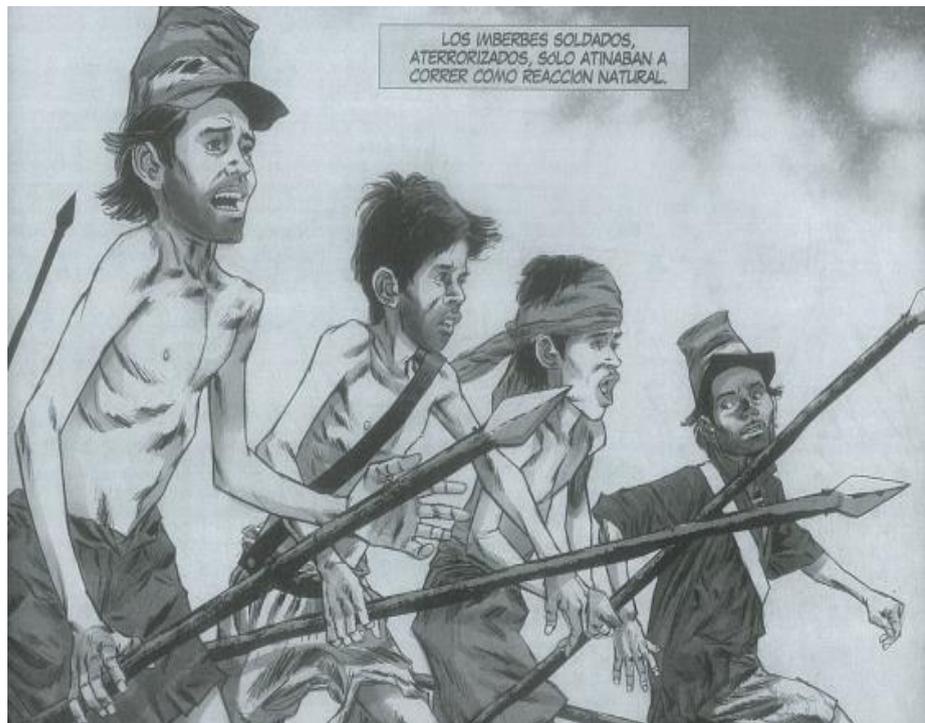
<sup>136</sup> Idem, ibidem, p.99.

*Figura 10 - Exército de crianças a caminho da batalha de Pirybebuí*



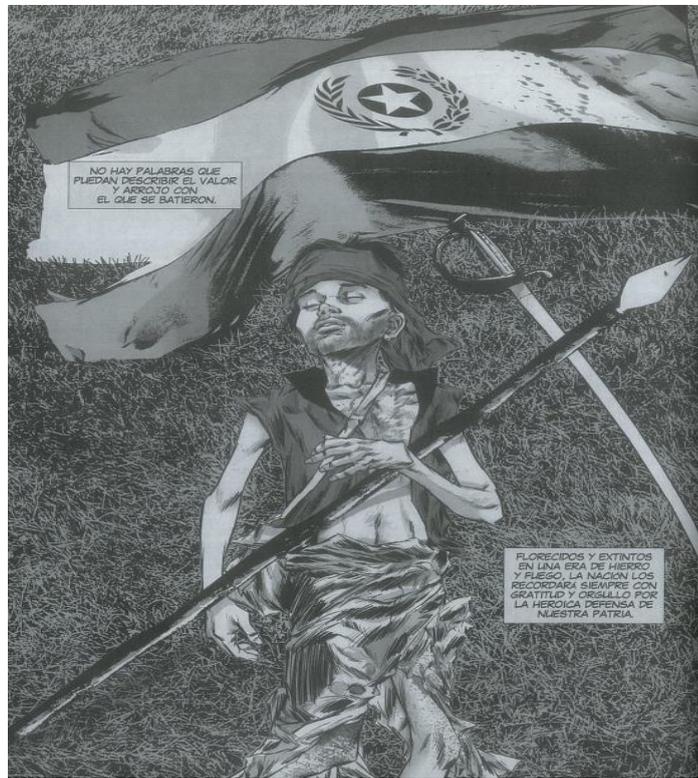
**Fonte:** PERTILE, Enzo. Guerra contra la Triple Alianza: vencer o morir. Asunción (PY):Editora: ServiLibro. 2011. p.106.

*Figura 11 - Exército de crianças lutando com madeiras e fechas contra os aliados*



**Fonte:** PERTILE, Enzo. Guerra contra la Triple Alianza: vencer o morir. Asunción (PY):Editora: ServiLibro. 2011.p.144

Figura 12 - Criança morta em conflito, ao lado do cadáver elementos do Estado- Nacional, como a bandeira do país



Fonte: PERTILE, Enzo. Guerra contra la Triple Alianza: vencer o morir. Asunción (PY):Editora: ServiLibro. 2011, p.140

Figura 13 - Despedida de Solano de sua esposa Elisa



Fonte: PERTILE, Enzo. Guerra contra la Triple Alianza: vencer o morir. Asunción (PY):Editora: ServiLibro. 2011, p.153

No acampamento em Cerro Corá, López lembrara das últimas palavras de seu pai, sobre evitar conflitos armados, principalmente contra o Brasil. Nesse capítulo ele se despede da esposa Elisa Linch, e quase sem tropas, ele se encaminha para Cerro Cora, onde é cercado e morto pelas tropas aliadas.

### 2.1.8 Quadro comparativo das HQs

O quadro abaixo apresenta as principais diferenças e semelhanças destacadas a partir de leituras tendo em vista as várias representações sobre os/as sujeitos/as que participaram da guerra Guasu. Nesse sentido o quadro apresenta,esses deslocamentos nas HQs.

**Quadro 1:** Análise comparativa sobre as representações presentes nas HQs.

Obras Histórias em Quadrinhos	Adeus, chamigo brasileiro: Uma história da Guerra do Paraguai. Companhia das Letras, 2008.	Guerra contra la Triple Alianza: vencer o morir. Asunción (PY):Editora: ServiLibro. 2011
	São obras contemporâneas que apresentam discussões sobre os acontecimentos em torno da guerra do Paraguai/Guasu em seus respectivos países. Os autores utilizam fragmentos de outras obras e produções como jornais, periódicos, pinturas, literatura para comporem o enredo, o que acentua uma produção intertextual das obras.	
Sobre os autores	André Toral paulistano, nascido em 1958, graduado em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo (FFLCH/ USP), doutor em História pelo Departamento de História (FFLCH/ USP), pós-doutor em História da Arte pelo Instituto de Artes (UNESP).	Enzo Pertile, paraguaio iniciou sua carreira como autodidata e tornou-se profissional quando começou a trabalhar em um dos principais jornais do país, como cartunista de suplemento escolar. É reconhecido como cartunista e designer gráfico no Paraguai, tanto de suplementos quanto do semanário (jornal) Último Hora. Seu trabalho Guerra contra a Tríplice Aliança: Ganhar ou morrer

		destacou-se no país.
	Os autores apresentam posicionamentos epistemológicos distintos. O quadrinista brasileiro de acordo suas pesquisas aproximam-se da denominada terceira geração de pesquisadores/as sobre a guerra Guasua “geração” Neorrevisnista. O quadrinista paraguaio, de acordo com suas pesquisas, traz referencias como Júlio José Chiavenatto, autor da obra; Genocídio Americano: a Guerra do Paraguai., que é atual nas discussões em seu país. Ambos em suas obras evidenciam as referências teóricas recentes em cada país.	
Abordagens sobre a guerra nas HQs	O autor apresenta a temática da guerra numa perspectiva mais ampla. Destacando desde os antecedentes da guerra, o desenvolvimento do conflito até seu término em 1870. A noção de guerra é ampliada através das narrativas de diferentes sujeitos e olhares descentrados e deslocados sobre o conflito. Podemos destacar na obra:	O autor apresenta sua obra de forma mais específica destacando os momentos finais do conflito, intitulados de La batalla de Piribebuy, Acosta Ñu e Cerro Cora. Forte sentido nacional patriótico. Podemos destacar na obra: Alusão ou referência: Patriotismo, nacionalismo, heróis de guerra.
Análise e ponderações sobre as obras:	Podemos observar uma proximidade entre as obras quando os eventos finais da guerra são retratados. No entanto, os autores representaram o conflito com olhares diferentes. Enzo Pertile, propõe uma narrativa nacionalista e patriótica e André Toral, propõe uma narrativa plural, enfatizando as agruras vivenciadas por brasileiros (as), paraguaios (as), argentinos (as) e uruguaios (as) e o protagonismo dessas pessoas no conflito. Nesse sentido, as narrativas divergem substancialmente.	

<p>Diálogos com outras obras</p>	<p>O autor utilizou como referências teóricas sua pesquisa no doutorado sobre a iconografia da guerra. Em alguns quadinhos é possível observar o uso de pinturas e jornais da época.</p>	<p>O autor utilizou como referência algumas obras literárias e memorialistas CENTURIÓN Juan Crisóstomo.</p> <p>Reminiscências históricas sobre la guerra del Paraguay. JA Berra, 1897.</p> <p>CHIAVENATTO, Júlio José. Genocídio Americano: a Guerra do Paraguai. 18ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.</p>
	<p>É importante destacar que as referências textuais utilizadas pelos autores dialogam com as discussões historiográficas em cada país. No Brasil os/as historiadores/as sugerem pelo menos três períodos de discussões com visões bem distintas acerca do conflito. São eles o período 1º Fase: Memorialística-Militar-Patriótico (1870-1960). A 2º segunda fase, conhecida como o período Revisionista ou Imperialista da guerra (1960-1980), e o 3º terceiro momento, identificado como Neorrevisionista e que se estende até os dias atuais (1980-2021). No Paraguai no século XIX houve campanha revisionista que teve reflexo nos periódicos nacionais. Esse período ficou conhecido na historiografia paraguaia como Lopizmo, fazendo referência a exaltação da imagem de López como “mariscal” soberano se difundiu nas publicações e periódicos nacionais. Essa historiografia começou a ser questionada no século XX, sobretudo com os eventos do centenário e bicentenário da independência do Paraguai. Onde alguns autores realizam discussões apontando Solano López como responsável pela hecatombe no país, chamados de antilopiztas. Atualmente autores/as que buscam outras fontes de investigação e rompem com essa versão dualista sobre o conflito.</p>	

<p>Contexto de publicação e os formatos das obras</p>	<p>A primeira versão da HQ foi publicada pela editora paulista Companhia das Letras em 1999. A edição selecionada para essa pesquisa é a segunda reimpressão de 2008. Capa comum: 128 páginas. 2º Edição colorida. Dimensões: 27.94 x 21.08 x 1.02 cm. Idioma: português. É dividida em dois capítulos: <i>Voluntários da pátria</i> e <i>Ladislao Iturbe</i>.</p>	<p>A obra paraguaia foi publicada pela primeira vez em forma de fascículos semanais, no jornal diário última hora em Assunção (PY) em 2010. Capa comum: 200 páginas. Preto e branco. Dimensões: 27.94 x 21.08 x 1.02 cm. Idioma: Espanhol. A versão escolhida para essa pesquisa é a compilada publicada pela editora Servilibro em 2011. É dividida em três capítulos: <i>La batalla de Piribebuy, Acosta Ñu e Cerro Cora</i>.</p>
	<p>As edições escolhidas possuem uma estrutura de livro, com um enredo permeado de discussões aprofundadas sobre o conflito. Ambas possibilitam oficinas pedagógicas para o ensino fundamental anos finais e ensino médio, orientadas/os por um professor/a.</p>	
<p>Caracterização dos personagens</p>	<p>Personagens como os voluntários da pátria, Negros/as, os militares, mulheres, foram retratados pelo autor. Os personagens principais são Ladislau Iturbe, Silvino e Jorge, eles mostram a complexidade da vida durante a guerra, permeados por mortes, tristezas e o sentimento de esperança pelo fim do conflito.</p>	<p>Personagens postos como os heróis da guerra, mulheres, crianças, religiosos da igreja, idosos, militares, são representados pelo autor. São personagens densos, permeados por dúvidas em relação ao destino de suas vidas, do país e amor pela derrota para as tropas aliadas.</p>

	<p>A escolha dos grupos de personagens a serem representados pelos autores dialogam com a historiografia em cada país. Observamos que as personagens femininas representadas na HQ brasileira não ocupam lugar de destaque na narrativa como combatentes na guerra, a elas foram delegadas pelo autor papéis secundários, de menos influência e mais romantizado. Na HQ paraguaia as personagens femininas ocupam lugar de destaque como combatentes e participantes durante o conflito. Na HQ brasileira, o grupo de voluntários da pátria são personagens masculinos, representados por pessoas pobres, muitos foram capturados e levados contragosto para guerra. Na HQ paraguaia, o grupo de heróis da guerra são homens na maioria militares que tiveram monumentos levantados em memória. Os grupos de pessoas negras é representado apenas na HQ brasileira, por escravos e voluntários da pátria. Militares são destaque nas duas HQs, homens, brancos, a maior parte fazia parte da elite e foram para a guerra. Idosos aparecem nas duas HQs com mais ênfase na paraguaia onde as matriarcas aparecem ao lado dos homens lutando contra a tropa aliancista. Representantes da guerra são evidente na HQ paraguaia onde abrigam a população no interior da igreja. Crianças são representadas na HQ paraguaia com realce em capítulo intitulado Acosta Nû, onde são representados como heróis mirins.</p>
--	--

Narração	A narração torna-se múltipla, por vezes encontramos textos em primeira pessoa, outras em terceira pessoa, reforçando a participação do autor enquanto protagonista. Ao/a leitor/a também é permitido a interação e construção de sentidos durante a leitura. Produto das inúmeras vezes que se fazem presentes nos quadrinhos.	A narração torna-se múltipla, por vezes encontramos textos em primeira pessoa, outras em terceira pessoa, reforçando a participação do autor enquanto protagonista. Ao/a leitor/a também é permitido a interação e construção de sentidos durante a leitura. Produto das inúmeras vezes que se fazem presentes nos quadrinhos.
	Ambas HQs apresentam textos densos, que proporcionam reflexões acerca de aspectos variados sobre grupos de personagens e sobre o cotidiano da guerra.	
Linguagem	Oscila entre o tom coloquial (presente nos inúmeros diálogos) e o jornalístico (no discurso do narrador). Contínuos avanços e recuos temporais, cabendo ao/a leitor/a inferências e deduções para unir os diversos contextos narrativos que se desenrolam.	Oscila entre o tom coloquial (presente nos inúmeros diálogos) e o jornalístico (no discurso do narrador). Contínuos avanços e recuos temporais, cabendo ao/a leitor/a inferências e deduções para unir os diversos contextos narrativos que se desenrolam.

**Fonte:** Elaborada pela autora.

As análises dispostas no quadro acima, apontam para as questões em torno das semelhanças e diferenças presentes nos enredos e os personagens representados. Os pontos que identifiquei semelhanças, começam pela contemporaneidade das obras e a temática da guerra do Paraguai/*Guasu* permeando todo o enredo das HQs. A experiência dos autores em trabalhos com quadrinhos é distinta, o autor Enzo Pertile, acumulou experiência em produção de quadrinhos desde de sua adolescência como autodidata e depois como ilustrador profissional com trabalhos em jornais no Paraguai. O autor André Toral, publicou seu primeiro quadrinho em 1986, e a obra em destaque nessa pesquisa, foi sua segunda graphic novel (novela gráfica) publicada em 1999, recebendo no mesmo ano o prêmio HQ Mix de quadrinhos. A escolha dos grupos de personagens representando os/as sujeitos/as que

vivenciaram a guerra, se assemelhamem alguns grupos e outros não, como no caso das personagens femininas, representadas na HQ paraguaia, surgem com mais ênfase, são postas na capa da obra, e no decorrer do texto elas são destacadas como mães, enfermeiras, esposas, viúvas, soldadas, irmã, jovens, idosas e trabalhadoras. Em relação aos personagens masculinos elas obtiveram papéis secundários, pois seus nomes não foram identificados e quando apareceram em batalha, demonstram estar lutando a partir de uma escolha incondicional. Na HQ brasileira, elas ganham menos ênfase, às personagens femininas não aparecem na capa, e no decorrer do texto, ganham papéis como mães, esposas, viúvas, amantes, trabalhadoras e enfermeiras. Em relação aos personagens masculinos também são postas como figuras secundárias, uma vez que os personagens principais que narram toda a história são três personagens masculinos.

Em relação ao grupo das crianças, esses por sua vez aparecem com maior ênfase na HQ paraguaia, a segunda parte da HQ, intitulada *Acosta Ñú*, foi dedicada a retratar a presença das crianças e órfãs como soldados e protagonistas na guerra *Guasu*. Na HQ brasileira, esse grupo de personagens apareceu de forma secundária em alguns quadrinhos, como bebês, adolescentes, e órfãos, vítimas do conflito.

Os personagens negros ou escravizados, aparecem com maior ênfase na HQ brasileira, o autor os coloca como sendo obrigados a lutarem na guerra, levados a força para o conflito. Na HQ paraguaia esses personagens são ocultados, como se não tivesse existido confrontos com esse grupo junto às tropas aliadas.

O cotidiano da guerra é apresentado com maior ênfase na HQ brasileira, com as situações de fome por falta de alimentos, falta de água, doenças como a cólera que se alastrava entre as tropas, a imprensa que cobria os eventos, os comércios que tinham diversos alimentos, bebidas alcoólicas e cigarros, a circulação de periódicos (jornais) pelos campos de batalha, a presença de pintores realizando telas encomendadas sobre o conflito, as violências sofridas pelas mulheres que eram sequestradas e jogadas nas ruas das cidades paraguaias, os prisioneiros de guerra. A utilização de balões como armas de guerra. Nesse contexto, identifiquei que o enredo da HQ brasileira, não foca em heróis de guerra, mas sim em sujeitos e sujeitas que vivenciaram os horrores do conflito.

O cotidiano da guerra na HQ paraguaia trás com maior ênfase os chamados heróis da guerra, destacando os comandantes paraguaios em frentes de batalha e o general Solano López capturado e morto pelas tropas brasileiras, a presença de religiosos sobretudo católicos, o armamentos utilizados, os monumentos erigidos em homenagem aos comandantes mortos em conflito. Dessa forma, observei que o enredo da HQ paraguaia enfatiza sujeitos e sujeitas que

lutaram e morreram pelo país, alguns como vítimas do sádico Conde d'Eu, a ênfase é atribuída a personagens masculinos e os considerados heróis.

A partir dessas análises apresento a seguir noções básicas sobre a linguagem dos quadrinhos, essa discussão se faz necessária para compreendermos a estrutura dos quadrinhos e composição dos personagens e o enredo em cada obra.

### **2.1.9 Sobre histórias em quadrinhos, enquadrando conceitos.**

As onomatopeias são códigos linguísticos utilizados para indicar o som (voz) no texto. Ou seja, expressam a sonoridade que “falta” nas HQs. Uma vez que diferente das imagens cinematográficas que apresentam movimentos e som, as imagens dos quadrinhos são estáticas, por isso os recursos das onomatopeias, calhas e as vinhas são utilizadas para representarem os sons, os movimentos e a ação nos quadros<sup>137</sup>.

A partir desse panorama, podemos analisar questões mais específicas como os enquadramentos, planos, as narrativas, as iconografias, a questão temporal, assim como o rebuscamento dos traços. Os quadros nas HQs são bidimensionais, ou seja, são painéis que apresentam largura e comprimento, as formas geométricas que podem variar em quadrados, retângulos e círculos. A quantidade de quadros numa página também varia de acordo com a temática e estilo de cada HQ.

Os planos podem ser divididos basicamente em geral e total. No geral pode-se observar toda a ação da narrativa. No total, o foco se dá nas ações mais próximas ao personagem. No plano médio o destaque acontece da cintura acima do personagem. Por fim, o primeiro plano dos ombros acima e o foco do plano detalhe, que é revelado um detalhe específico do personagem ou objeto em destaque. Esse recurso é utilizado para dar ênfase na expressividade do que se pretende comunicar. Os balões, que são uma marca registrada dos comics, são usualmente utilizados para as falas, textos ou metáforas visuais, são recursos típicos dessa arte<sup>138</sup>. Os balões exercem uma função importante nos quadrinhos, por conta da sua flexibilidade no formato, os significados no texto também variam. Esse fator pode ser identificado de acordo com as linhas dos traços utilizados para delimitar os balões, são exemplos dessas variações as seguintes linhas:

Linhas quebradas, (grito e voz);

Linhas pontilhadas, (pouca intensidade, segredo);

---

<sup>137</sup> Ibidem, p. 02 – 03

<sup>138</sup> Ibidem, p. 04 – 05.

Linhas tremidas, (oscilação da voz, recuo no pensamento);

Rabichos: (são linhas que ligam os balões para compreensão de um pensamento);

Linhas cortadas: (pausas no pensamento da personagem).

O fato de os quadrinhos serem uma arte sequencial e dinâmica mostram como a intensidade dos textos estão ligados à interdependência dos textos e imagens fazem sentido para efeitos de composição de sons, expressão de sentimentos, voz e ação nas obras.

O quadro, como uma unidade de referência na HQ, suscita uma série de discussões acerca das formas que ele pode ter, do conteúdo que será disposto no seu interior e a posição que ocupará na página. Não nos deteremos em uma discussão aprofundada sobre cada item desses mencionados. Preocupamo-nos em destacar que, independentemente da complexidade do conteúdo que pode ser encontrado no interior do quadro, icônico, verbal entre outros. A estrutura do quadro é flexível, pode ser manipulada na página, o que não compromete o papel de continuidade e significado no enredo de uma HQ, assim como a ligação do quadro com outros elementos como o requadro, balões, onomatopeias entre outros.

Os requadros de modo geral são linhas que definem ou não um espaço em cada cena do quadrinho, por isso requadros nas HQs apresentam formas das mais variadas, assim como requadros sem as linhas<sup>139</sup>. Os requadros auxiliam a pessoa no momento da leitura.

Os balões apresentam várias formas e estão ligados por um apêndice à fala dos personagens, às diferentes formas podem representar as emoções, sentimentos, diálogo que os personagens estão comunicando. Nos balões está a “voz” dos personagens.

O recordatório também é um espaço reservado para comunicar. Entretanto podem ser emoldurados ou não, frequentemente são utilizados pelos autores para indicar sua opinião, indicar uma mudança de cenário, revelar uma mudança na estória.

Essa análise metodológica é importante para compreensão dos aspectos formais que fazem parte da estrutura de uma história em quadrinhos. No entanto, vale ressaltar que a pesquisa não se encerra apenas no estudo dos aspectos formais das HQs em questão. As HQs, enquanto produtos culturais, são marcadas temporalmente pelas referências de quem as produz, na articulação entre a linguagem verbal e não-verbal, revelando o sincretismo textual e imagético que o gênero agrega<sup>143</sup>. Como nos exemplos demonstrados a seguir:

---

<sup>139</sup> As principais funções do requadro são seis, que nomearei da seguinte forma: função de fechamento, função de separação, função de ritmo, função de estrutura e função de indicador de leitura. Todas essas funções exercem algum efeito sobre o conteúdo do quadro (expressão propositalmente vaga, pela qual me refiro à totalidade de elementos que se encontram no interior do requadro), e em especial, sobre os processos perceptivos e cognitivos do leitor. Essas funções tornam o requadro um apoio à leitura. Idem, *ibidem*, p.49

Figura 14 - Elementos ou unidades de referência que constituem as HQs: Recordatório, Balões, Quadro, Sardeta

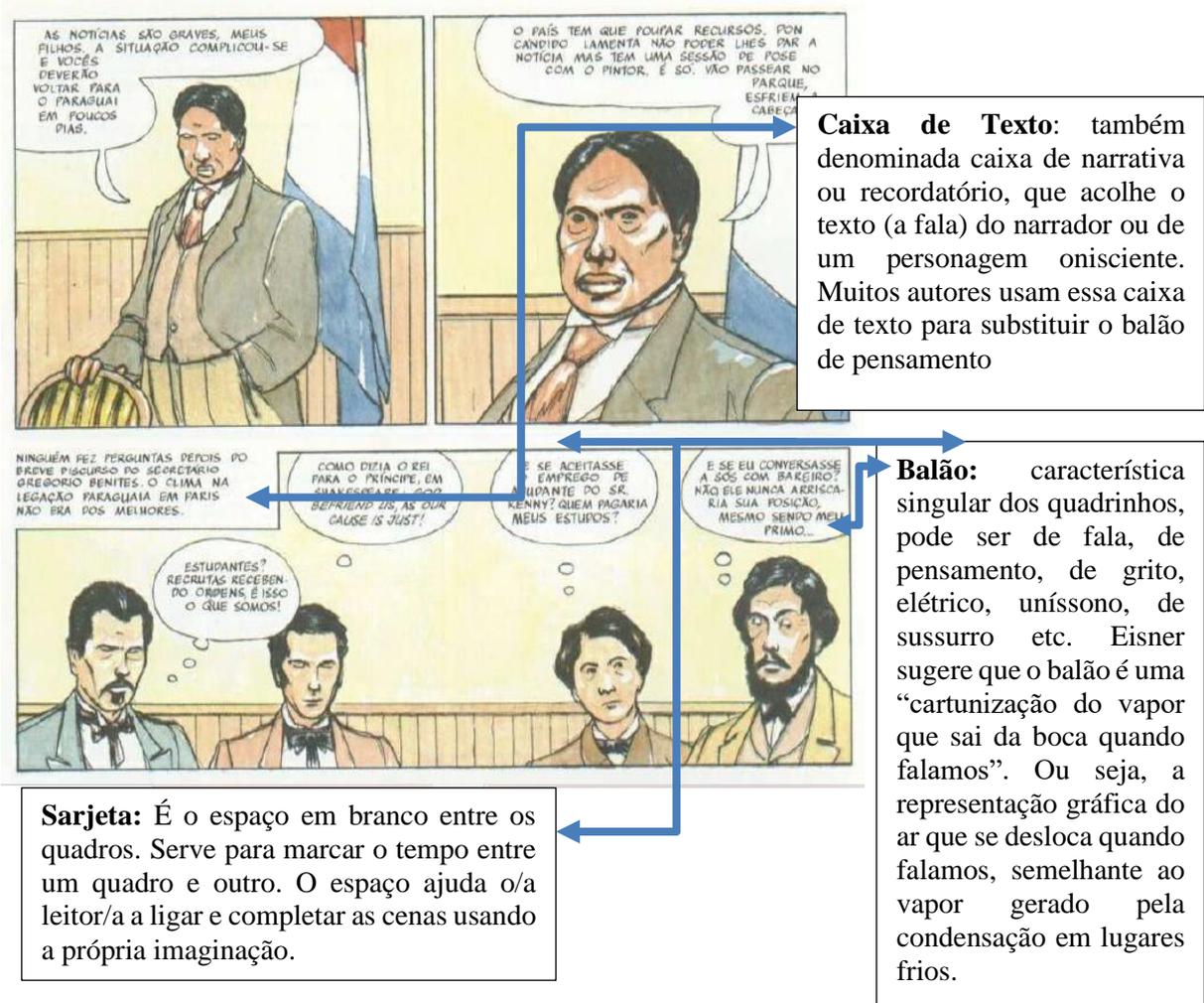
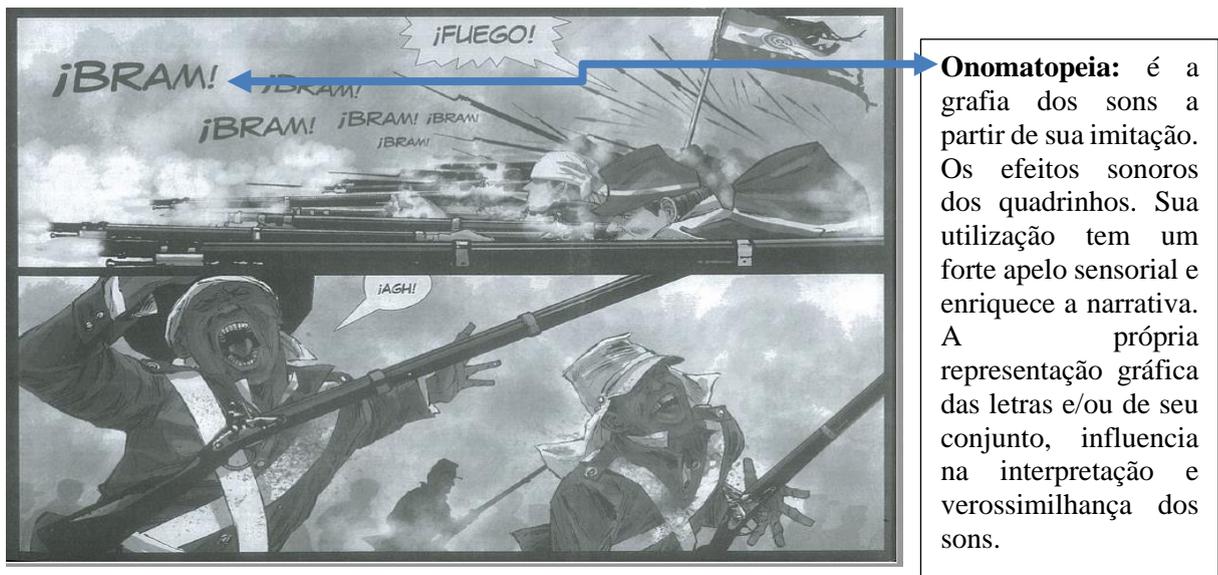


Figura 17 - Elementos ou unidades de referência que constituem as HQs: Onomatopeias

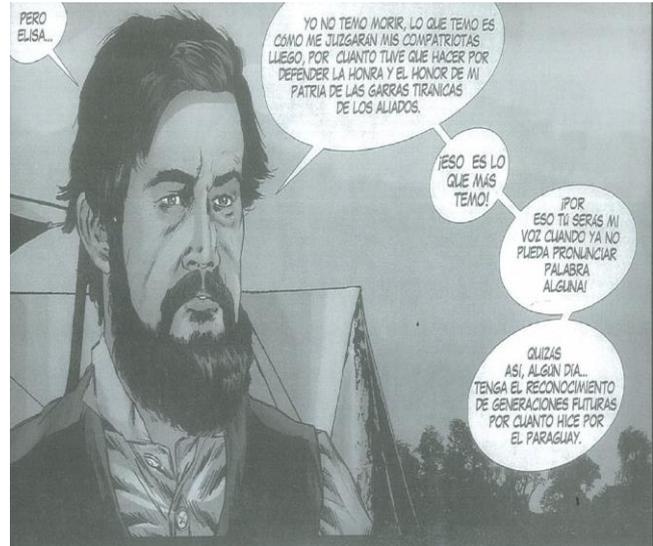


A seguir destaco alguns quadrinhos com personagens que foram personalidades políticas durante o conflito.

No quadrinho abaixo a presença de conde d'Eu, na perspectiva paraguaia. No quadrinho ele está prestes a sentenciar a morte de general paraguaio. p.68



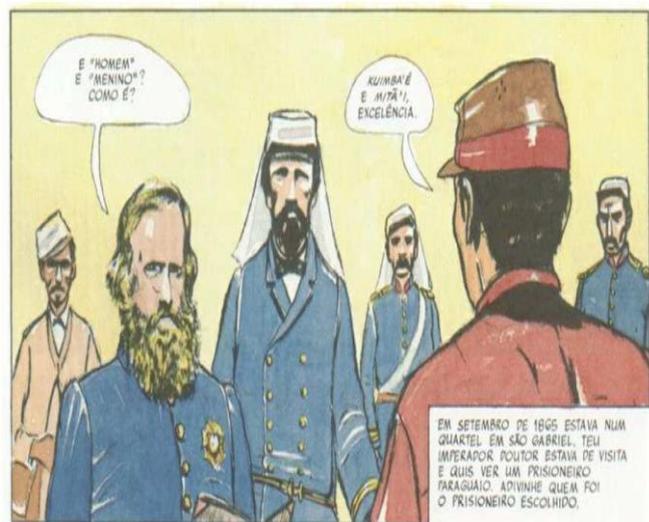
No quadrinho abaixo a presença do Mariscal Solano López. Nesse quadrinho o general refletia sobre as ultimas plavras e conselhos que seu pai havia lhe dado antes de morrer. p.155



No quadrinho abaixo a presença das personalidades: Bartolomeu Mitre(Argentina) , Solano López(Paraguai) e Venâncio Flores(Uruguai) na perspectiva brasileira. p.55



No quadrinho abaixo a presença do imperador Dom Pedro II no campo de batalha, observando os soldados capturados como prisioneiros de guerra. p.90



Outra questão importante para o processo de legitimação dos quadrinhos enquanto arte híbrida que promove no meio de comunicação uma ponte diálogo gira em torno das definições conceituais do que seriam as HQs. Segundo os autores Cagnin:

[...] substância de expressão da narrativa formada por dois códigos, Imagem – signo visual analógico ao código iconográfico e Texto - representado na palavra escrita dos balões, legendas e título pelo narrador como dois elementos [...] contidos na moldura (o quadro) - signo digital, convencional criado para significar, como índice, os limites da imagem e do texto formando a unidade narrativa iconográfica articulável. (CAGNIN, 2014, p. 178)

Numa outra perspectiva, o autor Will Eisner (1999), define a arte sequencial como:

Arte sequencial é um termo criado por Will Eisner para designar toda e qualquer arte que utiliza conjunto de imagens ou fotos para narrar uma história. As histórias em quadrinhos são um tipo de arte sequencial assim como os vitrais das igrejas, as fotonovelas, os hieróglifos egípcios, as tapeçarias de Bayeux e as pinturas em sequência de Monet

Nesse aspecto, Will Eisner norteia questões teóricas em sua obra, utilizando-se de trechos autorais de sua obra *Spirit*. Os elementos metodológicos que compõem as HQs e o conceito de arte sequencial são apresentados ao público leitor de uma forma artística e literária que lida com a disposição de figuras e imagens para narrar uma história ou dramatizar uma ideia. É a partir dessa reflexão que o autor enfatiza o caráter político, social, híbrido e popular que a HQ pode alcançar quando os artistas rompem com a ideia de um produto infantil. Ainda nessa perspectiva, o autor sugere uma subcategoria para as HQs, que são as *Graphic Novels* (novelas gráficas ou romances). No sentido de enfatizar que essas obras possuem formatos diferentes, são basicamente maiores em números de páginas, os enredos apresentam textos intensos e com temáticas que podem envolver sexo, drogas, guerras, por isso a leitura desse material é indicada ao público juvenil adulto.

Para McCloud (2005), artes sequenciais são: “imagens pictóricas e outras justapostas em sequência deliberada destinadas a transmitir informações e/ou produzir uma resposta no espectador”. O referido autor menciona também que as HQs possuem uma versatilidade artística.

O quadro como uma unidade de referência na HQ suscita uma série de discussões acerca das formas que ele pode ter, do conteúdo que será disposto no seu interior e a posição que ocupará na página. Não nos deteremos numa discussão aprofundada sobre cada item desses mencionados. Preocupamo-nos em destacar que, independentemente da complexidade do conteúdo que pode ser encontrado no interior do quadro, icônico, verbal entre outros, a estruturado quadro é flexível, pode ser manipulada na página, o que não compromete o papel de continuidade e significado no enredo de uma HQ. Assim como, a ligação do quadro

com outroselementos como o requadro, balões, onomatopeias entre outros<sup>140</sup>.

Os requadros de modo geral são linhas que definem ou não um espaço em cada cena do quadrinho, por isso requadros nas HQs apresentam formas das mais variadas,<sup>145</sup> auxiliam a pessoa no momento da leitura.

Quadrinhos são quadrinhos. E, como tais, gozam de uma linguagem autônoma, que usa mecanismos próprios para representar os elementos narrativos. Há muitos pontos comuns com a literatura, evidentemente. Assim como há também com o cinema, o teatro e tantas outras linguagens<sup>141</sup>.

No próximo capítulo, apresentaremos estruturas pensadas como Aulas-oficina, que poderão compor ou auxiliar no planejamento de professores (as), em suas aulas no ensino de história. Para compormos as Aulas-oficinas, se faz necessário a compreensão sobre a estruturabásica de composição dos quadrinhos, o complementa posteriormente à análise<sup>142</sup> diagnóstica de observação sobre o que os/as estudantes entendem como características relacionadas às HQs, como as cores, o traço das sombras nos enquadramentos, os balões de falas/pensamento, as calhas, as onomatopeias, as vinhetas. No capítulo a seguir apresento as aulas-oficinas realizadas no intuito de relacionar a temática da Guerra do Paraguai/Guasu em quadrinhos e os diversos personagens representando os/as sujeitos e sujeitas que vivenciaram o conflito.

---

<sup>140</sup> Embora muitas vezes separados por finos espaços em branco, os quadros podem ser considerados como fragmentos solidários de uma forma global, algo que se torna ainda mais claro e consistente quando as bordas externas dos quadros estão alinhadas. Essa forma costuma assumir o aspecto de um retângulo, cujas dimensões são quase geometricamente homotéticas às da página. GROENSTEEN, Thierry. O sistema dos quadrinhos. Nova Iguaçu: Marsupial, 2015.p.41.

<sup>141</sup> As principais funções do requadro são seis, que nomearei da seguinte forma: função de fechamento, função de separação, função de ritmo, função de estrutura e função de indicador de leitura. Todas essas funções exercem algum efeito sobre o conteúdo do quadro (expressão propositalmente vaga, pela qual me refiro à totalidade de elementos que se encontram no interior do requadro), e, em especial, sobre os processos perceptivos e cognitivos do leitor. Essas funções tornam o requadro um apoio à leitura. Idem, ibidem, p.49

<sup>142</sup> 6 RAMOS, Paulo Eduardo. **A leitura dos quadrinhos**. Editora Contexto, 2010. p.17.

## 3 Capítulo

### 3.1 Aulas-oficina e a utilização de HQs no ensino de história

*As Histórias em Quadrinhos, como todas as formas de arte, fazem parte do contexto histórico e social que as cercam. Elas não surgem isoladas e isentas de influências. Na verdade, as ideologias e o momento político moldam, de maneira decisiva, até mesmo o mais descompromissado dos gibis. (DUTRA, Joatan. 2002. p.08)*

#### 3.1.1 Leitura de HQ em sala de aula, outros olhares sobre a guerra?

Com base nas discussões e compreensões desenvolvidas nos capítulos anteriores, sobre a historiografia da guerra do Paraguai/*Guasu* em voga no Brasil e no Paraguai, assim como, sobre as potencialidades que os quadrinhos evidenciam enquanto fonte de pesquisas, a partir de sua linguagem, estrutura e conteúdo propomos a utilização das HQs em aulas-oficinas no ensino de história, para o 8º ano do Ensino Fundamental. No processo de elaboração das aulas-oficina, intituladas, de: As Crianças/Ninõs na Guerra do Paraguai/*Guasu*; As mulheres no front da Guerra do Paraguai/*Guasu*; Fragmentos do Cotidiano na Guerra do Paraguai/*Guasu* e A participação dos negros/escravizados na Guerra do Paraguai/*Guasu*, utilizaremos as concepções propostas pela autora Isabel Barca<sup>143</sup>, acerca da proposta de Aulas-oficinas, partindo da contextualização do tema, do roteiro de estudos, do texto base para o (a) docente como suporte para aplicação, reflexões sobre as temáticas propostas nas oficinas, e exemplos de avaliações.

A compreensão sobre as propostas de aula-oficina discutidas pela autora Isabel Barca<sup>144</sup>, aponta para questões de como o modelo de aula-conferência, centrada na exposição do/a docente, cristalizada em práticas onde a lógica gira em torno do/a professor/a como detentor dos saberes, ainda ocorre nos ambientes escolares. Como forma de contrapor esse modelo de aula, a autora nos propõe pensarmos em aulas - oficina. Nessa conjuntura, os saberes que os/as estudantes carregam, são pressupostos de importância para o desenvolvimento do trabalho. A

---

<sup>143</sup> Em História, a aprendizagem é orientada para uma leitura contextualizada do passado a partir da evidência fornecida por variadíssimas fontes. A História não trata de certezas sobre um passado considerado fixo até que novos fatos sejam descobertos; existem construções historiográficas diferentes, por vezes a responder a perguntas muito próximas, mas com enfoques diferentes. Numa sociedade aberta, torna-se cada vez mais óbvia esta característica da História – a de que não se aceita apenas “uma grande narrativa” acerca do passado – já que os historiadores podem produzir narrativas divergentes, fruto de perspectivas diferenciadas sobre as mesmas fontes ou situações. BARCA, Isabel. **Literacia e consciência histórica**. Educar em revista, n. SPE, 2006.

<sup>144</sup> BARCA, Isabel. **Aula Oficina: do Projeto à Avaliação**. In. Para uma educação de qualidade: Atas da Quarta Jornada de Educação Histórica. Braga, Centro de Investigação em Educação (CIED)/ Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, 2004, p. 133

partir da investigação, trocas de informações, entre os/as estudantes e o/a professor/a, os caminhos que permitiram o docente interpretar o mundo conceitual dos estudantes, não serão classificados em certo ou errado. A partir das contraposições e desenvolvimento da oficina o estudante terá condições de se posicionar diante das avaliações e questionamentos no decorrer da atividade, relacionando os pré-conhecimentos com os novos saberes compartilhados durante a oficina.

Nesse sentido, ao sugerimos a utilização dos quadrinhos em aulas-oficina, nos deparamos inicialmente com o desafio em relação à compreensão dos quadrinhos enquanto fonte de pesquisas, suas linguagens, estrutura e conteúdo. Entender o aspecto verbal e não verbal é uma condição indispensável para pesquisa e utilização dos quadrinhos como ferramenta pedagógica. Dessa forma, não basta apenas ler o texto, é necessário entender os elementos que compõem e dão sentido aos quadrinhos. As histórias em quadrinhos são sugeridas em documentos oficiais do Ministério da Educação (MEC), desde os anos 1980. Receberam mais visibilidade com a promulgação das Leis e Diretrizes de Base da Educação (LDB) em 1996, a partir das exigências de novas linguagens no processo de ensino e aprendizagem dirigido aos (às) estudantes. É fundamental identificar os tipos de balões, as onomatopeias, os requadros ou a ausência deles. Os formatos de quadrinhos e as metáforas visuais. Depois de contextualizar esses elementos com os estudantes, podemos propor uma atividade pedagógica utilizando as HQs em pesquisa.

A propositura desta aula-oficina norteia-se a partir das orientações pedagógicas presentes na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para o Ensino Fundamental, no Referencial Curricular do Estado de Mato Grosso do Sul, assim como, o Projeto Político Pedagógico escolar. Diante desses três documentos estabelecidos, desenvolvemos as aulas-oficinas como um material pedagógico, com potencial que pode ser explorado em sala de aula pelos (as) docentes, auxiliando-os em suas jornadas pedagógicas, ofertando possibilidades materiais para além dos livros didáticos.

Podemos observar na imagem a seguir, do Currículo de Referências de Mato Grosso do Sul para o Ensino Fundamental, que o conteúdo sobre a Guerra do Paraguai/*Guasu* está relacionado à História regional de Mato Grosso do

*Figura 15 - Currículo de Referência de Mato Grosso do Sul*

HISTÓRIA - 8º ANO			
Unidades Temáticas	Objetos de Conhecimento	Habilidades	Ações Didáticas
O Brasil no século XIX	Brasil: Primeiro Reinado O Período Regencial e as contestações ao poder central O Brasil do Segundo Reinado: política e economia • A Lei de Terras e seus desdobramentos na política do Segundo Reinado • Territórios e fronteiras: a Guerra do Paraguai	(MS.EF08HI18.s.20) Identificar as questões internas e externas sobre a atuação do Brasil na Guerra do Paraguai e discutir diferentes versões sobre o conflito.	também ilustrem territórios e suas transformações daquele período. Será relevante o uso de mapas e das TDIC, assim, a habilidade estará em correspondência com a competência específica n. 7 e a geral n. 5.  A habilidade aprofunda a (MS.EF08HI17.s.19), em que o estudante poderá explorar o enredo histórico desse evento, levando em conta as principais questões debatidas pela historiografia. É viável o olhar para as relações que o Brasil mantinha com países vizinhos e analisar suas influências na deflagração desse conflito. Quanto à metodologia, pode-se abordar a participação de indígenas (os Terenas e os Guarani) e de negros escravizados nos conflitos, de ambos os lados, destacando os anseios dessas populações e seus dramas no desenrolar da guerra. O tema permite, também, o trabalho interdisciplinar com Geografia (estudo de fronteiras por meio de mapas, maquetes etc.) e com Língua Portuguesa

Figura 16 - Currículo de Referência de Mato Grosso do Sul

**Fonte:** Currículo de referência de Mato Grosso do Sul: educação infantil e ensino fundamental / Organizadores Helio Queiroz Daher; Kalcia de Brito França; Manuelina Martins da Silva Arantes Cabral. Campo Grande: SED, 2019.

Ao analisarmos a imagem do Currículo de Referência de Mato Grosso do Sul, percebemos uma estrutura organizacional que visa à divisão dos temas a serem abordados privilegiando as discussões dos contextos históricos do Primeiro Reinado e Segundo Reinado, como objetos de conhecimento indicados na segunda coluna. Em Habilidades, propõe identificar os sujeitos, mas não exemplifica quem seriam os sujeitos que estão referindo-se. Na coluna de ações didáticas, fica subentendido a importância do trabalho interdisciplinar. O conteúdo sobre a Guerra do Paraguai/Guasú é revelado como uma continuação das discussões sobre o Brasil no século XIX.

A denominação do conflito no currículo também chama atenção, referem-se a como A guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai, questão que evidencia uma posição historiográfica mais alinhada às discussões atuais sobre o conflito. O contexto regional e fronteiriço do Estado de Mato Grosso do Sul, tratado como tema de discussões com potencial de destaque por remeter ao espaço geográfico que fora palco da guerra. Nesse sentido, em relação aos diversos grupos protagonistas durante a guerra, elaboramos as aulas-oficina propondo destacar os seguintes grupos: Oficina 1: Sobre as Crianças/Ninõs na Guerra do Paraguai/Guasú. Oficina. As mulheres no front da Guerra do Paraguai/Guasú. Oficina. Oficina 3: Fragmentos do cotidiano na Guerra do Paraguai/Guasú. Oficina 4: A presença dos negros/escravizados Guerra do Paraguai/Guasú.

As propostas de aulas-oficina construídas nesta pesquisa estão longe de serem esgotadas nesse trabalho. Acreditamos que os/as docentes, a partir de suas vivências em sala de aula e seus relatos de experiência, tenham condições de compartilhar desse material e propor modificações ou ajustes que julgarem pertinentes ao seu contexto escolar. Ao trabalharmos com a HQ paraguaia, em seu idioma original o *espanhol*, indicamos a importância e a necessidade da tradução das palavras nos quadrinhos que serão utilizados na oficina para os estudantes. Se for possível o trabalho interdisciplinar com o/a professor/a da área de linguagens para auxiliar na identificação e entendimento do idioma em específico. A seguir, elaboramos uma aula oficina, destacando os exemplos de elementos que os/as estudantes poderão encontrar durante a leitura das obras.

### **3.1.2 Oficina 1: As Crianças/Ninõs na Guerra do Paraguai/Guasú.**

Este texto se constitui a partir de um diálogo interdisciplinar entre a historiografia brasileira/paraguaia sobre a batalha de Campo Grande para os (as) brasileiros (as) e Acosta Ñu para os (as) paraguaios (as), a partir de leituras das HQs *Adeus, amigo brasileiro* (André Toral) e *Vencer ou morrer* (Enzo Pertile). Partindo dessas análises, buscamos identificar nas HQs, como as crianças foram representadas pelos autores nas batalhas, no cotidiano da guerra *Guasú*. Através da comparação dessas representações propomos uma aula-oficina sobre a participação das crianças na guerra, para o 8º ano do Ensino Fundamental.

A historiografia sobre a Guerra do Paraguai/Guasú, apresenta-se em permanente diálogo e constituição a partir de olhares e sujeitos, antes ignorados/as ou silenciados/as por historiadores (as). A partir dessa ampliação no campo de estudos da História, fontes como Histórias em Quadrinhos (HQs), ampliaram seu espaço, firmando-se em trabalhos de pesquisa. Dessa forma, apresento uma análise comparada sobre a participação de crianças na Guerra Guasú, ocorrida entre anos de 1864 a 1870, representadas nos quadrinhos, *Adeus, amigo brasileiro: Uma história da guerra do Paraguai* de André Toral (2008) e *Guerra contra la Triple Alianza: vencer o morir* de Pertile Enzo (2011).

Assim, as Histórias em Quadrinhos (HQs) selecionadas para essa análise, são obras latino-americanas, com temáticas de cunho histórico, enredos ficcionais, não seriados. Ou seja, são obras publicadas de forma independente pelos autores. Também, são chamadas de novelas gráficas<sup>145</sup>, por conta de a estrutura física ser semelhante ao um livro.

---

<sup>145</sup> Podemos citar pelo menos duas características das graphic novels que difere dos quadrinhos editados em revistas periódicas. O primeiro diz respeito ao formato da publicação, que pode ser de encadernação em capa dura, fazendo alusão a um livro, como por exemplo, as obras *Maus* e *Um Contrato com Deus*. Outra diferença reside na liberdade

No contexto educacional brasileiro, as HQs foram incluídas como material pedagógico e apoio didático, de forma gradativa nas bibliotecas escolares. Em 1997, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), citavam a importância de haver no acervo das bibliotecas, quadrinhos<sup>146</sup> como material de apoio à leitura, para crianças e jovens no ensino fundamental. Em 2006, os PCNs na área de Linguagens e suas tecnologias, apontam sugestões de uso dos quadrinhos para a etapa do ensino médio.

A relação entre os quadrinhos e a educação, passou por acirradas batalhas ideológicas, contra o discurso criado pelo psicanalista Fredric Wertham<sup>147</sup> (1895-1981). Os desdobramentos desse conflito causaram anos de exclusão e silenciamento aos quadrinistas e a publicação de quadrinhos no mercado editorial. Os quadrinistas que fizeram resistência e tentavam empreender algum trabalho editorial, tinham que passar pelo crivo do Comics Code Authority (CCA)<sup>148</sup>, um código de ética, com critérios rigorosos para publicação de quadrinhos, pois havia análise sobre a produção de temas, personagens e enredo. Esse contexto de aversão às HQs como artefato cultural de massa, levou tempo para mudar. O cenário de rompimento e embates a esse discurso é contemporâneo das discussões propostas pelos Estudos Culturais em 1960. Questões como alta e baixa cultura, e/ou o que seria denominado de cultura de massas, foram criticadas por pesquisadores do grupo ligados ao movimento dos Estudos Culturais.

Nesse contexto, a HQ nacional do autor André Toral, produzida como parte da tese de doutoramento, intitulada: *Adiós, xamigo brasileiro: um estudo sobre a iconografia da guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai (1864-1870)*, aprovada pelo Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP),

---

artística: tanto o roteiro como os desenhos, além da disposição dos quadrinhos nas páginas, fugindo dos padrões convencionados pelas grandes editoras de quadrinhos. A sofisticação deste material possibilitou a sua venda em livrarias, que não tinham o hábito de vender HQs. Abriu-se, então, um novo mercado, formado para um público na maioria adulta

<sup>146</sup> Na biblioteca escolar é necessário que sejam colocados à disposição dos alunos textos dos mais variados gêneros, respeitados os seus portadores: livros de contos, romances, poesia, enciclopédias, dicionários, jornais, revistas (infantis, em **quadrinhos**...) BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental - Língua portuguesa. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental, 1997.

<sup>147</sup> A guerra contra a indústria dos quadrinhos foi longa e contou com várias batalhas nas quais Dr. Wertham se saiu vitorioso. Ainda em 1948, foi instituída a Associação de Editoras de Quadrinhos que assumiu o compromisso de autorregular todas as publicações da indústria, controlando conteúdos relacionados a sexo, horror, violência e crime. A pressão e a hostilidade de setores da sociedade contra a indústria dos quadrinhos continuaram a aumentar consideravelmente nos anos seguintes e, em 1954, Dr. Wertham publicou seu livro mais conhecido, sugestivamente chamado *The Seduction of the Innocent*. BAHIA, Marcio. A legitimação cultural dos quadrinhos e o Programa Nacional Biblioteca da Escola: uma história inacabada. **Educação**, v. 35, n. 3, 2012. p.342.

<sup>148</sup> Naquele mesmo ano, o senado americano apertou o cerco à indústria e formou um comitê oficial que convocou audiências com várias personalidades envolvidas no assunto (artistas, empresários, intelectuais, políticos, etc.) para discutir a questão. A “caça às bruxas” instaurada pelo comitê senatorial foi acompanhada de perto pela imprensa e culminou com a criação do Comics Code Authority (CCA), dirigido pela magistratura de Nova York, que funcionava na prática como um órgão de censura. Idem, *ibidem*. p.342.

foi publicada de forma independente em formato de livro pela editora companhia das Letras, em 2008.

A HQ paraguaia do autor Pertile Enzo<sup>149</sup>, publicada inicialmente em jornais semanais em forma de fascículos. Posteriormente, foi lançado em formato de livro compilado pela editora ServiLibro em 2011. Enzo Pertile utilizou como referência no primeiro subcapítulo a obra do brasileiro Júlio José Chiavenato *Genocídio Americano: a guerra do Paraguai*. Nos enredos do segundo e terceiro subcapítulos da HQ se referenciou na obra *Memorias o Reminiscencias Históricas sobre la Guerra do Paraguay*, do autor paraguaio Juan Crisostomo Centurion<sup>150</sup>. Nesse sentido, temos a intenção de discutir a historiografia da Guerra do Paraguai/Guasú, a partir das Histórias em Quadrinhos.

O contexto social em que as HQs foram produzidas evidencia através dos personagens e narrativas, uma convergência com a historiografia em discussão nos respectivos países. No Brasil a historiografia vigente sugere pelo menos três momentos historiográficos sobre a Guerra do Paraguai/Guerra *Guasu*, considerada pelos (as) pesquisadores (as) brasileiros (as) como primeira Fase: Memorialística-Militar-Patriótico (1870-1960). A segunda fase, conhecida como o período Revisionista ou Imperialista da guerra (1960-1980), e o terceiro momento, identificado como Neorrevisionista<sup>151</sup> e que se estende até os dias atuais (1980-2022). No Paraguai as discussões historiográficas apresentam de forma sucinta dois momentos; como no pós-guerra, em fins do século XIX, onde houve uma campanha revisionista que teve reflexo nos periódicos nacionais, jornais, revistas, filmes, quadros e esculturas, entre outras. Esse período ficou conhecido na historiografia paraguaia como Lopizmo, fazendo referência a exaltação da imagem de López como “mariscal” soberano. Essa historiografia começou a ser questionada no século XX, sobretudo com os eventos do centenário e bicentenário da independência do Paraguai. Atualmente, os (as) pesquisadores (as) paraguaios buscam outras

---

<sup>149</sup> Enzo Pertile, paraguaio iniciou sua carreira como autodidata e tornou-se profissional quando começou a trabalhar em um dos principais jornais do país (Último Hora), como cartunista de suplemento escolar. É reconhecido como cartunista e designer gráfico de destaque no Paraguai, seu trabalho Guerra contra a Tríplice Aliança: Ganhar ou morrer destacou-se no país.

<sup>150</sup> Juan Crisostomo Centurion, teve a oportunidade de estudar na Europa em 1858, foi enviado pelo então presidente Antônio Carlos Lopez. Ele participou na guerra, escrevendo no jornal Semanário, e foi diretor do Cabichuí. Acompanhou Solano Lopez até sua morte em Cerro Cora. Sua obra *Memorias o reminiscencias históricas sobre la Guerra do Paraguay*, publicado em quatro tomos apenas em 1944, após sua morte. Essa obra foi referência utilizada para construção do segundo e terceiro capítulos da HQ. Onde se justifica o elogio patriótico a defesa nacional, e a responsabilização a Solano Lopez pela hecatombe nacional, assim como denúncias dos crimes imperiais. GELLER, Odair Eduardo. **José Bernardino Bormann, José Ignacio Garmendia e Juan Crisóstomo Centurión e a constituição narrativa da guerra contra o Paraguai**. Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, UFPR, 2018.

<sup>151</sup> SALLES, André Mendes. A Guerra do Paraguai na historiografia brasileira: algumas considerações. **Cadernos de Aplicação**, v. 28, 2015. p.38.

fontes de investigação, rompendo com essa versão dualista sobre o conflito<sup>152</sup>.

### 3.1.2.1 A Guerra do Paraguai/Guerra *Guasu* e a Batalha de Acosta Ñu ou Batalha de Campo Grande

A guerra do Paraguai/*Guasu* teve início no final de 1864 e se estendeu até o ano de 1870. Brasil, Argentina e Uruguai uniram-se e formalizaram o Tratado da Tríplice Aliança<sup>153</sup> contra o Paraguai. A guerra teve momentos de intensas e trágicas batalhas e outros períodos de trégua. No primeiro ano do conflito, o cenário foi marcado pela investida do Paraguai contra a província de Mato Grosso (atual Mato Grosso do Sul), com resultados vitoriosos para o Paraguai, o ataque se estendeu a Corrientes no território argentino e parte da província do Rio Grande do Sul em 1865.

No decorrer da guerra em 1866, os aliados estacionaram as tropas próximo à fortaleza de Humaitá, recebiam abastecimentos de alimentos, munições da marinha brasileira e defendiam-se da ofensiva paraguaia. Os aliados tentaram cercar a fortaleza de Humaitá (sistema defensivo de Solano López), mas como o terreno era desconhecido pelos aliados, tiveram dificuldades para lutarem contra as tropas entrincheiradas em Curuzu e Curupaiti. As desavenças internas em relação aos comandantes da operação, reverberaram na organização interna dos aliados. A derrota paraguaia a partir desse conflito teve resultados decisivos no decorrer da guerra, as baixas humanas e o contra-ataque dos aliados, desestruturaram a organização paraguaia.

Outro combate de grande impacto foi a batalha do Riachuelo, considerada a maior batalha naval do conflito, ocorrida em 1865. Contando com uma marinha organizada, uma artilharia, e conhecimento do local de guerra, a frota imperial tinha mais integrantes e uma superioridade tecnológica. No entanto, o conflito deixou resultados calamitosos tanto para o Brasil como para o Paraguai. A batalha foi tema para as telas artísticas do pintor Víctor Meirelles.

Nos confrontos finais da batalha denominada de Campo Grande (no Brasil, seria a

---

<sup>152</sup> A queda da ditadura de Stroessner em 1989, com a consequente democratização, e o processo de integração regional, que originou o Mercosul, reduziram a influência do pensamento autoritário e do populismo xenófobo no país. O novo ambiente de liberdade e de abertura externa foi enriquecedor para a historiografia paraguaia, que diversificou seus temas; foi a arquivos buscar documentação para corroborar fatos e interpretações e preocupou-se com a objetividade. YEGROS, Ricardo Scavone; LILIANA M. BREZZO. **História das relações internacionais do Paraguai**. Fundación Alexandre de Gusmão, 2013. p.11

<sup>153</sup> Em 1º de maio de 1865, em Buenos Aires, representantes da Argentina, do Brasil e do Uruguai – respectivamente Rufino de Elizalde, Francisco Octaviano de Almeida Rosa e Carlos de Castro – firmaram o Tratado da Tríplice Aliança contra o Paraguai. O texto do acordo era secreto e, além da aliança militar, estabelecia os pré-requisitos para o estabelecimento da paz. O tratado determinava que a guerra era contra o governo do Paraguai e não contra seu povo e que os aliados se comprometeram a não depor as armas, mas de comum acordo e depois da derrocada de Solano López, ficando proibida qualquer iniciativa de paz em separado. Idem, ibidem, p.12

tradução de Acosta Ñu) ou Acosta Ñu<sup>154</sup> no Paraguai, ocorrida em agosto de 1869, crianças de várias idades, foram envolvidas na batalha, lutaram como soldados e nas últimas fases, foram mortas pelas tropas aliancistas formada naquele momento majoritariamente por tropas brasileiras<sup>155</sup>.

Em 1869 as tropas paraguaias já haviam sofrido várias baixas humanas e apresentavam evidências da desestruturação pelos locais onde ocorriam os conflitos. O Paraguai já apresentava dificuldades na formação de grupos para comporem seus exércitos de defesa. Os aliados em vantagem conseguiram tomar a capital Assunção. Nesse momento, o comandante Duque de Caxias, considerou que a guerra já havia acabado e se retirou. Assumindo o posto vago, o conde d'Eu, genro do imperador, coordenou a guerra até a captura e morte do presidente paraguaio, Solano López.

### **As crianças em contexto de Guerra e sua presença na Batalha de Acosta Ñu ou Batalha de Campo Grande**

Durante as colônias portuguesa e espanhola na América Latina, a situação de miséria e exploração em que as crianças e suas famílias eram expostas nos trabalhos informais no campo, demonstram que os abusos já ocorriam mesmo antes da guerra em foco. O processo de educação das crianças era realizado à base de castigos físicos, imposição de autoridade e princípios da igreja católica. Havia também repressão às crianças que falavam a língua materna: o guarani. O Brasil imperial, sobretudo em Pernambuco, realizou recrutamento forçado, abusivo e impopular de adultos, jovens e crianças, para servirem durante a guerra de como aponta o autor Claudio Fuentes<sup>156</sup>.

No século XIX, no processo da Revolução industrial, os registros documentais, como por exemplo, o filme *Oliver Twist* (2005), dirigido pelo diretor Roman Polanski, discutem a história dos órfãos que viviam no contexto da Revolução Industrial e passavam por diversas casas e orfanatos, revelando que as crianças viviam em condições precárias e insalubres, juntoas suas

---

<sup>154</sup> No Brasil, o Dia das Crianças é comemorado em outubro, ouvi dizer. No Paraguay, não. Aqui temos nossa própria data, o 16 de agosto. Para relembrar o massacre de Acosta Ñu. O senhor veja como o seu país tem problemas com esta guerra: sequer conseguem pronunciar direito no nome da batalha. LABES, Marcelo. **Paraíso-Paraguay**. Florianópolis: Caiaponte Edições, 2021. p.132.

<sup>155</sup> FUENTES, Armandans, Claudio. **Acosta Ñu. Relato de uma tragédia**. Asunción: Grupo Editorial Atlas, 2021. p.67.

<sup>156</sup> Los aliados también reclutaron niños y adolescentes em sus filas durante la Guerra contra la triple Alianza. FUENTES, Armandans, Claudio. **Acosta Ñu. Relato de una tragedia**. Asunción: Grupo Editorial Atlas, 2021. p.26

<sup>162</sup> En primer término se trata un fenómeno especialmente triste de la historia de los niños que continuaba vigente en los países latinoamericanos a comienzos del siglo XIX y que an hoy subsiste en otras regiones del mundo: la esclavitud infantil. POTTHAST, Bárbara; CARRERAS, Sandra. Entre la familia, la sociedad y el Estado. **Niños y jóvenes en América Latina (siglos XIX-XX)**, 2005. p.12

famílias de trabalhadores industriais em extrema pobreza.

Na América Latina do século XIX, fora os casos de escravidão infantil<sup>157</sup>, as crianças viviam em um contexto de conflitos entre diversos grupos, como latifundiários, comerciantes, traficantes de escravos, com interesses diversos e disputas na região Platina. Quando eclodiu a guerra *Guasu*, a situação das crianças degradou ainda mais, foram expostas aos horrores do conflito pelos países beligerantes, sobretudo no Paraguai, atuando na linha de frente como soldados.

Antes de assumirem o papel de protagonistas no conflito, algumas crianças trabalhavam para manterem os abastecimentos de comida, roupa e armamentos para os soldados. No pós-guerra, as crianças que sobreviveram junto as mulheres e mães, ficaram responsáveis com a difícil tarefa de reerguer o país.

No início da Guerra *Guasu* as convocações para o exército paraguaio eram de pessoas com idade entre 16 e 44 anos, considerados aptos. Com as grandes baixas, principiante dos soldados, jovens de 14 anos foram obrigados a assumirem o serviço militar. Em todas as fases do conflito houve a presença de crianças. No estágio final da guerra esse aspecto tornou-se mais acentuado. Havia um enorme desequilíbrio de forças, entre os paraguaios contra os aliados, o que não demoraria muito para pôr fim ao conflito naquele momento.

A incorporação das crianças na guerra ocorreu de forma gradual, no início da batalha o exército era composto majoritariamente por homens. No entanto, com os desfechos da guerra, como deserção de soldados, tropas mal alimentadas, sem aparato bélico, esperanças na vitória e as baixas humanas, principalmente nas primeiras fases do conflito, fizeram com que Solano López e os comandantes utilizassem as crianças nas fileiras de combate como soldados.

Dessa forma, ao pesquisarmos histórias em quadrinhos que tratam sobre a temática, procuramos observar qual (is) grupos sociais são representados no enredo da obra. Na HQ paraguaia, o contexto de guerra se passa em Pirebebuy, que ao longo do conflito, tornou-se a terceira capital provisória do Paraguai. Foi atacada pelas tropas aliancistas em meados de agosto de 1869. Naquele contexto, o Marquês de Caxias<sup>158</sup>, decidiu por retornar à corte imperial e

---

<sup>157</sup> La Guerra del Paraguay, o Guerra de la Triple Alianza (1864/5-1870) tiene la triste fama de haber sido una de las más sangrientas de América Latina: Brasil, Argentina y Uruguay tardaron cinco años en vencer al país vecino, que perdió con ella más de la mitad de la población y gran parte de su territorio al tiempo que su peculiar sistema político, económico y social terminó por hundirse. Quienes más sufrieron las consecuencias en la última fase del conflicto y durante la pos guerra fueron las mujeres y los niños. Idem, Ibidem. p.90

<sup>158</sup> O Marques de Caxias (Luís Alves de Lima e Silva), foi nomeado marechal do exército e comandante chefe das tropas brasileiras em guerra contra o Paraguai, em 1866. Permaneceu em luta até a tomada da capital Paraguai, (Assunção em 1869), quando ele deixa o cargo, sob o argumento de que a partir daquele momento a guerra havia chego ao final. SOUZA, Adriana Barreto de. **Experiência, configuração e ação política: uma reflexão sobre as trajetórias do duque de Caxias e do general Osório**. Topoi (Rio de Janeiro), v. 10, n. 19, 2009, p. 93

declarar o fim da guerra. Esse hiato temporal, possibilitou uma pequena organização do exército paraguaio na região fazendo resistência. O discurso que ainda mantivera os últimos combatentes girava em prol da independência nacional do Paraguai. Essa iniciativa durou pouco tempo, até o local sucumbir diante dos aliados.

Nos quadrinhos paraguaios, Enzo Pertile enfatiza a figura de López num tom romântico suavizando alguns aspectos como a violência, opressão, tirania, arbitrariedades na condução da guerra pelo Mariscal Solano López. No contexto de retirada para o norte e captura pelas tropas aliancistas, os quadrinhos retratam de forma evidente o desespero da população frente à invasão, a morte do Mariscal, a dor pelas perdas humanas e a hecatombe nacional. Enfatiza também o caráter sanguinário e sádico do Conde d'Eu, chefe das tropas brasileiras.

Nos momentos finais da guerra, esperava-se que a Batalha de Acosta Ñu, deveria ser rápida por parte dos aliados, que eram maiores em tropas e armamentos em relação ao Paraguai, com um exército de crianças, feridos, e idosos, que faziam resistência como se fossem uma muralha sangrenta. No final do conflito em Acosta Ñu, o desejo das crianças ficou expresso, como afirma o autor Fuentes, “Los niños paraguayos quisieron morir como hombres, y lo conseguieron. Al día siguiente no quedaban de ellos más que cenizas”.<sup>159</sup> Diante dessa hecatombe que o país vivia, as crianças precisavam de proteção de suas famílias e do Estado.<sup>160</sup> A ideologia de guerra total do governo de López pode ser entendida como uma situação que envolve a maior parte de uma população no conflito. Para movimentar grupos de mulheres, homens, crianças e idosos, o governo López, construiu um aparato ideológico, durante anos a fim de convencer e obrigar a população a lutar no conflito contra os aliados<sup>161</sup>. Em alguns momentos havia uma espécie de propaganda discursiva da vitória e uma suposta felicidade da população com os encaminhamentos da guerra. Assim como, envolvimento e esforços para compor o Estado Paraguaio, para empreender a defesa do país. Na conjuntura de guerra, não era fácil desertar ou se posicionar contra a política do governo. Os acusados sofriam retaliações e perseguições do governo<sup>162</sup>.

Nesse contexto, o autor Claudio Fuentes Armandans, salienta que o caso do Paraguai, não

---

<sup>159</sup> FUENTES, Armandans, Claudio. **Acosta Ñu**. Relato de uma tragédia. Asunción: Grupo Editorial Atlas, 2021. p.69

<sup>160</sup> Lamento decir que más de la mitad del ejército paraguayo estaba compuesto de niños de diez a catorce años de edad. POTTHAST, Bárbara; CARRERAS, Sandra. Entre la familia, la sociedad y el Estado. **Niños y jóvenes en América Latina (siglos XIX-XX)**, 2005. p.89

<sup>161</sup> La guerra total es cuando el conflicto involucra al mayor espectro de la población que habita el territorio em donde se desarrolla el conflicto bélico, abarcando este espectro ambos sexos, el masculino y el femenino; así como también las edades infanto-juveniles, adultas y la ancianidad. Idem, ibidem. p.30

<sup>162</sup> [...] no era nada fácil desobedecer ao desetar. Además, López aplicaba una corresponsabilidade familiar si um miembro de la familia desertaba o manifestaba su oposición a la política del presidente, sus familias también sufrían represálias. Idem, ibidem. p.37

foi isolado na América Latina, o que não exige o papel dos aliados, que também utilizaram crianças no exército. Acosta Ñu, tornou-se um relato de uma tragédia, compõe uma memória coletiva, com traumas e representações desse passado histórico de guerra. As memórias do conflito passaram de uma geração a outra, com uma carga afetiva tão grande quanto à memória nacional forjada sobre o conflito, como aponta a pesquisadora Squinelo:

[...] no Paraguai a questão concernente a presença de crianças no front da Guerra é abordada; tal fato tem uma outra dimensão histórica e uma memória latente, sobretudo pela questão da Batalha de Acosta Ñu ocorrida em agosto de 1869; até os dias atuais a data é rememorada no Paraguai e reporta-se ao Dia das Crianças em celebração aos ñinos paraguaios que lutaram na Batalha de Acosta Ñu, conhecida também por Batalha de Los Niños ou Batalha de Campo Grande<sup>163</sup>.

Nesse contexto, observamos que a Batalha de Acosta Ñu/Campo Grande, é abordada e descrita sob diferentes aspectos em ambos países. No Paraguai a questão tem um significado tão latente que é rememorada em data específica.

Diante das narrativas abordadas nas HQs, e das análises sobre a representação das crianças durante o conflito, elaboramos uma proposta de aula-oficina que possa ser trabalhada junto aos/as estudantes, destacando sobretudo o protagonismo das crianças durante todo o conflito.

### 3.1.2.2 Proposta de Aula-Oficina utilizando as HQs

A partir das discussões levantadas sobre as condições das crianças no *front* de guerra, propomos uma aula-oficina<sup>164</sup> que segundo a pesquisadora Isabel Barca, possibilita ao (a) professor (a), acompanhar a progressão do (da) estudante, no desenvolvimento de competências como mobilização dos saberes dialogados e expostos em aula. Essa experiência pedagógica, pode ser desenvolvida na etapa do Ensino Fundamental nos anos finais, na área de ciências humanas e sociais, de forma interdisciplinar. A aula oficina está organizada em quatro momentos: iniciando com o planejamento; a apresentação da oficina; o desenvolvimento das atividades propostas e avaliação da oficina.

No primeiro momento, busca-se organizar as etapas de desenvolvimento da oficina. Para

<sup>163</sup> SQUINELO, A. P. O que as narrativas didáticas de história contam sobre a Guerra Guasu 150 anos depois? Mulheres, crianças, negros e indígenas em uma mirada comparada: Brasil, Paraguai e Uruguai. **Diálogos**, (2020), p.14

<sup>164</sup>.Análise das ideias prévias dos alunos segundo um modelo (simplificado) de progressão conceptual: categorização das ideias de alunos desde ideias incoerentes e alternativas até às relativamente válidas. 3. Desenho, planejamento e implementação de uma unidade temática tendo em conta um refinamento progressivo das ideias históricas dos alunos previamente diagnosticadas. 4. Recolha de dados sobre as ideias dos alunos a posteriori, aplicando o mesmo instrumento do momento inicial. 5. Aplicação de um instrumento de metacognição aos alunos para monitorizar o processo de ensino e aprendizagem BARCA, Isabel. Ideias chave para a educação histórica: uma busca de (inter) identidades. **História Revista**, Goiânia, v. 17, n. 1, 2012, p. 47.

isso, é importante realizar o planejamento didático, seja ele diário, quinzenal, mensal, semestral ou anual, é importante estar relacionado ao Projeto Político Pedagógico (PPP) escolar, norteando as ações do (da) professor (a), prevendo a organização didática e contextualização dos temas a serem abordados<sup>165</sup>.

Esse exemplo de práxis pedagógica, constitui-se um desafio ao/a docente no processo de desenvolvimento do planejamento, haja vista, que o/a professor/a planeja para uma turma heterogênea, de acordo com o contexto escolar e dos/as educandos/as nas condições em que se encontram<sup>166</sup>. De acordo com os recursos materiais disponíveis. Nesse sentido, é importante realizar um levantamento/sondagem desses aspectos antes de iniciar o trabalho, prevendo possíveis ajustes quando for necessário. diário, composto de quatro aulas, destinadas ao desenvolvimento da oficina. Abaixo, registramos um modelo de planejamento alinhado a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que pode servir como exemplar ao/a docente.

**Quadro I: 1º Momento – Planejamento da Aula-oficina**

<b>Planejamento</b>		
Aula-oficina sobre as <b>Crianças na Guerra do Paraguai/Guasu</b>		
Escola Estadual XXX		
<b>Professor (a)</b> XXX	<b>Planejamento Diário</b> Data: xx/xx/xx	<b>Turma</b> 8º Ano <sup>167</sup> <b>(Guerra do Paraguai/Guerra Guasu)</b>
<b>Aulas</b> 3 Tempos de 50min	<b>Atividades</b> 1 – Registros 2- Atividade avaliativa	<b>Recursos Necessários</b> 1 - Data Show; 2 - HQs; 100 - Cópias de atividades
<b>Objetos de Conhecimento</b> A compreensão sobre a Guerra do Paraguai/Guasu		
<b>Habilidades</b>		<b>Competências</b>
<b>Ciências Humanas e Sociais Aplicadas</b> (EMIFCHSA03) “Selecionar e sistematizar, com base em estudos e/ou pesquisas (bibliográfica, exploratória, de campo, experimental etc.) em fontes confiáveis, informações sobre temas e processos de natureza histórica, social, econômica,		Esta unidade se consubstancia a partir das seguintes competências gerais: <b>Competência 1.</b> “Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a

<sup>165</sup> O planejamento é um exercício de pensamento analítico, estratégico e exige uma reflexão sobre a realidade, sobre suas práticas, porque se trata de uma preparação reflexiva e antecipada de uma ação a fim de atingir determinados objetivos. DIAS, Luciana Silva; SEVERO, José Leonardo Rolim de Lima. O planejamento didático na atuação de pedagogas do serviço de convivência e fortalecimento de vínculos em João Pessoa-PB. Educ. Form., v. 5, n. 14, 2020. p. 137

<sup>166</sup> SABÓIA, V. S. M.; BARBOSA, R. P. Base Nacional Comum Curricular: competências, habilidades e o planejamento escolar. **Práticas Educativas, Memórias e Oralidades - Rev. Pemo**, [S. l.], v. 2, n. 1, 2020. p.10.

<sup>167</sup> De acordo com o Currículo de Referência do Estado de Mato Grosso do Sul, o conteúdo sobre a Guerra do Paraguai/Guasu e do pós-guerra, é ministrado no 8º ano do ensino fundamental. Fonte: [https://www.sed.ms.gov.br/wp-content/uploads/2020/02/curriculo\\_v110.pdf](https://www.sed.ms.gov.br/wp-content/uploads/2020/02/curriculo_v110.pdf). p.772

filosófica, política e/ou cultural, em âmbito local, regional, nacional e/ou global, identificando os diversos pontos de vista e posicionando-se mediante argumentação, com o cuidado de citar as fontes dos recursos utilizados na pesquisa e buscando apresentar conclusões com o uso de diferentes mídias”.	construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva”. <b>Competência 2.</b> “Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas”.
<b>Avaliação</b>	A avaliação é processual e supõe o desenvolvimento de todas as atividades previstas nesta unidade curricular. Ao avaliar, o (a) professor (a) deve verificar se as produções do (da) estudante: atendem ao tema delimitado; b) expressam de forma adequada as informações e a contextualização; c) apresentam justificativas e argumentos que sustentam a conclusão; pautam informações pertinentes e diversificadas.
<b>2º Momento</b>	Apresentação da Oficina aos (as) estudantes.
<b>3º Momento</b>	Desenvolvimento das atividades propostas.
<b>4º Momento</b>	Avaliação da oficina.

**Fonte:** elaborado pela autora, 2022.

#### 2º Momento - Apresentação da Oficina aos (as) estudantes

Comece perguntando para os/as estudantes sobre quais HQs eles/as conhecem e de quais gostam. Procure perceber o estilo favorito da classe, para poder contemplá-lo e, ao mesmo tempo, ampliar o universo de possibilidades. Pergunte também se sabem onde, para além dos gibis, são publicadas as HQs (jornais, internet, entre outros). Explique para eles (as) que as HQs, tal como as conhecemos hoje, surgiram no final do século XIX nos EUA, como uma das modificações efetivadas pelos jornais como forma de atrair novos/as leitores/as, visando, sobretudo, ao público juvenil. Um dos exemplos que fizeram muito sucesso durante boa parte do século XX e fazem sucesso até hoje é a história de superheróis: Super-homem, Homem-aranha, Batman, X-men etc.

Esta aula tem o objetivo de introduzir o (a) aluno (a) no estudo das histórias em quadrinhos por meio de uma breve exposição histórica sobre quais são os elementos que fazem parte da estrutura de uma HQ, destacando a função do recordatório, balões, onomatopéias, requadro, linhas cinéticas, vinhetas, cor e as linhas cinéticas. Também deve ser mencionado as diferentes nomenclaturas que as HQs recebem. Após a explanação sobre os elementos que compõem uma HQ, vamos dar continuidade na atividade fazendo o registro da chuva de ideias

que os (as) alunos (as) apresentaram, assim como as informações discutidas em aula. O registro deve ser feito no material entregue aos/às alunos/as.

**Quadro 1** - para registro de ideias dos/das estudantes

<p>O que eu sei sobre quadrinhos (HQs)?</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p> 	<p>O que os quadrinhos sobre a Guerra do Paraguai/Guasú abordam sobre o conflito?</p> <p>_____</p> <p>_____</p> 
--	--

**Fonte:** a autora

No segundo momento, na apresentação da oficina (as) estudantes é importante que o (a) professor (a), dialogue com os (as) discentes, a fim de observar a recepção dos/as mesmos, em relação aos quadrinhos propostos, as referências sobre quadrinhos que eles/elas possam conhecer e apresentar as HQs que serão fonte de estudos. Nessa conjuntura, é importante realizar o diagnóstico sobre os conhecimentos prévios dos/as alunos (as), registrar o diálogo realizado em aula, os dados poderão ser comparados ao final da oficina. Nesse contexto, sugerimos um roteiro de estudos como modelo para o (a) professor (a) e estudantes.

- a) O (a) professor (a) deve iniciar a aula, promovendo um diálogo junto aos (as) estudantes sobre as duas temáticas norteadoras da oficina: A guerra do Paraguai/*Guasu* e Histórias em Quadrinhos. Sobre a guerra do Paraguai/*Guasu* – Em qual contexto ocorreu o conflito? Quem eram os países envolvidos? Quais foram as principais batalhas durante a guerra? Quem eram os grupos sociais envolvidos no conflito? Por que o conflito é denominado de Guerra *Guasu* no Paraguai e no Brasil Guerra do Paraguai?
- b) O (a) professor (a), depois de apresentar a temática da aula, deve relacionar os temas apresentados aos (as) estudantes promovendo uma breve explicação e contextualização sobre as HQs. Sobre as HQs, quem são os autores/as? Quais aspectos são abordados nas HQs? Com qual HQ você mais se identificou? Após o diálogo o (a) professor (a), pode solicitar aos (as) estudantes que registrem na folha de atividades aspectos discutidos em aula. Você já tinha estudado a temática sobre a Guerra do Paraguai/*Guasu*? Você sabia que existia História em Quadrinhos com a temática sobre a Guerra do Paraguai/*Guasu*?

3º Momento - Desenvolvimento das atividades propostas

No terceiro momento, quando ocorrerá o desenvolvimento da oficina é de suma importância o acompanhamento pelo (a) professor (a) junto aos(às) estudantes, sanando possíveis dúvidas. Sugerimos também o registro fotográfico da realização da atividade.

<p>Quadro 2: Uma criança abandonada em meio ao conflito de ataque a vila paraguaia.</p>	<p>Questões norteadoras</p>
	<p>a) Antes de iniciar a guerra, quais eram as condições de vida das crianças? b) O Quadro em destaque, representa uma situação comum durante a guerra. Comente sobre o quadro.</p>
<p>Fonte: PERTILE, Enzo. <b>Guerra contra la Triple Alianza</b>: vencer o morir. Asunción (PY): Editora: ServiLibro. 2011. p.11</p>	
<p>Quadro 3: Uma criança aos cuidados do pais, na cidade do Rio de Janeiro</p>	<p>Questões norteadoras</p>
	<p>c) O quadrinho em destaque faz parte da HQ brasileira. Comente sobre o diálogo do personagem, sobre os figurinos dos personagens e a figura da criança.</p>
<p>Fonte: TORAL, André. <b>Adeus, amigo brasileiro</b>: Uma história da Guerra do Paraguai. Companhia das Letras, 2008, p.03.</p>	

<p>Quadro 4: Um menino soldado dialoga com o general paraguaio.</p>	<p>Questões norteadoras</p>
	<p>d) No quadrinho em destaque aparecem dois</p>

	<p>personagens, é possível fazer uma análise da posição social dos mesmos na guerra? Comente sobre o diálogo entre os personagens.</p>
<p>Fonte: PERTILE, Enzo. <b>Guerra contra la Triple Alianza: vencer o morir.</b> Asunción (PY): Editora: ServiLibro. 2011. p.11</p>	

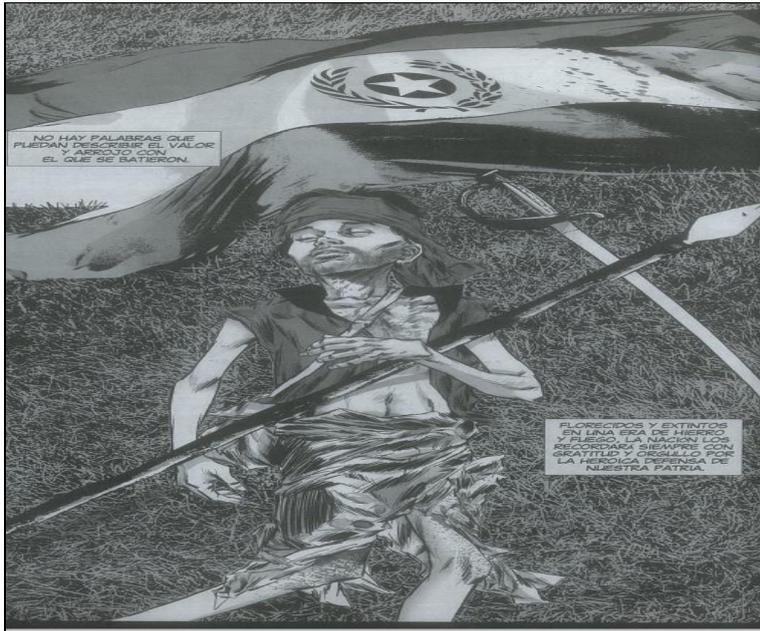
<p>Quadro 5: Mulher pensativa quando recebe a notícia que o esposo foi capturado para lutar na guerra.</p>	<p>Questões norteadoras</p>
	<p>e)No quadrinho o autor reflete sobre uma situação que era comum na guerra. Reflita sobre a figura da criança nesse caso, quais as condições lhe foram impostas.</p>
<p>Fonte: TORAL, André. <b>Adeus, chamigo brasileiro: Uma história da Guerra do Paraguai.</b> Companhia das Letras, 2008, p.03</p>	

<p>Quadro 6: Criança paraguaia, questionando sobre o desembarque do irmão</p>	<p>Questões norteadoras</p>
	<p>f) O quadrinho brasileiro retrata uma criança na condição de irmão de um soldado. Escreva sobre a condição da criança nesse</p>

	<p>caso.</p>
<p>Fonte: TORAL, André. <b>Adeus, amigo brasileiro:</b> Uma história da Guerra do Paraguai. Companhia das Letras, 2008, p.03</p>	

<p>Quadro 7: Crianças sob ataque</p>	<p>Questões norteadoras</p>
	<p>h) Nesse quadro, as crianças lutam contra um representante do exército aliado, quais são as condições de guerra das crianças em relação ao representante aliado?</p>
<p>Fonte: PERTILE, Enzo. <b>Guerra contra la Triple Alianza:</b> vencer o morir. Asunción (PY): Editora: ServiLibro. 2011. p.11</p>	

<p>Quadro 8:</p>	<p>Questões norteadoras</p>
<p>ta em campo de batalha, ao lado de símbolos nacionais do seu país (Paraguai).</p>	



Fonte: PERTILE, Enzo. **Guerra contra la Triple Alianza: vencer o morir**. Asunción (PY): Editora: ServiLibro. 2011. p.11

g) No quadrinho, em destaque observamos símbolos nacionais e a condição final de muitas crianças e jovens. Relate o que mais lhe chamou atenção no quadro.

#### 4º Momento - Avaliação da oficina

No quarto momento, propomos realizar uma avaliação da oficina de acordo com os critérios pré-estabelecidos pelo (a) professor (a) no planejamento. A avaliação da oficina permite ao (a) professor (a) verificar os conhecimentos adquiridos pelos (as) estudantes no desenvolvimento da atividade. Abaixo elaboramos uma atividade avaliativa como exemplo, acreditamos que pode servir como material de apoio ao (a) professor (a). A avaliação é processual e supõe o desenvolvimento de todas as atividades previstas nesta unidade curricular. No segundo momento da oficina, os/as estudantes serão orientados a realizarem a leitura de um texto sobre a presença das Crianças/Ninõs durante a guerra. É importante o acompanhamento do (a) professor (a) nessa atividade promovendo diálogo sobre a importância de pesquisas acerca dos grupos sociais, considerados silenciados pela historiografia tradicional. Apresentação das HQs<sup>168</sup> e introdução temática sobre a Guerra do Paraguai/Guerra Guasu. Antes de iniciar a aula, é importante destacar com os/as estudantes que irão ler uma HQ histórica, sobre a Guerra do Paraguai/Guerra Guasu. Retome com eles o que já foi abordado sobre a temática. Quem são os sujeitos que lutaram na guerra? Quais eram os países

<sup>168</sup> As obras são protegidas por direitos autorais. Lei 9.610/1998. Por isso, nas oficinas vamos trabalhar com pequenos trechos (quadros) das HQs. Entendemos que essa não é uma condição ideal de aprendizado para os/as estudantes, pois acreditamos que o acesso à obra integral proporciona um entendimento mais amplo sobre a temática da guerra. Por isso, é importante enviar a direção escolar, um pedido por escrito para que a direção via Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE), possa fazer a compra dos exemplares para compor o acervo da biblioteca escolar

envolvidos no conflito? Como era a relação na fronteira, havia disputas e exploração pelo território?

Ao avaliar, o/a professor/a deve verificar se as produções do/a estudante:

- a) atendem ao tema delimitado;
- b) expressam de forma adequada as informações e a contextualização;
- c) apresentam justificativas e argumentos que sustentam a conclusão;
- d) pautam informações pertinentes e diversificadas;
- e) têm caráter autoral, ou seja, que não sejam cópias (plágios).

Para realizar as atividades solicitadas, os (as) estudantes terão que fazer a leitura dos diálogos no interior dos balões de conversa. Relacionar os diálogos dos personagens com as discussões feitas em sala mediadas pelo (a) professor (a). Observar os registros feitos na ficha do roteiro de estudo. Na atividade avaliativa espera-se que o (a) estudante, se posicione diante das situações expostas no diálogo dos personagens.

<b>Atividade Avaliativa</b> As crianças protagonistas na Guerra do Paraguai / Guerra Guasu
<b>Nome:</b>
<b>Questões norteadoras</b>
1 - Com base na leitura dos quadrinhos <b>5</b> e <b>7</b> , escrevam quais eram as condições das crianças na batalha de Acosta Ñu/Campo Grande?
2 – No Quadrinho <b>6</b> , nos deparamos com uma criança morta no conflito. O que você pensou/sentiu quando leu o quadrinho? Se você pudesse dizer algumas palavras a mãe daquela criança, o que diria?
3 – No quadrinho <b>7</b> , ao fazermos a leitura das falas das crianças nos deparamos com um sentimento, o que você imagina que as crianças deveriam estar sentindo naquele momento?
4 – No Quadrinho <b>3</b> , o presidente paraguaio (Solano López) dialoga com uma criança soldado, existe no quadrinho alguma fala que demonstre o desejo de lutar daquela criança?
5 – No quadrinho <b>2</b> , podemos observar que a única criança representada se encontra numa condição diferente dos órfãos de guerra. Após a leitura escreva o que você pensa sobre os países beligerantes terem utilizados crianças como soldadas.
6 – Nos quadrinhos <b>1</b> e <b>4</b> , podemos observar duas situações diferentes, escreva o que você observou além das crianças, destacando o papel de outra personagem importante no conflito, quem eram esses personagens?

7 – Depois de lermos todos os quadrinhos destacados, podemos observar algumas diferenças nas condições em que as crianças eram submetidas? Em quais quadrinhos a criança é representada como uma criança soldado, protagonista ao lado de outros personagens da Guerra do Paraguai/ <i>Guasu</i> ?
8 – No Brasil assim como no Paraguai, comemora-se o dia das crianças. No entanto, no Paraguai essa data é rememorada com destaque para as crianças que lutaram e morreram no conflito. Escreva sobre como comemoramos essa data no Brasil e o sentido diferente que a data tem para os paraguaios, usando como exemplo o tema da oficina, a Batalha de Acosta Ñu/Campo Grande.
**Essa aula faz parte de uma oficina dividida em dois momentos. Por isso, os registros das discussões são importantes para que o/a professor/a tenha condições de acompanhar a progressão das discussões entre os/as estudantes. Cada aula valerá 1 registro.
**Após os (as) estudantes realizarem as anotações na ficha avaliativa. Sugiro a realização de rodas de conversa sobre a temática, que pode ser realizado a partir de formação de grupos/rodas em sala de aula ou outro ambiente da escola, propondo um diálogo entre os (as) estudantes sobre as condições das crianças na batalha de Acosta Ñu.
<b>Fonte:</b> Elaborada pela autora, 2022

Este quadro a seguir foi construído com o objetivo de organizar os recursos necessários a distribuição das atividades. Pode ser utilizado como um guia simplificado para entendimento dos/as alunos/as das etapas que compõem a oficina. As histórias em quadrinhos apresentam um potencial pedagógico surpreendente, misturando textos e imagens, quando são utilizadas contribuem para o desenvolvimento de capacidades envolvidas na leitura de textos (que se utilizam de diferentes linguagens). Podem favorecer o aprendizado de conteúdos escolares como a história da Guerra do Paraguai/Guerra Guasu. Trata-se de um hipergênero que possibilita uma mobilização junto aos (as) alunos (as), já que a leitura de HQs e, sobretudo, quando estão relacionadas a um conteúdo em discussão, amplia as possibilidades de interpretação e entendimento acerca da temática proposta. Nesta aula serão abordados os descritores D19 e D21, que correspondem respectivamente D19 - compreender os diferentes recursos e linguagens na produção do conhecimento histórico e D21 - compreender os fatos históricos por meio das relações existentes entre as diversas culturas. Pretende-se criar um espaço para que cada aluno (a) possa desenvolver suas capacidades de leitura (ler e relacionar imagem e texto), a partir desse ponto passamos a discutir possibilidades em que os (as) alunos (as) poderão

expressar suas inferências sobre a leitura das HQs, para observarmos por meio de atividades de que forma os (as) alunos (as) apropriaram-se dos elementos presentes nas histórias das HQs. A atividade avaliativa, esperamos que os estudantes tenham capacidade de perceber e diferenciar os sujeitos femininos são representados nas obras, compreender como as personagens femininas foram representadas e qual espaço foi dedicado a elas nos quadrinhos, analisar o protagonismo desenvolvido pelas personagens femininas.

### 3.1.3 Oficina 2: As mulheres no front da Guerra do Paraguai/Guasu.

A guerra é a opção de um grupo contra o outro porque ela é tão antiga quanto a história e tão universal quanto à humanidade, mas é uma atividade da qual as mulheres, com exceções insignificantes, sempre e em todos os lugares, ficaram excluídas, nunca figurando como atores principais<sup>169</sup>

A historiografia sobre a guerra Guasu foi marcada por uma escrita de homens brancos, sobre homens brancos. Esse debate tem sido contornado por meio de trabalhos e pesquisas que trazem à tona e mobilizam diálogos sobre sujeitos comuns, como as mulheres, as crianças, os escravizados, negros e pardos que tiveram suas histórias silenciadas em uma historiografia “oficial” e estanque que se tinha sobre o conflito<sup>170</sup>.

Nesse sentido, nas HQs é possível observar como foram protagonizadas as experiências femininas durante a guerra. Esse grupo social foi representado de formas distintas pelos autores, o que nos faz questionar em que medida essa representação discute a ausência/presença das mulheres na guerra.

As discussões sobre a presença das mulheres na guerra do Paraguai/Guasu, desperta questionamentos mais amplos, compreendendo a trajetória, o cotidiano, os enfrentamentos e os rompimentos com os estereótipos de fragilidade, submissão, maternidade entre outros que as mulheres desde o século XIX, desconstruem em suas empreitadas. Pesquisar sobre a presença das mulheres na guerra significa uma ruptura com o negligenciamento de grupos que tiveram sua participação e importância na guerra, diminuídas<sup>171</sup>.

Romper com esses silenciamentos e escrever sobre elas (mulheres) não é um trabalho fácil, tendo em vista que a própria guerra do Paraguai/Guasu, ensinada, apresentam com maior

<sup>169</sup> DOURADO, Maria Teresa Garritano. **Mulheres comuns, senhoras respeitáveis**: A presença feminina na Guerra do Paraguai. Campo Grande, MS. Ed. UFMS, 2005

<sup>170</sup> COLLING, Ana Maria. Os silêncios da Guerra do Paraguai: A invisibilidade do feminino. In: SQUINELO, Ana Paula (Org.). **150 anos após** - a Guerra do Paraguai: entreolhares do Brasil, Paraguai, Argentina e Uruguai. Campo Grande: Editora UFMS, 2016, p.238

<sup>171</sup> Idem, ibidem. 239

ênfase os personagens masculinos, como aqueles tidos como grandes heróis, os monumentos, a versão patriótica e dissolvido nessas discussões de forma bem tímida temos a história das mulheres.

As mulheres tanto do lado dos aliados da Tríplice Aliança (Brasil, Argentina e Uruguai) como do Paraguai, protagonizaram diversos papéis durante o conflito, desde acompanhar esposos e filhos, lutando na frente de guerra, abastecendo os alimentos de forma regular para as tropas<sup>172</sup>, cuidando dos feridos, comercializando entre outras funções realizadas ao longo do conflito. No entanto, no Paraguai são mais privilegiadas como fonte de estudos e pesquisas do que no Brasil.

Nesse contexto, temos trabalhos historiográficos que apontam a presença feminina em contexto de guerras, assim como os diversos papéis que elas protagonizaram durante os conflitos, como, por exemplo: as patriotas, as andarilhas, as vivandeiras, as fugitivas, as viúvas dos combatentes e soldadas, todos esses grupos de mulheres nos mais diversos papéis, nos apontam que as mulheres não tiveram uma participação tão tímida, como algumas fontes iconográficas da época sugerem. A autora Maria Teresa Dourado, em sua obra: *Mulheres Comuns, Senhoras Respeitáveis: A presença feminina na Guerra do Paraguai/Guasú* discute sobre esses papéis protagonizados por mulheres durante a guerra do Paraguai.

O grupo de mulheres identificadas como patriotas, apresentavam-se como voluntárias aos campos de batalha, demonstravam um forte sentimento de nacionalismo. Atuavam muitas vezes como enfermeiras. Existia naquele momento uma campanha oficial do governo para que as pessoas se voluntariassem para a guerra, o próprio imperador estimulava a campanha pondo-se como o voluntário número um do país.

Nesse grupo de mulheres destacaram-se os registros de Dona Rosa Maria Paulina da Fonseca, que com um forte sentimento de patriotismo, encorajou seus sete filhos a lutarem pela pátria. Um deles tornou-se general, conhecido como Deodoro da Fonseca.

Outro exemplo da presença feminina na guerra foi o de Antonia Alves Feitosa, conhecida como a jovem Jovita, natural do Piauí, ela se disfarçou como soldado para realizar seu sonho de lutar na guerra. A iniciativa de Jovita dividiu opiniões naquele período, pois existia um “papel social” em que o lugar das mulheres não era na frente das batalhas. Jovita rompia com esse estigma. Por outro lado, o governo utilizou sua imagem para estimular um sentimento patriótico entre os homens.

---

<sup>172</sup> POTTHAST, Barbara Algo más que heroínas. Várias roles y memorias femeninas de la Guerra de la triple alianza *Diálogos - Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História*, vol. 10, n. 1, 2006.

Após a repercussão de seu caso, foi proposto à Jovita que ela participasse como enfermeira no confronto, no entanto, a proposta contrariava seu sonho, fazendo com que a jovem desistisse do voluntariado.

Sobre as andarilhas e vivandeiras, sabe-se que em grande parte eram pessoas simples do povo, eram grupo de mulheres que também se destacavam por trabalhar no comércio informal. No cotidiano da guerra o comércio não era um ramo exclusivamente feito por mulheres, muito menos de acesso a todos (as). Existia certa variedade de produtos como: armamentos, medicamentos, tecidos, alimentos, aguardente, entre outros, para quem pudesse comprar. Essas mulheres viveram ao lado das tropas as vicissitudes da guerra, sujeitas às doenças como a cólera, as mortes dos esposos, filhos e parentes, além da batalha pela própria sobrevivência.

Durante a ocupação paraguaia em terras litigiosas na província de Mato Grosso (atual Mato Grosso do Sul - MS), por via fluvial ao Forte Coimbra e a vila de Corumbá, e por terra a Colônia Militar dos Dourados, as Vilas de Nioaque, Miranda e Coxim, as agressões às mulheres brasileiras, pelos soldados paraguaios foram intensas, fazendo com muitas delas fugissem pelo interior das matas. Assim como, os militares brasileiros quando ocuparam o Paraguai cometeram vários tipos de violência contra as mulheres paraguaias.

Algumas mulheres paraguaias no decorrer da guerra receberam até o título militar de sargento (a), ficavam responsáveis pelas outras companheiras para se organizarem e lutarem ao lado dos homens. Entre as personagens que se despontaram na historiografia paraguaia foi Elisa Lynch, uma figura consagrada, também chamada de madame Lynch, natural da Irlanda, casou-se com Solano López, foi mãe de seus cinco filhos. No Paraguai ocorreu uma opção pela escrita e valorização da história daquelas mulheres chamadas de Residentas, as que acompanharam López durante a campanha em oposição às Destinadas.

A marcha das destinadas, composta por dois grupos distintos, as residentas e astraídas. Essas mulheres, diante das condições nefastas impostas pelo contexto de guerra, realizaram uma marcha penosa até o final do conflito em 1869. As residentas<sup>173</sup> representadas em uma figura idealista, romantizada, que demonstra um sentimento incondicional de coragem e bravura, acompanhando López até o final do conflito. Em oposição às traidoras da pátria, cujas acusações giravam em torno dos enfrentamentos que algumas mulheres faziam em relação à política de Solano López, e outras por serem esposas de homens que foram condenados de traição à pátria.

---

<sup>173</sup> [...] o vocábulo 'Residenta' possui uma alta significação e é sinônimo de dor, abnegação e sacrifício, porque utilizamos para denominar o patético êxodo empreendido em posse da bandeira, pelas mulheres, pelos idosos e pelas crianças, ante a iminência da chegada do invasor. [...] porque se muitas nações da Terra podem gabar-se do heroísmo de suas mulheres, somente o Paraguai pode gloriar-se de dever sua existência exclusivamente às mulheres.

A presença feminina foi além das representações descritas como senhoras respeitáveis, o intuito desse tipo de representação era ressaltar o elo dessas mulheres a figuras masculinas. Para Dourado:

Na teoria, a guerra era um universo de homens, armas, cavalos, fome, doenças, mortes, etc., mas, na prática, as mulheres tiveram um papel na Grande Guerra, tanto as brasileiras como as paraguaias, formando um segmento significativo, na retaguarda e nunca passivo, como mães, esposas legítimas ou não, enfermeiras, prisioneiras escravas, fugitivas, etc., atuando nas mais diversas frentes de trabalho e enfrentando, junto com os homens, tudo o que uma guerra proporcionava<sup>174</sup>.

Dessa forma, podemos observar que a presença feminina esteve para além das atividades ligadas ao campo doméstico, para além dos silenciamentos postos pela historiografia memorialista, dos grandes heróis e dos feitos militares. Refutando a visão dicotômica, de vítimas ou inferiorizadas, as mulheres contribuíram durante a guerra, foram protagonistas, ocuparam diversos papéis, assim como outros grupos.

A autora Ana Barreto Valinotti, faz uma ressalva em relação ao termo *residenta*<sup>175</sup>, quando o mesmo é utilizado como sinônimo de caravana de mulheres que acompanhavam o exército. As mulheres desenvolviam várias atividades para além de simplesmente acompanharem seus esposos, trabalhavam em diversas funções, nos postos de sangue, na cozinha, no cultivo dos alimentos, costurando ou até mesmo lutando na linha de frente.

Dessa forma, a partir da historiografia mais recente sobre a guerra do Paraguai/Guasú e os diálogos estabelecidos entre os autores (as) citadas evidenciam que a representação sobre as mulheres foi distinta nos países envolvidos. Esses olhares sobre os papéis desempenhados pelas mulheres foram durante longo período forjado e submetido a uma historiografia oficial feita por homens e sobre homens.

Esta oficina tem como objetivo evidenciar a expressiva participação das mulheres na Guerra do Paraguai/Guasú (1864-1870). Nesse contexto, discutiremos a partir da historiografia da guerra, como esse grupo social foi representado. A partir desse diálogo propomos uma comparação sobre esse grupo nas HQs.

### 3.1.3.1 Proposta de Aula-Oficina utilizando as HQs

A partir das discussões levantadas sobre as condições das mulheres no *front* de guerra, propomos uma aula-oficina<sup>176</sup> que segundo a pesquisadora Isabel Barca, possibilita ao (a)

<sup>174</sup> DOURADO, Maria Tereza. Op. cit. p. 50.

<sup>175</sup> VALINOTTI, Ana Barreto. **Las mujeres**. Colección 150 años de la Guerra Grande n°. 7. El Lector, Asunción, Paraguay, 2013.

<sup>176</sup> Recolha inicial de dados sobre as ideias prévias dos alunos acerca de um conceito substantivo, selecionado dentro de uma determinada unidade em estudo. 2. Análise das ideias prévias dos alunos segundo um modelo (simplificado) de progressão conceptual: categorização das ideias de alunos desde ideias incoerentes e alternativas

professor (a), acompanhar a progressão do (da) estudante, no desenvolvimento de competências, como mobilização dos saberes dialogados e expostos em aula. Essa experiência pedagógica podendo ser desenvolvida na etapa do Ensino Fundamental nos anos finais, na área de ciências humanas e sociais, de forma interdisciplinar. A aula oficina está organizada em quatro momentos: iniciando com o planejamento; a apresentação da oficina; o desenvolvimento das atividades propostas e avaliação da oficina. Seguimos o modelo de organização disposto na oficina 1 sobre as crianças.

**Quadro I: 1º Momento – Planejamento da Aula-oficina**

<b>Planejamento</b>		
Aula-oficina sobre as <b>Mulheres Paraguai/Guasu</b>		
Escola Estadual XXX		
<b>Professor (a)</b> XXX	<b>Planejamento Diário</b> Data: xx/xx/xx	<b>Turma</b> 8º Ano
<b>Aulas</b> 3 Tempos de 50min	<b>Atividades</b> 1 – Registros 2- Atividade avaliativa	<b>Recursos Necessários</b> 1 - Data Show; 2 - HQs; 100 - Cópias de atividades
<b>Objetos de Conhecimento</b> A compreensão sobre a presença das mulheres na Guerra do Paraguai/ <i>Guasu</i>		
<b>Habilidades</b>		<b>Competências</b>
<b>Ciências Humanas e Sociais Aplicadas</b> (EMIFCHSA03) “Selecionar e sistematizar, com base em estudos e/ou pesquisas (bibliográfica, exploratória, de campo,		Esta unidade se consubstancia a partir das seguintes competências gerais: <b>Competência 1.</b> “Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e

até às relativamente válidas. 3. Desenho, planejamento e implementação de uma unidade temática tendo em conta um refinamento progressivo das ideias históricas dos alunos previamente diagnosticadas. 4. Recolha de dados sobre as ideias dos alunos a posteriori, aplicando o mesmo instrumento do momento inicial. 5. Aplicação de um instrumento de metacognição aos alunos para monitorizar o processo de ensino e aprendizagem BARCA, Isabel. Ideias chave para a educação histórica: uma busca de (inter) identidades. **História Revista, Goiânia**, v. 17, n. 1, 2012, p. 47.

<p>experimental etc.) em fontes confiáveis, informações sobre temas e processos de natureza histórica, social, econômica, filosófica, política e/ou cultural, em âmbito local, regional, nacional e/ou global, identificando os diversos pontos de vista e posicionando-se mediante argumentação, com o cuidado de citar as fontes dos recursos utilizados na pesquisa e buscando apresentar conclusões com o uso de diferentes mídias”.</p>	<p>explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva”.</p> <p><b>Competência 2.</b> “Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas”.</p>
<b>Avaliação</b>	<p>A avaliação é processual e supõe o desenvolvimento de todas as atividades previstas nesta unidade curricular.</p> <p>Ao avaliar, o (a) professor (a) deve verificar se as produções do (da) estudante:</p> <p>atendem ao tema delimitado;</p> <p>b) expressam de forma adequada as informações e a contextualização;</p> <p>c) apresentam justificativas e argumentos que sustentam a conclusão;</p> <p>pautam informações pertinentes e diversificadas.</p>
<b>2º Momento</b>	Apresentação da Oficina aos (as) estudantes.
<b>3º Momento</b>	Desenvolvimento das atividades propostas.
<b>4º Momento</b>	Avaliação da oficina.

Fonte: elaborado pela autora, 2022.

O quadro acima pode servir como um modelo de ficha de registro ao docente. Apresenta seguir alguns questionamentos que podem servir para que o/a docente inicie a apresentação da oficina aos/às estudantes.

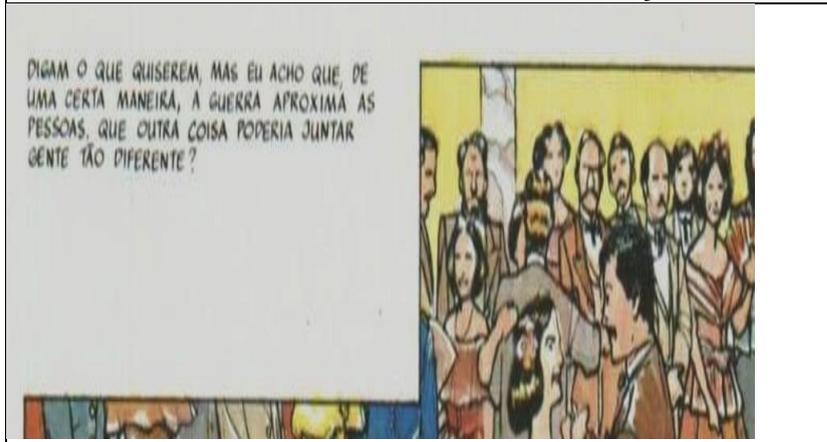
#### 2º Momento - Apresentação da Oficina aos (as) estudantes

Comece perguntando para os/as alunos (as) sobre quais HQs eles/as conhecem e de quais gostam. Procure perceber o estilo favorito da classe, para poder contemplá-lo e, ao mesmo tempo, ampliar o universo de possibilidades. Pergunte também se sabem onde, para além dos gibis, são publicadas as HQs (jornais, internet, entre outros). Explique para eles (as) que as HQs, tal como as conhecemos hoje, surgiram no final do século XIX nos EUA, como uma das modificações efetivadas pelos jornais como forma de atrair novos/as leitores/as, visando, sobretudo, ao público juvenil, cada vez mais as HQs são fontes inspiradoras para animações, filmes, séries entre outras.

### 3º Momento - Desenvolvimento das atividades propostas

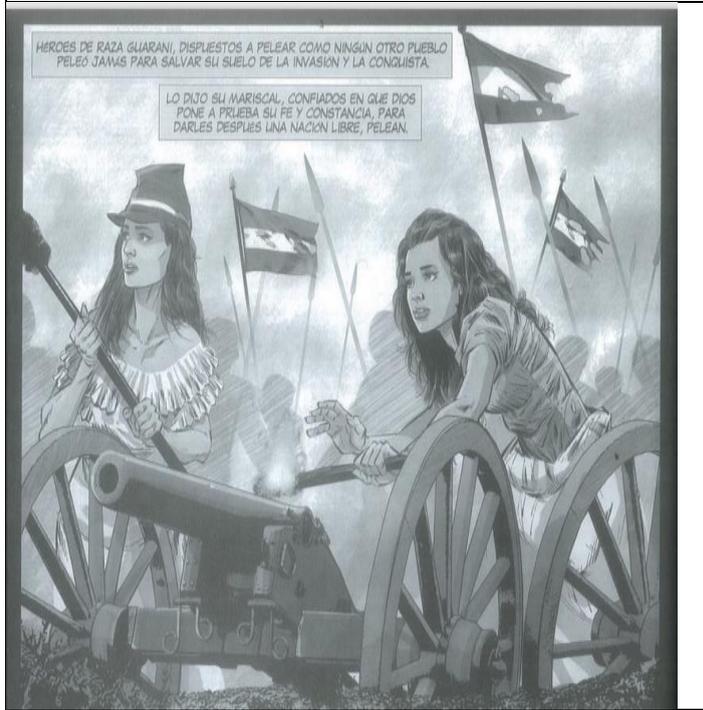
No terceiro momento, quando ocorrerá o desenvolvimento da oficina é de suma importância o acompanhamento pelo (a) professor (a) junto aos (as) estudantes, sanando possíveis dúvidas. Sugerimos também o registro fotográfico da realização da atividade. Observeos quadrinhos abaixo, eles fazem parte da Aula-oficina: **Mulheres na Guerra do Paraguai/Guasu**. Com base no texto: *A presença das mulheres na Guerra do Paraguai/Guasu*, discutido em sala de aula. Responda as questões a seguir:

<p><b>Quadro 1:</b> Grupo de mulheres em direção ao general local, dispostas a lutarem pelo país.</p>	<p>Questões norteadoras</p>
	<p>a) Antes de iniciar a guerra, quais eram as condições de vida das mulheres paraguaias?</p> <p>b) O Quadro em destaque representa uma situação comum durante a guerra. Comente sobre o quadro.</p>
<p>Fonte: PERTILE, Enzo. <b>Guerra contra la Triple Alianza: vencer o morir</b>. Asunción (PY): Editora: ServiLibro. 2011. p.11</p>	

<p><b>Quadro 2:</b> Baile/festa na cidade do Rio de Janeiro. Mulheres com trajes de festa.</p>	<p>Questões norteadoras</p>
	<p>c) O quadrinho em destaque faz parte da HQ brasileira. Comente sobre o diálogo do personagem, sobre os figurinos dos personagens e a figura da mulher.</p>
<p>Fonte: TORAL, André. <b>Adeus, amigo brasileiro: Uma história da Guerra do Paraguai</b>. Companhia das Letras, 2008, p.4</p>	

<p><b>Quadro 3:</b> Grupo de mulheres em direção ao general local, dispostas a lutarem pelo país.</p>	<p>Questões norteadoras</p>
	<p>No quadrinho em destaque as personagens femininas dialogam com o um oficial.</p>
<p>Fonte: PERTILE, Enzo. <b>Guerra contra la Triple Alianza: vencer o morir.</b> Asunción (PY): Editora: ServiLibro. 2011. p.14</p>	

<p><b>Quadro 4:</b> Pessoas dialogando no baile/festa. A figura feminina em primeiro plano.</p>	<p>Questões norteadoras</p>
	<p>No quadrinho o autor reflete sobre uma situação que era comum na guerra. Reflita sobre a figura da mulher nesse caso, quais as condições lhe foram impostas.</p>
<p>Fonte: TORAL, André. <b>Adeus, amigo brasileiro: Uma história da Guerra do Paraguai.</b> Companhia das Letras, 2008, p.15</p>	

<p><b>Quadro 5:</b> Mulheres utilizando armamentos durante o conflito, mesmo sem preparação ou roupas adequadas.</p>	<p>Questões norteadoras</p>
 <p>HEROES DE RAZA GUARANI, DISPUESTOS A PELEAR COMO NINGUN OTRO PUEBLO PELEO JAMAS PARA SALVAR SU SUELO DE LA INVASION Y LA CONQUISTA.</p> <p>LO DIJO SU MARISCAL, CONFIADOS EN QUE DIOS PONE A PRUEBA SU FE Y CONSTANCIA, PARA DARLES DESPUES UNA NACION LIBRE, PELEAN.</p>	<p>O quadrinho paraguaio retrata mulheres em condição de ataque. E as outras mulheres sobreviventes, além das que lutavam na linha de frente, que problemas e desafios elas enfrentavam no decorrer da guerra?</p>
<p>Fonte: PERTILE, Enzo. <b>Guerra contra la Triple Alianza:</b> vencer o morir. Asunción (PY): Editora: ServiLibro. 2011. p.11</p>	

<p><b>Quadro 6:</b> posa de Silvino, ao saber que o companheiro foi capturado para lutar na guerra. Ela ficou sozinha e grávida.</p>	<p>Questões norteadoras</p>
 <p>SILVINO FALOU A VERDADE. ALÉM DE JAGUNÇO, ERA TRABALHADOR: DEIXOU MULHER GRÁVIDA E A VACA MOCHA PARIDA. AINDA VEREMOS ISSO: MULHERES QUE FICAM, SAUDADES...</p>	<p>No quadrinho, brasileiro em destaque temos uma mulher grávida, que não terá apoio do parceiro para criar o/a filho/a, pois o companheiro foi levado a força para a guerra. Essa situação era comum no período de guerra?</p>
<p>Fonte: PERTILE, Enzo. <b>Guerra contra la Triple Alianza:</b> vencer o morir. Asunción (PY): Editora: ServiLibro. 2011. p.13</p>	

<p style="text-align: center;"><b>Quadro 7:</b> Encontro amoroso de uma jovem atriz com Jorge, momentos antes do início da guerra.</p>	<p>Questões norteadoras</p>
 <p>AI ESTÁ O NOSSO "POBRE RAPAZ", METIDO NOS LENÇÓIS DE UMA ARTISTA QUE REENCONTRARA NUM SARAU DANÇANTE NO ULISSÉIA. APESAR DE ABENÇOADO COM OS FAVORES DE TÃO LINDA DAMA (E MA' CANTORA), JORGE MOSTRA-SE SOMBRIO. TREJEITOS, CARETAS E BEIJINHOS NÃO FORAM SUFICIENTES PARA FAZÊ-LO FICAR.</p>	<p>Nesse quadro, a figura da mulher aparece num contexto diferente, longe da guerra, alheia as informações sobre o início da guerra. Houve personagens femininas brasileiras em contexto de guerra.</p>
<p>Fonte: TORAL, André. <b>Adeus, amigo brasileiro:</b> Uma história da Guerra do Paraguai. Companhia das Letras, 2008, p.22</p>	

Na sequência da atividade descrita como o “quarto momento”, propomos realizar uma avaliação da oficina de acordo com os critérios pré-estabelecidos pelo (a) professor (a) no planejamento. A avaliação da oficina permite ao (a) professor (a) verificar os conhecimentos adquiridos pelos (as) estudantes no desenvolvimento da atividade. Abaixo elaboramos uma atividade avaliativa como exemplo, acreditamos que pode servir como material de apoio ao (a) professor (a). A avaliação é processual e supõe o desenvolvimento de todas as atividades previstas nesta unidade curricular. No segundo momento da oficina, os/as estudantes serão orientados a realizarem a leitura de um texto sobre a presença feminina durante a guerra. É importante o acompanhamento do (a) professor (a) nessa atividade promovendo diálogo sobre a importância de pesquisas acerca dos grupos sociais, considerados silenciados pela historiografia tradicional. Apresentação das HQs<sup>177183</sup> e introdução sobre temática a Guerra do

<sup>177</sup> As obras são protegidas por direitos autorais. Lei 9.610/1998. Por isso, nas oficinas vamos trabalhar com pequenos trechos (quadros) das HQs. Entendemos que essa não é uma condição ideal de aprendizado para os/as estudantes, pois acreditamos que o acesso a obra integral proporciona um entendimento mais amplo sobre a temática da guerra. Por isso, é importante enviar a direção escolar, um pedido por escrito para que a direção via

Paraguai/Guerra Guasu. Antes de iniciar a aula, é importante destacar com os/as estudantes que irão ler uma HQ histórica, sobre a Guerra do Paraguai/Guerra Guasu. Retome com eles o que já foi abordado sobre a temática. Esta oficina tem como objetivo evidenciar a expressiva participação das mulheres na Guerra do Paraguai/Guasu (1864 -1870). Nesse contexto, discutiremos a partir da historiografia da guerra, como esse grupo social foi representado. A partir desse diálogo propomos a comparação sobre a das HQs.

<b>Atividade Avaliativa</b>
As mulheres protagonistas na Guerra do Paraguai / Guerra Guasu Vamos relacionar os quadrinhos.
<b>Nome:</b>
<b>Questões norteadoras</b>
1 - Com base na leitura dos quadrinhos <b>5</b> e <b>1</b> , porque as mulheres não tinham roupas adequadas para lutarem na guerra? Descreva como elas estavam vestidas.
2 – No Quadrinho <b>6</b> , nos deparamos com a esposa de Silvino, mas o autor não ressaltou o nome dessa personagem. Ele a identificou apenas como esposa. Reescreva o texto para esse quadro, sugerimos que você escolha um nome para essa personagem e registre os possíveis sentimentos dela ao saber da notícia que ficaria sem a ajuda do companheiro para criar a criança.
3 – No quadrinho <b>7</b> , ao fazermos a leitura do quadro, encontramos uma artista que o segundo autor parece estar alheia a guerra e apenas envolvida com o personagem, imagine essa personagem como uma artista que teve oportunidade de retratar algumas cenas da guerra e reescreva o texto desse quadro.
4 – No Quadrinho <b>3</b> , uma mulher dialoga com o capitão sobre a vontade daquele grupo em lutar, escreva qual fala demonstra o desejo de lutar e o motivo daquele grupo para tal ato?
5 – Nos quadrinhos <b>2</b> e <b>4</b> , podemos observar uma realidade festiva de algumas mulheres brasileiras. Após a leitura e observação das cenas, escreva sobre o dia-a-dia das mulheres nas
frentes de batalha, destacando a luta pela sobrevivência, a luta contra as agressões, realidades distintas dessas expostas pelo autor brasileiro.

\*\*Essa aula faz parte de uma oficina dividida em dois momentos. Por isso, os registros das discussões são importantes para que o/a professor/a tenha condições de acompanhar a progressão das discussões entre os/as estudantes. Cada aula valerá 1 registro.

\*\*Após os (as) estudantes realizarem as anotações na ficha avaliativa.

**Fonte:** Elaborada pela autora, 2022

Essa atividade foi realizada com o objetivo de relacionar os quadrinhos e a temática em destaque: A presença das mulheres na guerra Guasu. Dessa forma, pode ser utilizada ou reestruturada de acordo com o roteiro que o/a docente esteja trabalhando em sala de aula. A seguir estruturamos uma aula-oficina sobre os fragmentos do cotidiano.

### **3.1.4 Oficina 3: Fragmentos do Cotidiano na Guerra do Paraguai/Guasú.**

As adversidades vivenciadas no cotidiano da guerra impulsionaram uma reinscrição das fronteiras entre Brasil, Paraguai, Argentina e Uruguai. Nesse contexto de mudanças, questões como as identidades diante dos assombros do conflito surgem como objeto de pesquisa.

Nesse contexto, a sociedade escravista e o governo imperial perceberam que apenas com seu contingente de soldados não venceriam a guerra. Houve nesse sentido uma transformação social, a pessoa negra que trabalhava como mão-de-obra escrava passou a dividir os espaços do campo de batalha com outras pessoas pertencentes aos grupos escravistas.

Os pelotões começaram a dar indícios de grandes baixas já em 1866, e o desafio do recrutamento tornou-se uma realidade. O governo tentou por meio de uma campanha oficial realizar o recrutamento de gente, de forma coercitiva ou por vontade própria, de sujeitos indígenas, escravizados e libertos. Destacar a participação desses/as sujeitos/as significa entre outras coisas, romper com as representações forjadas pela então historiografia revisionista, que os colocava como personagens “bucha de canhão”, servindo como um muro humano de proteção ou coadjuvantes na guerra. Como afirma a autora, Vanessa Lehmkuhl no trecho a seguir:

O batalhão de voluntários era composto por muitos negros, que chegaram aos campos de batalha de diversas formas. Uma delas foi o decreto n.º 2.725, de 6 de novembro de 1865, que libertava os escravos que quisessem participar da guerra. Muitos negros encararam o conflito com o Paraguai Como a única oportunidade de conseguir a liberdade. Outros foram levados à força para o conflito. Muitos eram obrigados a ir à guerra por serem considerados turbulentos, como alguns mestres de capoeira de Salvador<sup>178</sup>.

<sup>178</sup> PEDRO, Vanessa Lehmkuhl. **Morte e liberdade na guerra do outro**: os negros em narrativas sobre a Guerra do Paraguai. 2001. p.16.

Essa estratégia do governo gerou desgastes e pressões entre o império, a igreja católica, os cafeicultores e os senhores de engenho, que não queriam abrir mão de seus escravos. Esses grupos negociavam junto ao império formas de lucrarem ou comercializarem aqueles sujeitos/as que não eram libertos, para lutarem no conflito.

Outro grupo de sujeitos/as que tiveram papéis foram os indígenas. Estes/as conheciam os recursos disponíveis para se alimentarem e, tinham o conhecimento geográfico no interior das matas e dos rios. Como afirmam os autores, Vargas e Esselin:

Antes que as tropas do exército paraguaio chegassem ao forte de Miranda, ele foi abandonado pelos militares e o depósito de artigos bélicos ficou entregue ao saque dos nativos aldeados nas proximidades. Antes de cair em poder dos paraguaios, como fatalmente aconteceria, os Terena, Laiana, Kinikinau, Kadiwéu e Baquio trataram de se prover de espingardas, clavinas e de quanta pólvora e bala quanto pudessem carregar. Munição de que dispuseram em abundância durante todo o tempo de ocupação do território<sup>179</sup>.

Esses grupos mencionados, ainda que de forma pouco aprofundada nesse espaço, foram sujeitos/as subalternizados/as na historiografia brasileira e paraguaia. Para que essas discussões sejam incorporadas e ampliadas, deixamos aqui essas duas temáticas para possíveis trabalhos com as HQs ou outras fontes.

A partir do momento que foram tocados (as) pela guerra, que viveram nos limites do conflito, segundo Homi Bhabha, o outro se torna descentralizado e deslocado<sup>180186</sup> daquele/a que havia iniciado no conflito. A partir dessa reflexão, compreendemos que o contexto de guerra não se restringiu somente em enfrentamentos bélicos.

Por exemplo, as doenças assolavam as pessoas, a falta de água e alimentos, por vezes matavam mais que as balas trocadas entre os beligerantes. Os corpos empilhavam-se, e a prática de queimar os cadáveres tornou-se a mais viável dada às condições de fugas e proteção em meio aos ataques. Ação que de alguma forma ajudava os sobreviventes a manterem a sanidade dos locais. Como aponta a autora Dourado:

[...] a presença de enfermidades nos campos de batalhas foi também o produto das extremas condições de vida, das exposições de soldados e civis ao clima, da falta de medicamentos, de alimentos; que causou desnutrição e, portanto, propensão a doenças, assim como outras carências que se impuseram durante a guerra. A aparição de pestes tampouco pode atribuir-se à casualidade. A escassa alimentação, os milhares de cadáveres insepultos, as más condições higiênicas, a enorme quantidade de bactérias que assolavam o acampamento

<sup>179</sup> BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis & Gláucia Rente Gonçalves. Belo Horizonte: Ed UFMG, 1998. p.53

<sup>180 185</sup> ESSELIN, Paulo Marcos; VARGAS, Vera Lúcia Ferreira. A participação dos indígenas da banda meridional da capitania de Mato Grosso na Guerra do Paraguai. **História: debates e tendências**, v. 15, n. 2, 2015. p. 373.

e campos de batalha contribuíram para a imensa mortandade que existiram durante a campanha<sup>181187</sup>.

A precariedade na alimentação também fazia parte do cotidiano de muitas pessoas envolvidas no conflito. O principal alimento consumido nos acampamentos era a carne de gado. Mas aos poucos os rebanhos foram diminuindo e quando chegavam outros alimentos eram insuficientes.

O comércio era disputado por homens e mulheres. No cotidiano da guerra, o comércio não era um ramo exclusivamente feito por mulheres, muito menos de acesso a todos (as). Existia certa variedade de produtos como: armamentos, medicamentos, tecidos, alimentos, aguardente, entre outros, para quem pudesse comprar.

A religiosidade também teve destaque na guerra. As pessoas procuravam um amparo emocional e espiritual com os representantes religiosos. A igreja católica teve forte influência no contexto de guerra, como afirmam os autores:

A presença da Igreja Católica estava associada à catequese indígena, à assistência religiosa aos militares e a seus familiares e à política de manutenção e de expansão das fronteiras. As missões indígenas tinham uma função estratégica e política, pois povoavam as fronteiras, auxiliavam no abastecimento das guarnições militares e forneciam soldados para a defesa das possessões lusas<sup>182</sup>

Também fazia parte do cotidiano da guerra a fotografia e o Daguerreótipo que foram ferramentas importantes utilizadas para o registro de cenas no decorrer do conflito. Pois a guerra do Paraguai não teve o apoio popular, o que de certa forma prejudicou os artistas que trabalhavam vendendo os retratos da guerra. Todavia, em 1839 com a invenção de um instrumento chamado daguerreótipo viabilizou o trabalho de impressão das fotografias. Possibilitando pessoas se especializarem e obterem um trabalho nesse ramo, como afirma o autor André Toral, no texto a seguir:

A iconografia da guerra era feita por um mercado produtor de imagens que experimentava, desde a década de 1850, uma notável expansão e diversificação de seus produtos. A fotografia em papel (os carte-de-visite) gerou uma popularização do registro fotográfico a um público que não tinha acesso a um daguerreótipo ou a uma pintura<sup>183</sup>

O equipamento chegou ao Brasil em 1847 e funcionava em três oficinas especializadas no

<sup>181</sup> DOURADO, Maria Teresa Garritano. Doentes e famintos: cotidiano de um soldado na Guerra do Paraguai, 1864-1870. **Simpósio Nacional de História**, v. 26, 2011. p.03.

<sup>182</sup> SQUINELO, Ana Paula; MARIN, Jérri Roberto. Pela salvação das almas: a presença de religiosos nos campos de batalha da Guerra do Paraguai. **Revista Territórios e Fronteiras**, v. 7, p. 183-211, 2014.

<sup>183</sup> TORAL, André Amaral de. Entre retratos e cadáveres: a fotografia na Guerra do Paraguai. **Revista Brasileira de História**, v. 19, p. 284 1999.

Rio de Janeiro. Os daguerretipistas, como eram chamadas as pessoas que trabalhavam com a máquina, pois eram poucos que possuíam a máquina. Aprimoraram a técnica que foi chamada de dobradinha, e a partir daí era possível multiplicar as fotografias. Fazer um retrato antes do equipamento era um privilégio de poucos.

Nos anos seguintes, em 1854, tornou-se costume compartilhar o cartão de visita entre amigos e parentes. O costume popularizou as fotografias. Das trocas de cartões surgiu a necessidade de se pensar na melhor forma de acondicioná-las, assim, surgiram os álbuns fotográficos. Outro ponto interessante foi a quantidade de pessoas que trabalhavam com fotografia e os estúdios aumentaram exponencialmente ao longo dos anos.

No cenário da guerra do Paraguai/*Guasu* não foi diferente, todos os países envolvidos receberam a visita desses profissionais. Eles se anunciavam como parte da imprensa e depois faziam as fotos.

A experiência das trocas de cartões e a expansão dos estúdios e fotógrafos possibilitou que durante a guerra fossem feitos vários registros de várias perspectivas sobre o conflito. Esses cartões compõem uma parte documental importante para o entendimento sobre aquele contexto. Assim, o ramo da fotografia tornou-se atividade comercial em vários países. No Brasil, D. Pedro II, que era fotógrafo amador e colecionador, não apoiou muito a atividade. Segundo o autor André Toral, o imperador agiu como mecena em relação ao trabalho do francês Victor Frond, que tinha como projeto viajar aos recôncavos do país para fazer fotos<sup>190</sup>.

É em um contexto de patriotismo que os fotógrafos registram no interior dos países aliados as movimentações em prol da guerra, algumas fotografias não foram identificadas, seguem no anonimato. Diversos retratos dos soldados e prisioneiros paraguaios foram feitos no final da guerra.

As crianças também foram retratadas na guerra, com rifles e barba postiça. Quando tinham seus corpos queimados ou eram encontradas mortas, a utilização da fotografia como instrumento político de denúncia e apelo social era empregado. Como uma forma de provarem o quanto o governo ditatorial de Lopez solapava a população para manter-se no poder. Um estúdio que se destacou muito com retratos diversos da guerra foram os Bate & cia, a companhia produziu um número considerável de material referente a guerra.

Os fotógrafos da guerra relatavam a dificuldade que era viver nos campos, uma condição totalmente diferente das cidades. Os transportes se davam em carros de boi, e os fotógrafos ficavam em instalações precárias. Até aquele momento não tinha fotos das tropas. Esse movimento começou a mudar, com cartões de visitas das tropas e dos inimigos.

A situação incerta e indeterminada do conflito, intensificou ainda mais a penúria e a falta de alimentos aos sobreviventes. Estes por sua vez, mal nutridos, quando eram contagiados por alguma doença e infecções, não tinham energia nem condições mínimas para sobreviverem, a fome e as doenças faziam um par nefasto nos palcos de guerra, como aponta a autora, Maria Dourado, no texto a seguir:

Com a fome veio a desnutrição calórica-proteica que leva à baixa nas defesas naturais do organismo e ao conseqüente favorecimento no aparecimento das doenças infecciosas<sup>191</sup>. [...]

Nesse cenário insalubre, havia também falta de estrutura para cuidar dos feridos e doentes. Assim como, ausência de infraestrutura (uniformes, barracas, armamentos e remédios). Como afirma, Dourado:

Nos hospitais militares, emanava das salas lotadas de moribundos um odor pútrido, fétido, proveniente dos tecidos necróticos e infectados, muitas vezes pelas técnicas cirúrgicas empregadas sem a menor noção de assepsia. A água para os curativos com algumas gotas de ácido fênico, muito vermelho, vinha em uma bacia de ferro, que passava por centenas de feridos, até de gangrenosos (2014, p.155, grifos nossos).

Objetivou-se nesse texto evidenciar fatores do cotidiano vivenciados pelos diversos grupos de pessoas envolvidos na Guerra do Paraguai/Guasu, como a fome, as doenças, ausência de infraestrutura (uniformes, barracas, armamentos), religiosidade, e o comércio. A partir desse diálogo propomos a análise e comparação sobre aspectos do cotidiano nas HQs.

### **3.1.4.1 Proposta de Aula-Oficina utilizando as HQs**

A partir das discussões levantadas sobre as condições das mulheres no *front* de guerra, propomos uma aula-oficina<sup>192</sup> que segundo a pesquisadora Isabel Barca, possibilita ao (a) professor (a), acompanhar a progressão do (da) estudante, no desenvolvimento de competências como mobilização dos saberes dialogados e expostos em aula. Essa experiência pedagógica podendo ser desenvolvida na etapa do Ensino Fundamental nos anos finais, na área de ciências humanas e sociais, de forma interdisciplinar. A aula oficina está organizada em quatro momentos: iniciando com o planejamento; a apresentação da oficina; o desenvolvimento das atividades propostas e avaliação da oficina. Seguimos o modelo de organização disposto na oficina 1 sobre as crianças. Dessa forma, apresentaremos nessa oficina o texto introdutório ao professor (a) e alguns questionamentos sobre essa temática.

#### **Quadro I: 1º Momento – Planejamento da Aula-oficina**

<b>Aulas</b> 3 Tempos de 50min	<b>Atividades</b> 1 – Registros 2- Atividade avaliativa	<b>Recursos Necessários</b> 1 - Data Show; 2 - HQs; 100 - Cópias de atividades
<b>Objetos de Conhecimento</b>		
A compreensão sobre a presença das mulheres na Guerra do Paraguai/ <i>Guasu</i>		
<b>Habilidades</b>		<b>Competências</b>
<b>Ciências Humanas e Sociais Aplicadas</b> (EMIFCHSA03) “Selecionar e sistematizar, com base em estudos e/ou pesquisas (bibliográfica, exploratória, de campo, experimental etc.) em fontes confiáveis, informações sobre temas e processos de natureza histórica, social, econômica, filosófica, política e/ou cultural, em âmbito local, regional, nacional e/ou global, identificando os diversos pontos de vista e posicionando-se mediante argumentação, com o cuidado de citar as fontes dos recursos		Esta unidade se consubstancia a partir das seguintes competências gerais: <b>Competência 1.</b> “Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva”. <b>Competência 2.</b> “Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a
utilizados na pesquisa e buscando apresentar conclusões com o uso de diferentes mídias”.		criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas”.
<b>Avaliação</b>	A avaliação é processual e supõe o desenvolvimento de todas as atividades previstas nesta unidade curricular. Ao avaliar, o (a) professor (a) deve verificar se as produções do (da) estudante: atendem ao tema delimitado; b) expressam de forma adequada as informações e a contextualização; c) apresentam justificativas e argumentos que sustentam a conclusão; pautam informações pertinentes e diversificadas.	
<b>2º Momento</b>	Apresentação da Oficina aos (as) estudantes.	
<b>3º Momento</b>	Desenvolvimento das atividades propostas.	
<b>4º Momento</b>	Avaliação da oficina.	

**Fonte:** elaborado pela autora, 2022.

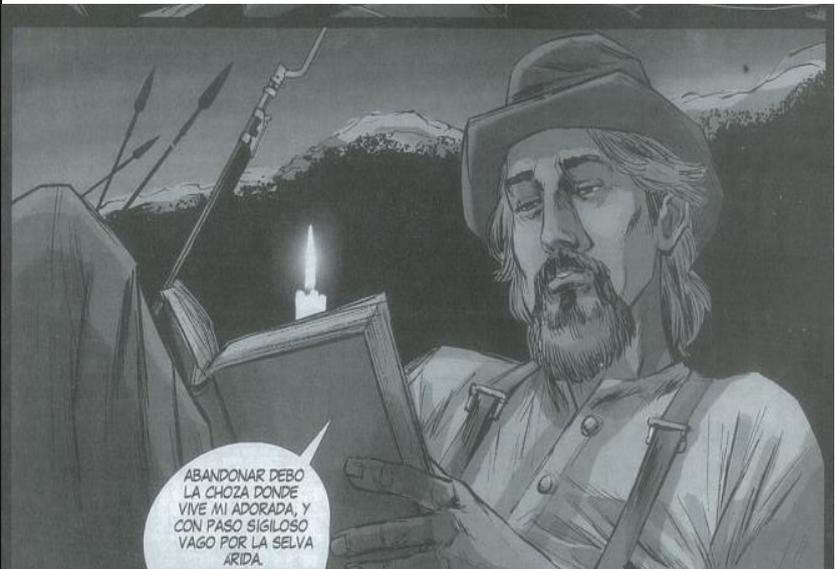
## 2º Momento - Apresentação da Oficina aos (as) estudantes

Comece perguntando para os/as alunos (as) sobre quais HQs eles/as conhecem e de quais gostam. Procure perceber o estilo favorito da classe, para poder contemplá-lo e, ao mesmo tempo, ampliar o universo de possibilidades. Pergunte também se sabem onde, para além dos gibis, são publicadas as HQs (jornais, internet, entre outros). Explique para eles (as) que as HQs, tal como

as conhecemos hoje, surgiram no final do século XIX nos EUA, como uma das modificações efetivadas pelos jornais como forma de atrair novos/as leitores/as, visando, sobretudo, ao público juvenil, cada vez mais as HQs são fontes inspiradoras para animações, filmes, séries entre outras.

### 3º Momento - Desenvolvimento das atividades propostas

No terceiro momento, quando ocorrerá o desenvolvimento da oficina é de suma importância o acompanhamento pelo (a) professor (a) junto aos (as) estudantes, sanando possíveis dúvidas. Sugerimos também o registro fotográfico da realização da atividade. Observe os quadrinhos abaixo, eles fazem parte da Aula-oficina: **Cotidiano na Guerra do Paraguai/Guasú**. Com base no texto, Fragmentos do Cotidiano na Guerra do Paraguai/Guasú Responda as questões a seguir:

Quadro 1: Soldado paraguaio lendo à luz de vela.	Questões norteadoras
 <p>ABANDONAR DEBO LA CHOZA DONDE VIVE MI ADORADA, Y CON PASO SIGILOSO VAGO POR LA SELVA ARIDA.</p>	<p>c) O quadrinho em destaque faz parte da HQ Paraguaia. Comente sobre o diálogo do personagem exposto no balão, sobre o figurino do personagem, e o cenário onde a cena ocorre.</p>
<p>Fonte: PERTILE, Enzo. <b>Guerra contra la Triple Alianza: vencer o morir</b>. Asunción (PY): Editora: ServiLibro. 2011. p.35</p>	

Quadro 2: Publicação de uma charge num jornal Paraguaio Cabichuí durante o conflito.	Questões norteadoras
	<p>b) O Quadro em destaque representa uma situação comum durante a guerra. Comente sobre qual seria a intenção dessa charge em relação as</p>

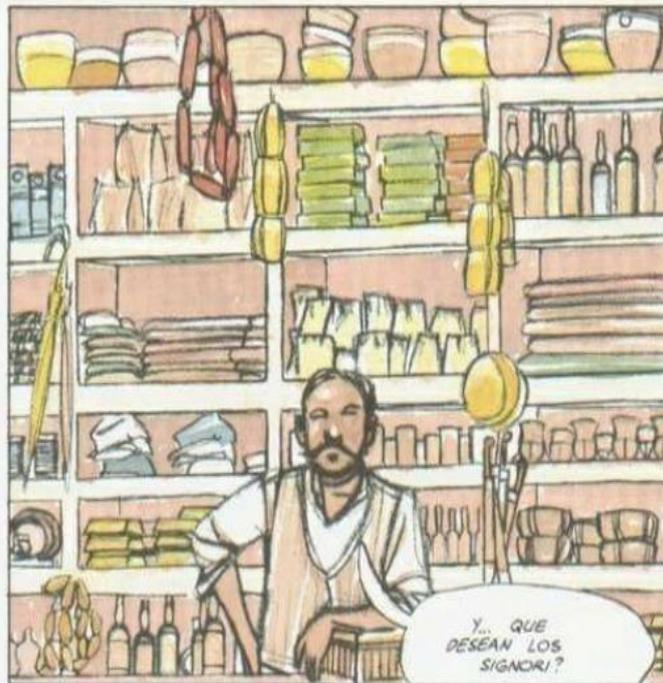


NESSE CLIMA, ATÉ O JORNAL DO EXÉRCITO PARAGUAIO, O CABICHUI, APARECIA NOS ACAMPAMENTOS ALIADOS. ALI ESTAVA CAXIAS, CONDUZINDO AQUELA GUERRA INTERMINÁVEL MONTADO NUMA TARTARUGA.

tropas brasileiras.

Fonte: TORAL, André. **Adeus, chamigo brasileiro:** Uma história da Guerra do Paraguai. Companhia das Letras, 2008, p.58

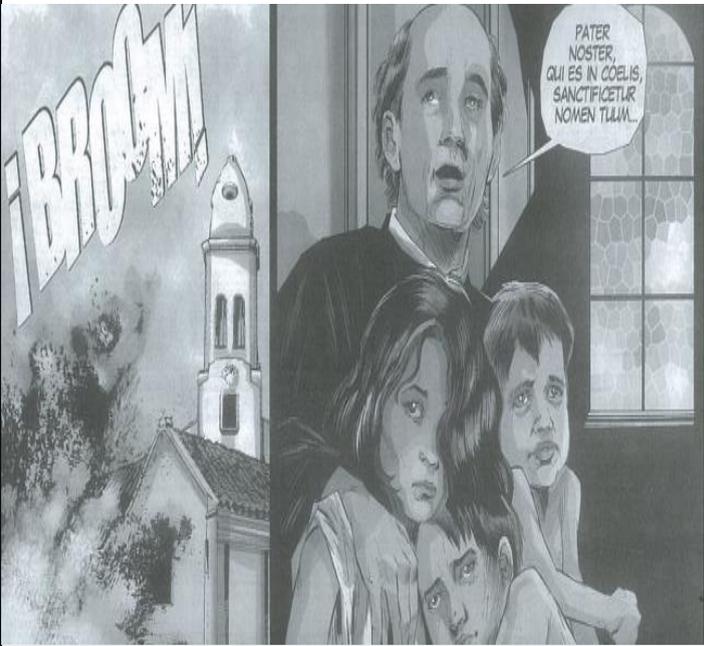
**Quadro 3:**  
Mercearia/venda com produtos/alimentícios sortidos e bebidas alcoólicas.



Fonte: TORAL, André. **Adeus, chamigo brasileiro:** Uma história da Guerra do Paraguai. Companhia das Letras, 2008, p.32

Questões norteadoras

c) O quadrinho em destaque apresenta um comércio. Escreva qual era a importância desse estabelecimento para as pessoas durante o conflito, quem poderia ter acesso, quais produtos eram vendidos.

<p><b>Quadro 4:</b> Padre abriga crianças no interior da igreja para se protegerem da guerra.</p>	<p>Questões norteadoras</p>
	<p>D) O quadrinho em destaque apresenta uma figura religiosa protegendo algumas crianças. Escreva sobre a importância da religiosidade no conflito.</p>
<p>Fonte: PERTILE, Enzo. <b>Guerra contra la Triple Alianza:</b> vencer o morir. Asunción (PY): Editora: ServiLibro. 2011. p.47</p>	

<p><b>Quadro 5:</b> Grupo de soldados em confraternização.</p>	<p>Questões norteadoras</p>
	<p>c) O quadrinho em destaque apresenta um grupo de soldados em um momento de confraternização. Escreva o que aparenta estar ocorrendo nesta cena, a postura dos soldados e o instrumento musical utilizado no conflito?</p>
<p>Fonte: TORAL, André. <b>Adeus, amigo brasileiro:</b> Uma história da Guerra do Paraguai. Companhia das Letras, 2008, p.35</p>	

<p><b>Quadro 6:</b> Soldados reunidos em um momento de oração</p>	<p>Questões norteadoras</p>
<p>“...VÓS SOIS DOS CÉUS, PRINCESA, E DO ESPÍRITO SANTO, ESPOSA. MARIA, MÃE DE GRAÇA, MÃE DE MISERICÓRDIA, LIVRAI-NOS DO INIMIGO E PROTEGEI-NOS NA HORA DA MORTE. AMÉM.”</p>  <p>Fonte: TORAL, André. <b>Adeus, amigo brasileiro:</b> Uma história da Guerra do Paraguai. Companhia das Letras, 2008, p.81</p>	<p>c) O quadrinho em destaque faz parte da HQ brasileira. Comente a importância da religião entre os soldados. sobre a figura da santa, o que significa a utilização dessa imagem.</p>

<p><b>Quadro 7:</b> Fotógrafo brasileiro registrando fotografias de cadáveres no conflito.</p>	<p>Questões norteadoras</p>
<p>ORA! É BOM PARA QUE VEJAM NA CORTE E EM BUENOS AIRES COMO É ESSA MALDITA GUERRA.</p>  <p>AH, E O RESPEITO JORGE? FOTOGRAFAR CADAVER É DE MAIS!</p> <p>Fonte: TORAL, André. <b>Adeus, amigo brasileiro:</b> Uma história da Guerra do Paraguai. Companhia das Letras, 2008, p.?</p>	<p>c) O quadrinho em destaque traz uma cena comum o decorrer da guerra, montanhas de cadáveres expostos. Comente sobre os problemas sanitários que esses corpos expostos causavam aos sobreviventes. também sobre o impacto das fotos dos mortos que circulavam.</p>

<b>Atividade Avaliativa</b> Cenas do cotidiano na Guerra do Paraguai / Guerra Guasu Vamos relacionar os quadrinhos.
<b>Nome:</b>
<b>Questões norteadoras</b>
1 - Com base na leitura dos quadrinhos <b>5 e 1</b> , temos alguns personagens vivendo momentos distintos na guerra, descreva o que os personagens estão fazendo.
2 – Nos Quadrinhos <b>6 e 4</b> , nos deparamos com os personagens rezando pelo fim da guerra. Qual era a importância da religião para as pessoas no contexto de guerra?
3 – No quadrinho <b>7</b> , ao fazermos a leitura do quadro, encontramos um fotógrafo retratando uma cena da guerra, qual era a importância dos registros fotográficos naquele contexto? Sobre as fotos dos cadáveres, qual impacto essas imagens causavam quando circulavam fora dos campos de batalha.
4 – No Quadrinho <b>3</b> , o autor representou como seria o comércio no contexto de guerra. Escreva sobre a importância do comércio para as pessoas durante a guerra.
5 – Nos quadrinhos <b>2</b> o autor representou como seria a imprensa que fazia a cobertura dos eventos na guerra. Escreva sobre o papel da imprensa no conflito e crie um texto para compor a charge, sobre as catástrofes que a guerra trouxe para as pessoas envolvidas.
**Essa aula faz parte de uma oficina dividida em dois momentos. Por isso, os registros das discussões são importantes para que o/a professor/a tenha condições de acompanhar a progressão das discussões entre os/as estudantes. Cada aula valerá 1 registro.
**Após os (as) estudantes realizarem as anotações na ficha avaliativa.
<b>Fonte:</b> Elaborada pela autora, 2022

Ao observarmos os quadrinhos a partir de fragmentos selecionados, com base em representações do cotidiano, como as celebrações, doenças, fomes, mortes, entre outros aspectos realizamos ainda que parcialmente, possibilitar aos/as leitores/as o acesso a um material que evidencie olhares e sujeitos sobre a guerra, outrora ignorados na historiografia tradicional.

## 4 Conclusões Finais

A historiografia sobre a Guerra do Paraguai/*Guasu* tornou-se objeto de pesquisas e disputas. Passados mais de 150 anos do fim da guerra, essa dinâmica de construção e narrativas sobre o conflito, deu-se a partir de múltiplos olhares, revelando grupos outrora silenciados. No Brasil, observamos pelo menos três fases distintas sobre o conflito, cada qual marcada pelo seu contexto de produção e reflexão. Num contexto distinto, o Paraguai evidenciou uma historiografia marcada por disputas entre os pró López e os anti-Lopiztas, passando por sucessões de governos ditatoriais e o bicentenário da independência do país, eventos que assinalaram a historiografia paraguaia. Essas perspectivas sobre o conflito, acompanharam o ambiente escolar, conforme destacaram as autoras Ana Paula Squinelo<sup>193</sup> e Vera Lucia Nowotny Dockhorn<sup>194</sup>.

Nesse contexto, a partir das leituras sobre as produções historiográficas do conflito, analisei em que medida essas perspectivas influenciaram a produção das histórias em quadrinhos: *Adeus, amigo brasileiro: Uma história da guerra do Paraguai* de André Toral (2008) e *Guerra contra la Triple Alianza: vencer o morir* de Pertile Enzo (2011), cada uma em seu contexto de produção. Acredito que as leituras das HQs, realizadas nessa pesquisa estão longe de se esgotar neste trabalho. É apenas o começo de um diálogo, para ampliar as pesquisas sobre quadrinhos na área de educação.

Na primeira etapa da minha pesquisa, após ter realizado a discussão historiográfica sobre a guerra, considerando autores (as) brasileiros (as), paraguaios (as), argentinos (as), uruguaios (as) e outros, compreendi que existiam circunstâncias conflituosas, disputas por poder econômico e territorial, pendências que desde o período colonial causavam imbróglios entre os países vizinhos no sul da América.

A partir dessas discussões, me aprofundei nas análises das HQs *Adeus, amigo brasileiro* e *Vencer ou Morrir*, que ao trazerem enredos com histórias baseadas na guerra do Paraguai/*Guasu*, podemos inferir algumas conclusões. No que se refere aos antecedentes da guerra e o chamado “estopim” da guerra, ambas HQs apresentam enredos e personagens com versões divergentes sobre o conflito e contrárias a versão que apresenta “stopins” sobre o conflito.

Na HQ nacional, o autor André Toral nos traz uma perspectiva plural sobre o conflito, dividida em dois capítulos intitulados: *Voluntários da pátria* e *Ladislau Iturbe*, junto aos personagens Silvino, Jorge e Ladislau, nos fazem pensar nos problemas de fronteiras que já existiam antes do conflito, no cotidiano da guerra, sobre as mortes devidas à fome, os problemas

internos do império brasileiro para conduzir e treinar as tropas militares, os desajustes para auxiliar as tropas em MT, a condição de violência imposta aos voluntários da pátria, a presença da imprensa e de pintores no campo de batalha produzindo obras de artes, fotografias e jornais, entre outras questões destacadas.

Por outro lado, a obra do autor Enzo Pertille nos apresenta um enredo dividido em três capítulos intitulados: La Guerra de La Triple Alianza: Piribebuy (12 de agosto de 1869), Acosta Nû (15 de agosto de 1869) e Cerro Corá (1 de março de 1870) com histórias de cunho militar, nacionalista e patriótica. Alguns personagens com características e traços europeus, diferentes da população majoritariamente indígena paraguaia. O autor nos conduz para os momentos das batalhas finais da guerra, com ênfase nos heróis da guerra, Solano López como líder absoluto da população, mesmo com um exército de crianças maltrapilhas, órfãs, desnutridas, obrigando-os a lutarem. As mulheres como soldadas que incondicionalmente lutavam pelo seu país. A presença da igreja católica como religião oficial do Paraguai. Representantes religiosos que apoiavam a população paraguaia e as crianças protegendo-as quando estavam sob ataques das tropas aliancistas, no interior das igrejas, o autor chama atenção para a violência das tropas brasileiras em relação a população paraguaia, entre outros destaques.

No terceiro capítulo, apresentamos as propostas de aula-oficina, a primeira intitulada: Mulheres no fronte da Guerra Guasu. Para tal, realizamos um planejamento de aula com referência na Base Nacional Comum Curricular (BNCC). A partir desse aporte, entendemos a necessidade de abordar sobre o contexto histórico de criação das HQs, bem como os elementos que compõem a estrutura desse objeto de estudos. Dessa forma, produzi um planejamento de aula como modelo aos professores (as), onde eles (elas) possam adequar a realidade e demandas que a turma apresenta.

Nessa oficina, esperamos que os/as estudantes tenham condições de compreender que as personagens femininas ocupam lugares distintos em cada HQ. Na obra nacional, as personagens são representadas como mães, amigas, personagens de amores platônicos, amantes, entre outras. Ou seja, ocupam um lugar secundário no contexto geral da obra, visto que os protagonistas da HQ, são três personagens masculinos. Sob outra perspectiva, a HQ paraguaia apresenta alguns pontos questionáveis em relação a características europeias nas personagens femininas, mesmo a HQ sendo em preto e branco, é possível observar a tonalidade da cor da pele e os traços corporais das personagens são distintos dos traços indígenas. No entanto, essas personagens são inseridas no contexto de combate ao lado dos homens na guerra, como heroínas paraguaias, corajosas e de forma incondicional aceitaram o desafio de lutarem pelo país e por López. A violência de gênero é apresentada como se apenas as personagens

paraguaias tivessem vivido a agressão feita pelas tropas brasileiras, a violência imposta às *residentas* não é mencionada.

Na oficina intitulada Crianças no front da guerra *Guasu*, propomos aos/às estudantes uma análise da participação e protagonismo desse grupo no conflito, sobretudo no Paraguai, onde são representadas como bravos soldados, lutando sem munições ou armas, com fome e maltrapilhos, mas com bravura e coragem, pela libertação do país das imposições e domínios aliancistas. Esperamos que os/as estudantes compreendam que as narrativas em torno desses personagens tiveram mais destaque na HQ paraguaia, nesse sentido, esses sujeitos ocupam posições distintas em cada HQ. Na HQ nacional, as crianças são representadas como irmãos e órfãos, as que foram mortas ou lutaram na guerra não são mencionadas.

Na oficina intitulada O Cotidiano da Guerra *Guasu*, procurei destacar os aspectos culturais e as dinâmicas realizadas pelas pessoas envolvidas no conflito. Nesse aspecto, ambas HQs abordam com uma riqueza de detalhes nuances sobre o dia a dia, as estruturas dos acampamentos, dos hospitais, da alimentação, do vestuário, das tecnologias em armamentos e objetos, e a construção de identidades dos sujeitos no decorrer das batalhas.

Nesse sentido, busco contribuir a partir das aulas-oficinas com narrativas que ultrapassem os discursos econômicos sobre o conflito. A partir dos sujeitos “comuns” passo a compreender e a evidenciar a importância de pesquisas que trazem a tona, o protagonismo desses/as sujeitos/as: crianças, mulheres, negros/as e escravidos num cotidiano de guerra, lutando acima de tudo pela sobrevivência, em meio ao caos e as condições nefastas geradas nopalco de guerra.

## 5 Referências bibliográficas

ARECES, Nidia R. Terror y violencia durante la Guerra del Paraguay: 'La masacre de 1869' y las familias de Concepción. **Revista Europea De Estudios Latinoamericanos Y Del Caribe/European Review of Latin American and Caribbean Studies**, 2006.

ACEVEDO, Jairo Ramos. El “Uti Possidetis” un principio americano y no europeo. **Misión. Jurídica**, v. 5, n. 5, 2012.

AZEVEDO, Renan Ramires de.; BATISTOTE, Maria Luceli Faria. Análise semiótica do texto-escultura ‘Cavaleiro Guaicuru’. **Fólio - Revista de Letras**, v. 14, n. 1, 2022.

BAHIA, Marcio. A legitimação cultural dos quadrinhos e o Programa Nacional Biblioteca da Escola: uma história inacabada. **Educação**, v. 35, n. 3, 2012.

BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. **O papel do Brasil na Bacia do Prata (da colonização ao império)**. Tese (Doutorado em Ciência Política) — Universidade de São Paulo, São Paulo, 1982.

BARATTA, Victoria. Reseña de " Los hijos de Facundo. Caudillos y montoneras en la provincia de La Rioja durante el proceso de formación del estado nacional argentino (1853-1870)" de DE LA FUENTE, Ariel. **Antíteses**, v. 1, n. 2, 2008.

BARBOSA, Alexandre. História e Quadrinhos: a coexistência da ficção e da realidade. In: VERGUEIRO, Waldomiro; RAMOS, Paulo (Org.) **Muito além dos quadrinhos: análise e reflexões sobre a 9ª arte**. São Paulo: Devir, 2009.

BARCA, Isabel. Ideias chave para a educação histórica: uma busca de (inter) identidades. **História Revista, Goiânia**, v. 17, n. 1, 2012.

BARCA, Isabel. **Literacia e consciência histórica**. Educar em revista, n. SPE, 2006.

BARROS, José D.'Assunção. História comparada: um novo modo de ver e fazer a história. **Revista de História comparada**, v. 1, n. 1, 2007.

BERTIN, Carolina. **A posmemória em Maus, de Art Spiegelman**. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. 2019.

BETHELL, Leslie; MOTA, Carlos Guilherme. **A Guerra do Paraguai: 130 anos depois**. Relume-Dumará, 1995.

BHABHA, Homi. **A questão do “outro”**: diferença, discriminação e o discurso do colonialismo. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de. Pós-modernismo e política. Rocco, 1991.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis & Gláucia Rente Gonçalves. Belo Horizonte: Ed UFMG, 1998.

BLOCH, Marc. **Comparação: história e historiadores**, Lisboa, Teorema, 1998.

CALLARI, Victor; GENTIL, Karoline Kunieda. As pesquisas sobre quadrinhos nas

universidades brasileiras: uma análise estatística do panorama geral e entre os historiadores. **Revista Cerrados**, v. 4, n. 7, 2016.

CAMPOS, Herib Caballero; FLORENTÍN, Carlos Gómes. Ciudadanos amantes de una buena causa: la campaña política de “El Semanario de Avisos y Conocimientos Útiles” durante la Guerra contra la Triple Alianza. 1865-1868. **Revista Eletrônica História em Reflexão**, v. 11, n. 22, 2017.

CANCLINI, Nestor García. **Culturas Híbridas: Estratégias Para Entrar e Sair da Modernidade**. São Paulo: Editora da USP, 2000.

CAPDEVILA, Luc. Una guerra total: Paraguay, 1864-1870. Ensayo de História del tiempo presente. **Boletín americanista**, n. 64, 2012.

CAPDEVILA, Luc. **Una guerra total: Paraguay, 1864-1870**. Ensayo de História del tiempo presente., Buenos Aires, 2010.

CARVALHO, Beatriz Sequeira de. **O processo de legitimação cultural das histórias em quadrinhos**. Mestrado em Ciências da Comunicação—Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

CARVALHO, José Murilo de. **A construção da ordem e Teatro de sombras**. Rio de Janeiro: Editorial da UFRJ/Relume Dumará, 1996.

CERQUEIRA, Dionísio. **Reminiscência da Campanha do Paraguai (1865-1870)**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1980.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Tradução Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.

CEVASCO, Maria Elisa. **Dez lições sobre estudos culturais**. Boitempo editorial, 2003.

CHIAVENATTO, Júlio José. **Genocídio Americano: a Guerra do Paraguai**. 18 ed. São Paulo: Editora. Brasiliense, 1983.

CHIAVENATO, Julio José. **Genocídio americano: a Guerra do Paraguai**. Editora Brasiliense, 1980.

CIRNE, Moacyr. **História e crítica dos quadrinhos brasileiros**. Rio de Janeiro: Europa/FUNARTE, 1990.

COLLING, Ana Maria. Os silêncios da Guerra do Paraguai: A invisibilidade do feminino. In: SQUINELO, Ana Paula (Org.). **150 anos após - a Guerra do Paraguai: entreolhares do Brasil, Paraguai, Argentina e Uruguai**. Campo Grande: Editora UFMS, 2016,

CORREIA, Victor Vitório de Barros. **História em quadrinhos, memória em quadrinhos: a representação do trauma em Maus—a história de um sobrevivente**. 2017. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco/UFPE, 2017.

CUNHA, Diogo Silva da. Usos e Abusos da Cultura. Richard Hoggart e a Cultura Vivida da

Classe Trabalhadora. **Comunicação Pública**, v. 9, n. nº16, 2014.

DIAS, Luciana Silva; SEVERO, José Leonardo Rolim de Lima. O planejamento didático na atuação de pedagogas do serviço de convivência e fortalecimento de vínculos em João Pessoa-PB. **Educ. Form.**, v. 5, n. 14, 2020.

DORATIOTO, Francisco. **A Guerra do Paraguai: 2ª Visão**. São Paulo: Brasiliense, 1991.

DORATIOTO, Francisco. **Maldita guerra: nova história da Guerra do Paraguai**. Editora Companhia das Letras, 2002.

DORATIOTO, Francisco. **O Império do Brasil e a Argentina (1822-1889)**. 2008.

DOURADO, Maria Teresa Garritano. **A história esquecida da Guerra do Paraguai: fome, doenças e penalidades**. 2014. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. 2014.

DOURADO, Maria Teresa Garritano. Doentes e famintos: cotidiano de um soldado na Guerrado Paraguai, 1864-1870. **Simpósio Nacional de História**, v. 26, 2011.

DOURADO, Maria Teresa Garritano. **Mulheres comuns, senhoras respeitáveis: a presença feminina na Guerra do Paraguai**. Editora UFMS, 2005.

DUTRA, Joatan Preis. **História & História em Quadrinhos: A utilização das HQs como fonte histórica político-social**. Monografia (Bacharelado e Licenciatura em História). Ilha de Santa Catarina (SC): UFSC, 2002.

EPIDEMIOLOGICA, Situação; DE VIGILÂNCIA, Guia. **Infecção Humana pelo Novo Coronavírus (2019-nCoV)**, 2020.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Uma introdução aos estudos culturais. **Revista Famecos**, v. 5, n. 9, p. 87-97, 1998.

ESSELIN, Paulo Marcos; VARGAS, Vera Lúcia Ferreira. A participação dos indígenas da banda meridional da capitania de Mato Grosso na Guerra do Paraguai. **História: debates e tendências**, v. 15, n. 2, p. 373, 2015.

FUENTES, Armandans, Claudio. **Acosta Ñu**. Relato de uma tragédia. Asunción: Grupo Editorial Atlas, 2021.

GELLER, Odair Eduardo. **José Bernardino Bormann, José Ignacio Garmendia e Juan Crisóstomo Centurión e a constituição narrativa da guerra contra o Paraguai**. Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, UFPR, 2018.

GILROY, Paul. **Entre Campos: Nações, Culturas e o fascínio da raça**. Annablume, 2007.

GROENSTEEN, Thierry. **O sistema dos quadrinhos**. Nova Iguaçu: Marsupial, 2015.

GROSGOUEL, Ramón. **La descolonización de la economía política y los estudios postcoloniales: transmodernidad, pensamiento fronterizo y colonialidad global**. Tabula rasa, n.4, 2006.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & realidade**, v. 22, n. 2, 1997.

HOBSBAWM, Eric. **A Era dos Extremos**. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MAESTRI, Mário. Piribebuy, a capital mártir: história, historiografia e ideologia na Guerra no Paraguai. **Estudos Ibero-Americanos**, v. 39, n. 1, 2013.

MARIN, Jérri Roberto; SQUINELO, Ana Paula. A ocupação paraguaia em Mato Grosso durante a Guerra do Paraguai. **Revista Territórios e Fronteiras**, v. 12, n. 2, 2019.

McCLOUD, Scott. **Desvendando os Quadrinhos**. São Paulo: M. Books, 2005.

MENEZES, Alfredo da Mota. **Guerra do Paraguai**. Como construímos o conflito. São Paulo: Contexto; Cuiabá, MT: Editora da Universidade Federal do Mato Grosso, 1998.

MENEZES, Alfredo Mota. **A Guerra é nossa**: a Inglaterra não provocou a Guerra do Paraguai. Editora Contexto, 2013.

MOTA, Carlos Guilherme. A Guerra contra o Paraguai: a História de um silêncio. In: MARQUES, Maria Eduarda Castro Magalhães (Org.). **A Guerra do Paraguai**: 130 anos depois. Rio de Janeiro: Relume - Dumará, 1995, p. 37-50.

MOYA, Álvaro de. **História das Histórias em Quadrinhos**. São Paulo: Brasiliense, 1996.

PEDRO, Vanessa Lehmkuhl. **Morte e liberdade na guerra do outro**: os negros em narrativas sobre a Guerra do Paraguai. 2001.

POMER, León. **La guerra del Paraguay**: gran negocio! Ediciones Caldén: Buenos Aires, Argentina, 1968.

POTTHAST, Barbara Algo más que heroínas. Várias roles y memorias femeninas de la Guerra de la triple alianza. **Diálogos - Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História**, vol. 10, n. 1, 2006.

POTTHAST, Bárbara; CARRERAS, Sandra. **Entre la familia, la sociedad y el Estado**. Niños y jóvenes en América Latina (siglos XIX-XX), 2005.

PRADO, Fabrício Pereira. **A Colônia do Sacramento**: o extremo sul da América portuguesa no século XVIII. 2002.

PRADO, Maria Ligia Coelho. PELLEGRINO, Gabriela. **História da América Latina**. São Paulo: Contexto, 2014.

RAMOS, Paulo Eduardo. **A leitura dos quadrinhos**. Editora Contexto, 2010.

REZENDE, Lucinea Aparecida de. **Leitura e formação de leitores**: vivências teórico-práticas. Londrina: Eduel, 2009.

ROCHA, Paula; SANTOS, Goiamérica. **A gênese dos estudos culturais: a contribuição e o legado de Raymond Williams.** In: Congresso Internacional de História da Universidade Federal de Goiás. 2012.

SABÓIA, V. S. M.; BARBOSA, R. P. Base Nacional Comum Curricular: competências, habilidades e o planejamento escolar. **Práticas Educativas, Memórias e Oralidades - Rev. Pemo**, [S. l.], v. 2, n. 1, 2020.

SALLES, André Mendes. A Guerra do Paraguai na historiografia brasileira: algumas considerações. **Cadernos de Aplicação**, v. 28, 2015.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **As barbas do imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos.** Companhia das Letras, 2020.

SILVA, Marilde Alves da. **A tensividade na tradução intersemiótica de contos de Moreira Campos para quadrinhos.** 2018.

SILVA, Nadilson M. Elementos para a análise das Histórias em Quadrinhos. In: XXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Campo Grande. 2001.

SQUINELO, Ana Paula; MARIN, Jérri Roberto. 150 anos da Guerra do Paraguai: projetos, comemorações e apropriações em torno da retirada da Laguna. **Revista História: Debates e Tendências**, v. 15, n. 2, 2015.

SQUINELO, Ana Paula. Revisões historiográficas: a Guerra do Paraguai nos Livros Didáticos brasileiros–PNLD 2011. **Diálogos-Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História**, v. 15, n. 1, 2011.

SQUINELO, Ana Paula. O que as narrativas didáticas de história contam sobre a Guerra Guasu 150 anos depois? Mulheres, crianças, negros e indígenas em uma mirada comparada: Brasil, Paraguai e Uruguai. **Diálogos**, v. 24, n. 3, 2020.

SQUINELO, Ana Paula. **Livro didático e paradidático de história em tempos de crise e enfrentamento: sujeitos, imagens e leituras / Ana Paula Squinelo (Org.)** Campo Grande, MS: Life Editora.2020.

SQUINELO, Ana Paula; MARIN, Jérri Roberto. Pela salvação das almas: a presença de religiosos nos campos de batalha da Guerra do Paraguai. **Revista Territórios e Fronteiras**, v. 7, p. 183-211, 2014.

TELESCA, Ignacio. **Paraguay en el centenario: la creación de la nación mestiza.** História mexicana, 2010. In. A Guerra é nossa: a Inglaterra não provocou a Guerra do Paraguai. São Paulo: Contexto, 2012.

TELESCA, Ignacio. **Paraguay en el Centenario: la creación de la nación mestiza.** Historia mexicana, 2010.

TORAL, André. **Adeus, chamigo brasileiro: Uma história da Guerra do Paraguai.** Companhia das Letras, 2008.

TORAL, André Amaral de. Entre retratos e cadáveres: a fotografia na Guerra do Paraguai.

**Revista Brasileira de História**, v. 19, p. 284 1999.

TORAL, André. **Imagens em desordem**: a iconografia da guerra do Paraguai (1864-1870). São Paulo: Humanistas. FFLCH USP, 2001.

VALINOTTI, Ana Barreto et al. **Paraguay**: ideias, representaciones & imaginarios. Secretaría Nacional de Cultura, 2011.

VALINOTTI, Ana Barreto. **Las mujeres**. Colección 150 anos de la Guerra Grande n°. 7. El Lector, Asunción, Paraguay, 2013.

VERGUEIRO, Waldomiro et al. **Como Usar as Histórias em Quadrinhos em Sala de Aula**. São Paulo: Contexto, 2006.

VERGUEIRO, Waldomiro e RAMOS, Paulo. (Org.) **Muito Além dos Quadrinhos**: análises e reflexões sobre a 9ª arte. São Paulo: Devir, 2009.

WINTER, Murillo Dias. **Imprensa periódica e a construção da identidade Oriental** (Província Cisplatina-1821-1828). Porto Alegre, RS-Editora Fi, 2018.

YEGROS, Ricardo Scavone; LILIANA M. BREZZO. **História das relações internacionais do Paraguai**. Fundación Alexandre de Gusmao, 2013.